

Márcia Fabiani

**Maria Elizabeth de Oliveira: a construção do imaginário, da
devoção e da santidade**

Passo Fundo, janeiro de 2006

Márcia Fabiani

**Maria Elizabeth de Oliveira: a construção do
imaginário, da devoção e da santidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof.(a) Dr. Jaime Giolo.

Passo Fundo

2006

Ficha Catalográfica

F117m FABIANI, Márcia.
Maria Elisabeth de Oliveira: a construção do imaginário, da devoção e da santidade. / Márcia Fabiani. – Passo Fundo : [s.n.], 2006.
177 f: il. ; 30 cm
Orientador: Dr. Jaime Giolo.
Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo.
1. Imaginário. 2. Religiosidade popular. 3. Memória. 4. Devoção. 5. Maria Elisabeth de Oliveira – Religião. I. Márcia Fabiani. II. Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História – Mestrado em História. III. Título.

CDU: 215+930.2

Esta dissertação é dedicada àqueles que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho se concretizasse. Em especial, ao Prof. Dr. Astor Antonio Diehl que ensinou, acima de tudo, que a construção do conhecimento histórico pode ser realizada com sucesso, mesmo que o caminho seja tortuoso e marcado por contratempos. Além dele, esta dedicatória se estende à amiga, companheira e fiel escudeira, Tatiane Portílio Lemos, que acompanhou e contribuiu ao longo de todo o processo.

“Maria Elizabeth de Passo Fundo
Foi num momento de dor,
Que vim primeira vez neste túmulo
A implorar a ti com ardor!

Hoje retorno para te agradecer,
E para ao Deus da Vida bendizer,
Pois a alegria, o sorriso e o bem-estar,
Substituíram a dor de nosso lar.

Obrigada, Senhor Deus, pela vida,
Pela saúde, pelo estudo e tudo mais...
Pelas dores e cruzeiras já sofridas,
Por Elizabeth a quem amais”.

Neli M. L. Stangerlin

RESUMO

Essa dissertação tem por objetivo analisar a construção de um imaginário popular-religioso em torno do emblema Maria Elizabeth de Oliveira, a partir da sua morte até 2005. Para tanto, utilizar-se-á da obra de Fidélis Dalcin Barbosa - *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu* – como o marco fundador da memória. Além disso, os jornais passo-fundenses, *Diário da Manhã* e *O Nacional*, como veículos para a publicização da memória. Depois, o conjunto de símbolos e imagens que fazem parte do imaginário. Ainda, uma análise do corpo de devotos, bem como, seus pedidos e agradecimentos. Ou seja, tentar-se-á perceber quais são os elementos envolvidos no processo, como foram construídos, com que intuito, como se mantêm e se dissipam. Enfim, busca-se entender o que está em jogo em relação à devoção em torno de Maria Elizabeth de Oliveira – *a santinha passo-fundense*.

Palavras-chave: imaginário, religiosidade popular, memória, devoção.

ABSTRACT

This paper for the objective have to analyze the construction about a religiou's popular imaginary related over the Maria Elizabeth de Oliveira's emblem, starting since that she died until 2005. For to do this, make necessary use work of Fidélis Dalcin Barbosa "*Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu.*" , as a founder mark of memory. In addition, the Passo Fundo's newspapers, *Diário da Manhã* and *O Nacional*, as médium for the publication of memory. After, symbols and images collection that make parto f imaginary. Are this still, one analyse of the devouts group, and the requests and the many thanks for she. However, intent to realize which are the elements involved in the proces, how the elements remain and how they break up. At last, in a search of the comprehension what is the game of relation abaout a devout over Maria Elizabeth de Oliveira – the little Passo Fundo's saint.

Key-words: imaginary, popular religiou's, memory, devout.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto da despedida de Maria Elizabeth e sua professora.....	32
Figura 2 – Foto da Primeira Comunhão de Maria Elizabeth de Oliveira.....	71
Figura 3 – Principal foto de divulgação de Maria Elizabeth, é a foto que está impressa em orações, livros, santinhos, terços, rosários.....	71
Figura 4 – Foto tirada junto ao túmulo de Maria Elizabeth no Dia de Finados.....	79
Figura 5 – Mesma descrição da figura 3.....	79

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela com o índice da primeira edição da obra de Fidélis Dalcin Barbosa.....	24
Tabela 2 – Tabela com o índice da trigésima edição da obra de Fidélis Dalcin Barbosa.....	42
Tabela 3 – Tabela dos objetos sobre Maria Elizabeth que são comercializados....	100
Tabela 4 – Tabela com a classificação dos visitantes do túmulo de Maria Elizabeth por gênero e quantidade.....	121
Tabela 5 – Tabela com o lugar de procedência e quantidade dos visitantes do túmulo de Maria Elizabeth.....	121
Tabela 6 – Tabela com as cidades que mais visitam o túmulo de Maria Elizabeth.....	122
Tabela 7 – Tabela com a classificação da faixa etária que mais visita o túmulo de Maria Elizabeth.....	123
Tabela 8 – Tabela com as pessoas com qual profissão mais visitam o túmulo de Maria Elizabeth.....	124
Tabela 9 – Tabela com os principais pedidos e/ou agradecimentos que os devotos fazem a Maria Elizabeth.....	126

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ME – Maria Elizabeth de Oliveira

AHR – Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1 A GÊNESE DA <i>ESTRELA NO CÉU</i> : A BIOGRAFIA COMO TEXTO FUNDADOR DA MEMÓRIA.....	20
1.1 O discurso fundador da memória: 1969: surge <i>uma estrela no céu</i>	24
1.2 A versão para o século XXI para <i>Uma Estrela no Céu</i> : mudanças e permanências: saem as dúvidas, ficam as certezas.....	42
1.3 Vão-se as dúvidas, ficam as certezas: comparando casos.....	44
1.4 Representações/Narrativa/Memória: dimensões de um mesmo processo.....	47
2. A PUBLICIZAÇÃO E A LEGITIMAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA IMPRENSA.....	58
2.1 Jornal <i>Diário da Manhã</i> : “centenas de graças”.....	63
2.2 Jornal <i>O Nacional</i> : “A fé que nasceu da dor: flores, uma menina comum, um acidente, flores...”.....	71
2.3 Jornalismo televisivo: <i>Histórias Extraordinárias – Uma Carta para Maria Elizabeth</i>	80
3. A <i>MAIS-VALIA</i> RELIGIOSA: A RELIGIOSIDADE POPULAR E O COMÉRCIO RELIGIOSO EM TORNO DE MARIA ELIZABETH DE OLIVEIRA.....	91
3.1 Maria Elizabeth de Oliveira como um fenômeno popular-religioso.....	93
3.2 A dimensão mítica da religiosidade popular.....	97

3.3 A materialização do fenômeno através da exploração imagética e simbólica.....	100
4. TESTANDO A SANTIDADE: A EXPERIÊNCIA DO MILAGRE.....	106
4.1 Os missivistas e seus anseios.....	107
4.2 E os devotos, quem são?.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
FONTES.....	134
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXOS.....	140

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Outubro de 1989, Márcia Fabiani, então com oito anos de idade, preparava-se para uma cirurgia. O problema: torcicolo congênito. Não era nenhuma doença grave ou rara, era apenas um pequeno “defeito” adquirido quando ainda estava em processo de gestação. Na realidade, uma falha na região do pescoço, onde, um dos nervos estava preso à pele, impossibilitando o desenvolvimento pleno da região. Em termos mais simples, via-se que, o pescoço desenvolvia-se apenas de um lado, ocasionando um desalinhamento. Com isso, sob orientação médica, marca-se uma cirurgia-corretiva.

A mãe, Teresinha Fabiani, grávida, nesse momento de oito meses, sente-se aflita com a situação. Sabia-se que não haviam riscos, porém como no dizer popular, *mãe é mãe*, sempre há preocupação. Como forma de garantir o sucesso da intervenção cirúrgica, mãe e filha dirigem-se ao Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz para pedir à Maria Elizabeth de Oliveira (ME) que interceda junto a Deus para que tudo transcorra dentro da normalidade.

Teresinha já era devota de ME, sabia da menina milagrosa através de outras pessoas, enfim, através da oralidade. Quanto a sua filha, Márcia, não entendia o que acontecia. Acreditava nas palavras da mãe, no entanto, sem saber do que se tratava. Passava pela sua cabeça mil coisas enquanto estava no cemitério. Indagava-se. Quem seria aquela menina que estava na foto do túmulo? Por que motivos as pessoas visitavam seu túmulo e diziam que ela era santa? Eram questões que vinham à mente, mas que logo eram abandonadas.

A mãe, em várias ocasiões, contava que a menina que era santa e havia morrido há muito tempo atrás e que tinha sido atropelada, e que depois de um tempo, havia se tornado santa. Santa? O que significava ser santa? A mãe, prestativa, explicava que ser santo ou

santa era uma coisa muito boa, que todos os santos ajudavam as pessoas necessitadas. Por isso que as pessoas iam até o cemitério visitar o túmulo daquela santinha¹. Era para pedir ajuda, e como na ocasião, Márcia precisava de ajuda, a mãe a levou pela primeira vez ao cemitério para visitá-la.

A experiência, de ir ao cemitério, com oito anos de idade, buscar ajuda de uma desconhecida parecia desconfortável. Mas a mãe garantia a eficácia. Assim, dirigem-se as duas até o local. Teresinha faz suas preces, faz a promessa que se tudo transcorresse bem na cirurgia, ela voltaria e ofereceria rosas vermelhas à Maria Elizabeth. Quanto à filha, essa não entendia muito bem o que se processava. Admirava-se com a grandeza do cemitério, ao mesmo tempo que sentia medo de tudo aquilo. Para ela era um momento diferente por isso gostava.

Quanto à cirurgia, deu tudo certo, foi um sucesso. Teresinha, agora sozinha, pois a filha estava impossibilitada pela cirurgia de sair de casa, vai ao cemitério agradecer pela graça alcançada, oferece flores à menina milagrosa. Teresinha sente-se feliz, pois como muitos afirmavam – a menina realmente é santa – .

Como se não bastasse, Teresinha entrega sua filha, Márcia, aos cuidados de Maria Elizabeth. Essa torna-se a santa protetora de sua filha. Isso simbolizava a perpétua ligação entre a santa a qual ajudou para que tudo corresse bem durante a cirurgia e Márcia, que parecia renascer.

Esse pequeno relato tem por objetivo mostrar ao leitor que o surgimento de uma pesquisa, a definição de um objeto de pesquisa, pode ser como nesse caso o foi, fruto de lembranças, memórias, fragmentos de memórias, algum tema que pudesse causar inquietação, mas ao mesmo tempo, que fosse realmente um problema a ser pesquisado.

Esse processo pode ser perigoso. Isso, em virtude da possibilidade de se olhar para o objeto com sentimento, com adoração, com paixão. Não que isso não possa ocorrer, mas é interessante para o pesquisador tentar manter um distanciamento do seu objeto, o que é bastante difícil de ocorrer e como o objeto aqui definido é fruto de lembrança, torna-se difícil o distanciamento, embora o que se tentará ao longo do trabalho é justamente isso.

Feitas essas considerações preliminares, pode-se partir para o desenrolar do problema que se quer apontar. A intenção do trabalho aqui proposto é o de analisar a

¹ Nessa dissertação utilizar-se-á, também, para se referir a Maria Elizabeth de Oliveira o termo “santinha”. É essa denominação com a qual os devotos se dirigem a Maria Elizabeth. O termo na é o mais adequado visto que Maria Elizabeth não é uma santa oficial. Nem está em processo de canonização, no entanto, o imaginário popular ela é tratada como santa.

construção de um imaginário popular-religioso em torno de Maria Elizabeth de Oliveira, desde sua morte, em 1965 até 2005. Entretanto, antes de iniciar a problematização em torno desse tema, parece interessante fazer uma breve biografia de ME. Isso justifica-se na medida que o leitor tomará conhecimento do objeto a ser pesquisado.

Maria Elizabeth de Oliveira nasceu no dia 06 de fevereiro de 1951, em Passo Fundo. Seus pais residiam em Lagoa Vermelha, a mãe, Leda Morandi de Oliveira, era dona de casa. O pai, Alcides de Oliveira, era funcionário e depois sócio-gerente da empresa Gaúcha Madeireira.

Aos cinco anos de idade, Maria Elizabeth passou a morar com seus avós em Passo Fundo. Isso se deu em virtude da sua entrada no Jardim de Infância no Colégio Notre Dame. Em 1957, passou a estudar no Ginásio Menino Jesus. Paralelamente aos estudos, desempenhava, por incentivo da família, uma intensa vida religiosa, auxiliando os padres da Igreja Matriz Santa Terezinha e participando do coral da igreja. Em 1963, passou a freqüentar o Grupo Escolar Protásio Alves.

Em fevereiro de 1965, seus pais mudaram-se para Passo Fundo, passando a residir na avenida Presidente Vargas². Nessa época, Maria Elizabeth já contava com um irmão, o Roberto, que nascera em 1961³.

A morte de Maria Elizabeth ocorreu no dia 28 de novembro de 1965, num domingo à tarde. Nessa ocasião, ela estava com algumas amigas na esquina da avenida Presidente Vargas com a rua Padre Valentin⁴, quando por volta das 15 horas, uma Kombi, que fazia o transporte urbano pela Empresa de Transporte Vera Cruz, dirigida por Gentil Lima, desgovernada, subiu a calçada atropelando o grupo⁵ que ali se encontrava. Maria Elizabeth ainda chegou ao hospital São Vicente de Paulo com vida, mas alguns minutos depois faleceu, não resistindo aos ferimentos. Externamente, apenas machucou um dedo do pé, os ferimentos que ocasionaram a morte foram internos, hemorragia interna.

² A casa na qual moravam ainda existe, porém, atualmente, esta sendo usada por uma loja de venda de peças de carros - *Sincal Peças e Acessórios*.

³ Atualmente, Roberto Morandi de Oliveira reside em Passo Fundo. Trabalha no ramo comercial, possui uma floricultura, nas proximidades do Cemitério Municipal da Vera Cruz, que leva o nome Maria Elizabeth. Nesse estabelecimento há o comércio, além de flores, de livros, panfletos, “santinhos”, pulseiras, fitas de pulso, réguas, canecas, camisetas, lenços, e outros inúmeros símbolos com imagens de Maria Elizabeth. Em 1967, nasceu a irmã de Maria Elizabeth, Margarete Morandi de Oliveira, essa não conheceu a irmã em vida, pois Maria Elizabeth faleceu em 1965.

⁴ Onde atualmente é uma loja de venda e conserto de bicicletas – Riti Bike.

⁵ Estavam presentes no momento do acidente: Maria Inês Busato, Nair Dallagnese, Jandira Zanotto, Osmar Ferlin. Conforme: BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. 29.ed. Passo Fundo: Berthier, 2000, p. 38-39.

O fato causou consternação na sociedade passo-fundense. Imediatamente após a morte da menina iniciaram histórias a seu respeito. Segundo o que consta na obra de Barbosa⁶ a menina havia previsto a sua morte, que seria atropelada e havia escolhido o próprio caixão. São informações que, segundo Barbosa, colegas de Maria Elizabeth haviam presenciado ela afirmar. Nesse sentido, essas podem ser algumas indicações de como o processo de construção do imaginário em torno de sua figura teve início. Mas essas já são algumas hipóteses, que serão analisadas mais adiante.

Enfim, voltando para o objetivo da pesquisa, o que se quer é analisar a construção de um imaginário popular-religioso em torno do emblema Maria Elizabeth de Oliveira, a partir da sua morte até os dias atuais. Ou seja, entender o porquê da construção desse emblema, quais foram os fatores que possibilitaram a construção do mesmo e por que ele foi criado a partir da figura de Maria Elizabeth de Oliveira. Além disso, busca-se compreender as especificidades desse fenômeno. Em outras palavras, o que torna o caso ME um fenômeno de adoração popular, quais são os elementos que deram e que ainda dão sustentação para o caso, quais são os alicerces que permitem a permanência e a propagação do mesmo.

Outro objetivo é analisar a obra de Barbosa⁷ como o texto fundador da memória em torno de ME. O que se quer é mostrar como essa obra foi determinante no processo de construção de um imaginário em torno de ME.

Além disso, compreender o papel da imprensa nesse processo. Perceber até que ponto ela serviu ou não de alicerce para o fenômeno. Perceber se ela colaborou ou não na construção do imaginário em torno de ME. Ainda, compreender o porquê de os jornais de Passo Fundo, *O Nacional* e o *Diário da Manhã*, logo depois da morte de Maria Elizabeth noticiarem o caso, o desfecho do processo movido contra o motorista da Kombi que atropelou a menina e, entretanto, depois de 1970 até 1998 terem parado de veicularem notícias a seu respeito, visto que o fenômeno já estava construído, a sua imagem como santa já estava estabelecida. É só a partir de 1999 que se volta a divulgar, nos meios de comunicação de massa, notícias sobre Maria Elizabeth. Assim, é curioso atentar para esse fato, saber por que em certos momentos há a necessidade de ver publicado notícias sobre a santa e em outros não. Entender quais são os fatores que fazem com que isso ocorra. Quais são as necessidades, os objetivos que estão por trás desse fato, dessa lacuna encontrada entre 1970 e 1998, e por que, de 1999 até 2004, houve esse retorno.

⁶ BARBOSA, 2000, op. cit., p. 14 -18

⁷ BARBOSA, op. cit., A primeira edição, de 1969 e a última de 2001.

Um outro fator que faz parte desse imaginário é o processo do comércio religioso desenvolvido em torno de sua figura. Assim, busca-se apontar quais são esses objetos e o que significam. Em que medida eles contribuem ou não para a materialização da memória de ME. Some-se a tudo isso, um outro objetivo é quantificar e classificar os devotos de ME. Isso permitirá que se tenha noção, não exata, mas uma noção do conjunto de devotos de ME. Por fim, busca-se identificar e interpretar as cartas que os devotos depositam junto ao túmulo de ME. Isso proporcionará que se tenha uma idéia do tipo de pedidos e agradecimentos que os fiéis fazem.

Para que tudo isso se efetive, ao menos minimamente, a pesquisa ficou distribuída em quatro capítulos. A intenção agora é apresentar sinteticamente cada capítulo, informando o que será desenvolvido e de que forma.

Antes de mais nada, é interessante informar ao leitor que a apresentação de cada capítulo não será muito longa. Isso se justifica na medida que cada capítulo já comporá na sua estrutura – considerações iniciais – desenvolvimento – considerações finais –. Sendo assim, parece que se tornará desnecessária a apresentação minuciosa de cada capítulo. Outra ressalva necessária se refere às questões teórico-metodológicas que serão definidas ao longo do trabalho. Isso, também, será explicitado em cada capítulo, sendo desnecessário, dessa forma, uma problematização maior, ao menos nesse momento.

O primeiro capítulo - *A Gênese da Estrela no Céu: a biografia como texto fundador da memória* – buscou-se pensar na obra de Barbosa⁸, como sendo o texto fundador da memória em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. A intenção foi a de tentar identificar como essa obra permitiu a construção e cristalização de uma memória coletiva em torno de ME. Perceber que elementos estão contidos na obra e que permitiram a construção de uma memória coletiva. Além disso, buscou-se comparar a primeira edição da obra (1969) e a última (2001) com o intuito de apontar as mudanças e permanências, as continuidades e rupturas do fenômeno ao longo do processo histórico. Os pressupostos teóricos desenvolvidos ao longo desse capítulo giraram em torno de três questões: *representações/narrativa/memória*. Como já foi dito anteriormente, parece desnecessário ficar arrolando os autores discutidos, pois, isso tudo está desenvolvido ao longo do texto.

No segundo capítulo – *A publicização e a legitimação da memória através da imprensa* –, o objetivo foi discutir como a imprensa escrita passo-fundense colaborou e ainda colabora para a construção, re-construção, manutenção, publicização e divulgação de

⁸ BARBOSA, op. cit.,

um imaginário em torno da figura de Maria Elizabeth de Oliveira. Em outras palavras, buscou-se perceber até que ponto a imprensa serviu e ainda serve de alicerce para o fenômeno, visto que ela, em geral, desempenha um papel primordial na construção e quiçá manipulação da opinião pública. Para tanto, os veículos impressos que foram utilizados correspondem aos dois principais jornais de Passo Fundo: *Diário da Manhã* e *O Nacional*. Além disso, analisou-se o episódio *Uma Carta para Maria Elizabeth*, da série *Histórias Extraordinárias*, produzida pela RBS-TV do Rio Grande do Sul, e exibida, aos sábados, durante o ano de 2004. A discussão teórica ficou por conta de questões como: *manipulação na imprensa, construção de imaginário, construção de discurso*.

No terceiro capítulo - *A Mais-valia Religiosa: a religiosidade popular e o comércio religioso em torno de Maria Elizabeth de Oliveira* -, o objetivo foi discutir o fenômeno da religiosidade popular em torno de ME. Outra discussão proposta para esse capítulo foi a questão do comércio religioso desenvolvido em torno do caso. Pois, como ficou claro, há uma grande utilização de símbolos, imagens e ritos nesse processo. Por fim, buscou-se problematizar a questão mítica que envolve tudo isso. Ou seja, tentou-se perceber a religiosidade popular como um espaço de manifestação do mítico. Para tanto, em termos teórico-metodológicos, atentou-se para algumas questões: *imagens, símbolos, mitos, ritos, comércio religioso, religiosidade popular*. Em termos metodológicos, o que se fez foi um levantamento e posterior problematização, das imagens, símbolos e ritos que são associados à imagem de ME.

No quarto e último capítulo - *Testando a santidade: a experiência do milagre* -, a intenção foi a de tentar mapear o conjunto de devotos de Maria Elizabeth de Oliveira através das cartas que os mesmos depositam junto ao túmulo da menina com seus respectivos pedidos e agradecimentos. O que se quis foi tentar classificar as cartas dos devotos em temáticas tentando perceber quais são os principais problemas que os devotos desejam resolver, quais são as maiores angústias, aflições. Tudo isso, discutindo juntamente com o conceito de milagre. Além disso, outro objetivo desse capítulo foi o de tentar mapear o conjunto de devotos de ME. Isso foi possível através do Livro de Visitas deixado junto ao túmulo da santinha. Através dele foi possível perceber quem são os devotos de ME, qual o gênero predominante dos devotos, qual a idade, qual a procedência, que profissão desempenham, e por fim, o buscam.

Com tudo isso, acredita-se ser possível tentar entender o que está por trás da devoção em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. No entanto, já se pode afirmar que o que está posto na mão são certezas, mas apenas hipóteses acerca do objeto em estudo. Além disso,

torna-se necessário deixar claro que não há interesse nesse trabalho de refletir sobre a validade ou não da santidade de Maria Elizabeth, mas sim, o processo de construção do mesmo. O trabalho aqui proposto não tem a pretensão de estabelecer verdades a partir de provas concretas, o que se quer é analisar o que está envolto no processo, os discursos, as representações, os imaginários, a devoção e a santidade. No entanto, isso não representa um descomprometimento com a produção do conhecimento, mas apenas uma flexibilização dos métodos, objetos, temáticas e tendências para a produção do conhecimento histórico.

1. A Gênese da *Estrela no Céu*: a biografia como texto fundador da memória

Elizabeth

Elizabeth!

*Eu te dou uma rosa, Menina Formosa,
Se tu, a meus rogos, disseres: Amém.*

Elizabeth!

*Te dou muitas rosas de prece, olorosas,
Se levas meus rogos a Deus, Sumo Bem!...*

Elizabeth!

*Disseste, na Terra, que a todos darias
Mil rosas vermelhas... Amor... Alegrias...
As rosas (sabias!) também têm espinhos!
E lembram quão breves são nossos caminhos
Na vida, que ostenta belezas fugazes!
Que é frágil, tão breve, que a tudo responde
Num esquite dourado, que o pó logo esconde!...*

Elizabeth!

Disseste com graça: “eu serei Rainha!”...

- Rainha, sem jaça, tu és hoje, sim!

Na Corte Celeste te aclamam felizes,

Os Anjos, os Santos... Oh, reza por mim!

Elizabeth!

*Ninguém se recorda, talvez por acaso,
- Herdaste este nome, qual um talismã:
De duas Rainhas, que, sobre os altares,
Ostentam, em seus mantos, só rosas louçãs!...*

*Eu creio que elas se sentem faceiras
Porque as honraste na Terra: é verdade!
- És hoje um modelo para as brasileiras:
No lar, nas escolas, na sociedade!*

Maria Elizabeth!

*E a Virgem Maria... então, que direi?!
- Rainha aclamada pelo Amo Rei!...
A ela, tão logo foste consagrada...
Oh! Dita!... Oh! Ventura!...
Nem digo mais nada.*

*Stella Taborda
Bagé, 04.06.1970⁹*

⁹ Poema retirado da obra: BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. 29ª. ed. Passo Fundo: Berthier, 2000. p. 90-91.

Neste capítulo, a proposta é analisar a obra *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*, de autoria de Fidélis Dalcin Barbosa¹⁰, como sendo o texto fundador da simbologia em torno de Maria Elizabeth. O objetivo é discutir de que forma esse texto contribuiu na construção de uma memória coletiva em torno da menina, bem como perceber em que medida ele ainda contribui na cristalização e manutenção desse processo. Além disso, pretende-se comparar a primeira edição do livro, que é de 1969, com a última até então publicada, que é a trigésima edição, cuja publicação se deu em 2001. Essa comparação permitirá que se aponte qual era o objetivo do autor em 1969, que tipo de memória buscava-se construir. Ainda, a partir disso, poderá ser percebido o que a edição de 2001 trouxe de novo, que elementos diferentes estão postos em relação à edição de 1969, o que foi suprimido e o que foi acrescido. Isso dará uma noção das mudanças e permanências dessa memória.

Para que tal tarefa se efetive buscar-se-á discutir alguns pressupostos teóricos com a finalidade de tentar dar coesão e coerência à proposta inicial. Tais pressupostos serão ancorados num tripé conceitual: *representações/narrativa/memória*. O intuito é trabalhar a obra de Barbosa a partir desse tripé.

Somado a tudo isso, tentar-se-á buscar alguns indícios que dêem conta da problemática em torno do porquê do interesse de Barbosa em escrever o livro – de caráter biográfico – sobre Maria Elizabeth. Isso é relevante, pois permite observar quais eram os objetivos do autor, o que ele queria com a obra.¹¹

Barbosa escreveu 55 livros, na maioria romances, mas também, reuniu em algumas de suas obras dados referentes à história de municípios como: Lagoa Vermelha, Antonio Prado, Caseiros, Ibiaçá, entre outros. Dedicou-se, também, à elaboração de biografias. Dentre os biografados estão Amábile Visintainer (Madre Paulina) e Rita Amada de Jesus, fundadoras de Congregações Religiosas de origem italiana, brasileira e portuguesa. Nessa sua grande lista de publicações, a mais difundida, sem sombra de dúvidas, é *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*, publicada, como já foi dito, em 1969 e reeditada pela trigésima vez em 2001.¹² Nesse sentido, torna-se relevante a análise e interpretação desse livro, visto que, tornou-se uma das principais fontes para difusão, elaboração e

¹⁰ BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. Caxias do Sul: São Miguel, 1969.

¹¹ Em relação à biografia do autor da obra *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*, Fidélis Dalcin Barbosa, apurou-se que ele nasceu em 1915, no interior de Carlos Barbosa – RS e faleceu, em Lagoa Vermelha, em 1997. Durante boa parte de sua vida residiu em Lagoa Vermelha, onde, por trinta anos desempenhou as atividades de sacerdote e escritor pela Ordem dos Capuchinhos.

¹² Os dados biográficos referentes a Barbosa foram retirados de: BARBOSA, 2000, op. cit., p. 80-81

manutenção da memória de Maria Elizabeth, e por ser o próprio livro resultado de lembranças.

A partir desses dados pode-se elencar algumas hipóteses sobre o porquê de Barbosa ter escrito a biografia de Maria Elizabeth. Embora, já se possa afirmar de antemão que não será possível ir muito além de hipóteses, visto que, tem-se apenas pistas, vestígios, indícios, a partir dos quais tentar-se-á ancorar as possibilidades.

Uma das pistas pode ser pelo fato da família de Maria Elizabeth ter residido por alguns anos em Lagoa Vermelha. Nessa cidade, Alcides de Oliveira – pai de Maria Elizabeth – desempenhou a atividade de sócio-gerente da Gaúcha Madeireira filial Lagoa Vermelha. Os avós maternos de Maria Elizabeth eram naturais de Lagoa Vermelha. Mais tarde vieram morar em Passo Fundo. Sendo assim, devido a essa ligação da família de Maria Elizabeth com Lagoa Vermelha, pode ser que Barbosa, sabendo e acompanhando o caso, tivesse interesse em biografar a vida da menina.

Outra pista refere-se ao fato de Barbosa conhecer a família de Maria Elizabeth de Oliveira, vindo daí seu interesse. Uma pista que não pode ser descartada é a de que a família pudesse ter “encomendando” um livro sobre Maria Elizabeth. Todas essas são suposições, como tal, podem ser refutadas, descartadas, invalidadas na medida em que se postulam outras hipóteses mais plausíveis, que se fundem em novos elementos os quais apresentam-se como capazes de ancorar outras “versões” sobre o fato.

Outro fato a ser levado em consideração e que pode justificar a elaboração da obra está calcado na própria figura de Barbosa, o qual, como integrante da Igreja Católica, e a serviço dessa mesma instituição poderia estar tentando “criar”, “elaborar” um santo para a região.

Assim, nenhuma das hipóteses pode ser descartada. Talvez com uma pesquisa de maior fôlego se possa chegar aos concretos motivos que levaram à construção da obra. No entanto, esse não é o objetivo do trabalho aqui proposto. A preocupação não é entender o porquê da obra ter sido escrita. Mas sim, compreender o significado da mesma. O que ela se propõe a construir.

Feitas essas considerações iniciais, pode-se partir para a exposição da obra de Barbosa. Primeiramente será apresentada a edição de 1969, depois, a de 2001. A apresentação se dará sob a forma de eixos temáticos expostos na obra. Os capítulos serão agrupados por temas para que se possa ter uma noção do conjunto. Por fim, será feita a comparação entre ambas para se tentar alcançar os objetivos acima propostos. Feito tudo

isso, será possível discutir alguns elementos presentes nesse processo. Tais elementos são: *representações/narrativa/memória*.

1.1. O discurso fundador da memória: 1969: surge *uma estrela no céu*

A primeira edição do livro *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu* é de 1969. Conta com 135 páginas e com considerável número de fotografias de Maria Elizabeth. Ao todo são 41 capítulos. Julga-se ser interessante relacionar os capítulos a fim de que o leitor possa ter uma idéia da obra e de quão sugestivos são tais capítulos. A partir deles já se pode ter um panorama geral do texto, bem como a intenção de Barbosa.

Índice

1. <i>A trágica morte de Domicio Dalcin</i>	21. <i>A trágica notícia</i>
2. <i>Será mesmo histeria?</i>	22. <i>Estava escrito</i>
3. <i>Um depoimento</i>	23. <i>Os funerais</i>
4. <i>Será tudo casualidade?</i>	24. <i>O vestido azul</i>
5. <i>Será sugestão?</i>	25. <i>O lar da menina</i>
6. <i>Domingo vou morrer</i>	26. <i>Rosas para mim</i>
7. <i>Serei uma rainha</i>	27. <i>Desserviço à Religião?</i>
8. <i>Eu vou morrer debaixo de um carro</i>	28. <i>Vou mostrar quem sou</i>
9. <i>O meu caixão</i>	29. <i>Festa de 15 anos no céu</i>
10. <i>A foto da despedida</i>	30. <i>Um Acróstico</i>
11. <i>A grande viagem</i>	31. <i>A coroa da rainha</i>
12. <i>A despedida</i>	32. <i>Os pais</i>
13. <i>O perfume</i>	33. <i>O nascimento de Maria Elizabeth</i>
14. <i>O braço do gigante</i>	34. <i>Os primeiros anos de vida</i>
15. <i>O primeiro pão</i>	35. <i>Em Veranópolis</i>
16. <i>Uma estrêla no céu</i>	36. <i>A Primeira Comunhão</i>
17. <i>Será êxtase?</i>	37. <i>Ginasiana</i>
18. <i>Prelúdios da tragédia</i>	38. <i>Santa?</i>
19. <i>Na rua Padre Valentim</i>	39. <i>Gentil Lima</i>
20. <i>O acidente</i>	40. <i>Margareth</i>
	41. <i>A Capela</i>

O livro apresenta uma biografia detalhada de Maria Elizabeth. Entretanto, o foco principal recai sobre a sua singularidade, ou seja, sobre os fatos que a diferenciava das pessoas que a cercavam, como por exemplo, o capítulo dedicado ao momento em que Maria Elizabeth previu a morte, fato que, segundo ela, se daria num domingo (note-se que de fato ocorreu num domingo), e que seria atropelada por um carro. Ou então, ao capítulo dedicado à narrativa do dia em que ela escolheu o caixão em que queria ser enterrada.

O que se pode perceber, em síntese, é que no referido texto estão presentes alguns indícios que podem ter auxiliado e ainda auxiliar no processo de composição do imaginário em torno do emblema. O que se vê é a tentativa de construir uma imagem de Maria Elizabeth como um modelo de conduta, até mesmo podendo-se arriscar, como uma “santa”. A obra será exposta em agrupamentos temáticos para que se possa ter ao menos uma noção da mesma, possibilitando, assim, um melhor entendimento dos objetivos de Barbosa.

Os depoimentos

Os capítulos referentes aos depoimentos são vários¹³. É interessante pensar que Barbosa já inicie sua narrativa com a exposição de milagres ligados à Maria Elizabeth de Oliveira. O autor não se preocupa em biografar a menina, mas sim, em compor um quadro de santidade em seu entorno. Isso já se evidencia no primeiro capítulo, intitulado de – *A trágica morte de Domício Dalcin* – o qual se refere a uma experiência pessoal do próprio Barbosa em relação à ME.

No referido capítulo, Barbosa relata como ocorreu a morte de seu irmão Domício Dalcin, no dia 22 de dezembro de 1966. Domício faleceu vítima de um acidente de carro quando regressava de Montevidéu para sua casa em Bento Gonçalves. Nessa ocasião Barbosa estava hospedado na casa de seu irmão.

¹³ Os cinco primeiros capítulos (que podem ser vislumbrados na página anterior – conforme tabela) são dedicados a expor casos de graças alcançadas e milagres obtidos sob a intercessão de Maria Elizabeth de Oliveira.

Barbosa relata que com a notícia a família toda ficou muito consternada, principalmente a esposa de seu irmão. Barbosa afirmou não saber como lidar com a situação, até que:

Tive uma feliz inspiração. Lembrei-me logo da filha do meu amigo Alcides de Oliveira, a qual já me valera em várias situações difíceis. Vendo que minhas palavras nada valiam para acalmar aquela alma em pranto, afastei-me de perto da cunhada e de sua filha. Retirei-me para o quarto e rezei com toda fé: Bete, você, que também morreu sob as rodas de um carro, faça com que nesta casa haja conformidade com a vontade de Deus. Dá-nos resignação cristã diante deste rude golpe. Senti logo, senti claramente, que minha prece fôra ouvida... E a graça principiou logo a trabalhar maravilhosamente. O céu inspirou-me palavras eleitas, surpreendentes, para dispor o ânimo da cunhada e receber a notícia fatal. Inacreditável! Dir-se-ia um autêntico milagre. Aquela jovem mulher que até aqui gritava num desespero inconcebível, transformou-se num instante, como por encanto.¹⁴

Nessa passagem é interessante chamar a atenção para dois elementos. O primeiro refere-se ao fato de Barbosa explicitar a sua amizade para com Alcides de Oliveira. Isso, de certa forma, vai corroborar a hipótese anteriormente levantada sobre o interesse do autor em biografar Maria Elizabeth. Outro elemento a ser registrado é o fato de o autor, em 1966, ou seja, apenas um ano após a morte da menina, afirmar que recorreu várias vezes ao seu poder de intercessão junto a Deus. E o principal nesse caso, é o depoimento que Barbosa faz afirmando, de fato, o poder da menina. Depois disso o autor ainda acrescenta:

Não hesitei em acreditar que minha prece, feita com tanta fé, naquele instante de tamanha aflição e desespero, fôra atendida. Era mais uma bênção de Maria Elizabeth de Oliveira, bênção que eu devia agradecer de maneira condigna. Por isso, fui um dia a Passo Fundo. Fui à casa de seus pais. Entrei no quarto dela, o quarto que ainda se conservava como ela o deixou. E lá, ao colocar os pés naquele quarto todo florido de rosas, eu recebi em cheio uma forte lufada de suavíssimo perfume. Um gostoso perfume que, infelizmente, foi de efêmera duração. [...] Pois aquele delicioso perfume que eu senti tão vivamente, não teria sido a confirmação de que o meu apêlo, lá na casa do meu irmão, naquela hora de angústia e desespero, fôra ouvido, e de que ela, a Maria Elizabeth, fôra de fato minha advogada, aquela que intercedera por nós junto a Deus?¹⁵

Aqui, há a primeira referência aos símbolos que são associados à Maria Elizabeth: a presença de rosas e o cheiro do perfume. É o processo de construção da memória através da experiência do próprio autor. É uma experiência individual, que ao passo que é divulgada e conhecida por outros indivíduos torna-se uma experiência coletiva.

¹⁴ BABROSA, 1969, op. cit., p. 10

¹⁵ BARBOSA, Ibidem., p. 13

Já em relação ao segundo, terceiro, quarto e quinto capítulos, respectivamente – *Será mesmo histeria?, Um Depoimento, Será tudo casualidade? Será sugestão?* – o que se vê é que o autor busca construir a idéia de que a devoção em torno de ME tenha começado já no dia de sua morte e isso se confirma, segundo o autor, com a grande visitação em seu túmulo, bem como os depoimentos que atestam a santidade da menina.

O capítulo dois é dedicado ao registro do fato de haver uma grande visitação ao túmulo de Maria Elizabeth. Dá-se uma dimensão bastante considerável ao processo, apresentando-o como um movimento espontâneo. Além disso, tenta-se engrandecer o episódio da morte, tentando afirmar que desde o dia da morte da menina o movimento de devoção e fé foi despertado. Outro fato a ser considerado são as cifras que o autor dispõe, como por exemplo, que uma “numerosa e contínua romaria passou a se dirigir ao túmulo de ME para pedir a agradecer por graças, além de depositar muitas rosas, montanhas de rosas”.

[...] no mesmo dia 28 de novembro de 1965, dia da morte de Maria Elizabeth de Oliveira, pessoas, ao escutar através do rádio a notícia da horrível tragédia, pediram e alcançaram graças invocando a proteção de Deus por intercessão da alma da pequena morta. A sepultura dela transformou-se logo, inexplicavelmente, de maneira impressionante, em ponto de contínua e numerosa romaria de pessoas pedindo e agradecendo favores e depositando flôres aos pés do túmulo. Muitas flôres. Rosas. Muitas rosas. Montanhas de rosas. Um fato nunca visto em Passo Fundo e quiçá em todo Brasil.

Já nos capítulos três, quatro e cinco são elencados vários depoimentos referentes a milagres concedidos por intermédio da menina milagrosa. Ao todo, são descritas onze situações que atestam casos de milagres. Barbosa procura ancorar suas afirmações em depoimentos com o objetivo, ao que parece, de dar maior credibilidade ao seu discurso. No capítulo três ele se utiliza do depoimento de uma figura pública de Lagoa Vermelha com o intuito de mostrar que a devoção e a fé em torno de ME não se dava apenas entre pessoas menos esclarecidas, mas que o fenômeno alcançava todos os setores da sociedade. O depoente Antonio de Moraes Gentil dá o seu veredicto sobre o caso, é o momento em que uma figura expoente dentro da sociedade fala e resolve o caso, dando seu aval sobre o fato. Tal depoimento, datado de 1969, afirma:

Conversei longamente com estas pessoas. Fiz muitas observações e acabei constatando casos notáveis. Vi aquela contínua romaria ao cemitério, aquela quantidade de buquês de flores. [...] A quantidade imensa de missas mandadas celebrar na intenção de M.E. Vi médicos, advogados, sacerdotes, professores, pessoas esclarecidas e pessoas sem prática de religião, dobrarem-se diante do túmulo da M.E. Convenci-me de que tudo aquilo não podia ser fruto de

sugestão. É uma coisa impressionante. Só descrê desta verdade quem seja cego da alma.¹⁶

Já os dois últimos capítulos dessa temática são dedicados aos depoimentos dos fiéis que a menina já havia angariado. São falas que atestam e registram situações onde obteram milagres. E o mais interessante é que Barbosa se preocupa em apontar casos diversos. Como por exemplo, registros de cura de doenças após as orações e pedidos dirigidos à Maria Elizabeth. Outro diz respeito a um episódio onde o carro havia estragado e não funcionava, entretanto não apresentava o defeito. Após orações e pedidos à ME o carro imediatamente voltou a funcionar. Barbosa encerra o capítulo cinco dizendo: “Mas devo parar por aqui, porque se eu quisesse contar aqui todos os casos de que tenho conhecimento, poderia encher dez volumes, pois é muito raro que uma pessoa que se diz agraciada tenha só um caso.”¹⁷

O interessante nesses casos é que Barbosa procurou descrever situações diferentes umas em relação às outras. Isso sugere a “eficácia” de Maria Elizabeth. Que seu poder é grande. Que as graças alcançadas por seu intermédio são de natureza diversa, incentivando os fiéis a praticarem sua devoção sem restrição alguma. Esses relatos funcionam como estímulo para que as pessoas recorram em qualquer situação a ME, desde casos de saúde até casos mais corriqueiros, como perda de objetos. Enfim, é o sagrado adentrando no cotidiano, no profano.

Em síntese, o que chama a atenção nesse primeiro momento é que Barbosa de fato quer, tem a intencionalidade de construir uma santidade em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. Isso se evidencia na forma como o autor inicia sua obra, ou seja, já de início tem-se o contato com depoimentos e situações que atestam o poder milagroso que a menina possui e o autor corrobora com isso ao dar o seu próprio veredicto sobre o caso quando afirma ter recorrido aos poderes de ME. O que se quer mostrar com isso é que Barbosa buscava sim construir um fenômeno religioso.

Outro fator a ser considerado são as interrogações que o autor coloca ao leitor nos capítulos – *Será mesmo histeria? Será tudo casualidade? Será sugestão?* Num primeiro momento, ter-se-ia a idéia de que o autor está querendo levantar dúvidas em torno do caso. No entanto, isso não se confirma em virtude de o próprio autor arrolar vários depoimentos e o seu próprio atestando a santidade. O que se vê, então, é um jogo narrativo com a

¹⁶ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 19

¹⁷ BARBOSA, Ibidem., p. 31

intenção de afirmar o seu objetivo, qual seja – o de tornar Maria Elizabeth de Oliveira uma santa – .

Antevendo o futuro

Nesse eixo temático serão elencados e analisados os capítulos referentes aos momentos de revelação de Maria Elizabeth de Oliveira. São os capítulos onde se encontram outros e novos elementos que buscam fundar e sedimentar a santidade de ME.

Os capítulos dedicados a buscar na personalidade de ME a singularidade são inúmeros¹⁸. Seguindo a ordem dos capítulos, o que se pode encontrar é uma narrativa bastante elucidativa da intenção de Barbosa. Ou seja, o autor quer, de toda forma, buscar na vida de ME subsídios que dêem conta de fundar uma santidade. No entanto, não está em jogo nesse momento questionar a veracidade desses fatos expostos na obra. O que se quer é analisar o efeito da mesma, o que esse texto produziu e produz no leitor.

Para elucidar o exposto acima segue-se a exposição dos capítulos referidos. O capítulo 6 versa sobre o episódio do dia 20 de novembro, dia em que os alunos do Colégio Estadual de Passo Fundo (hoje Protásio Alves) se dirigiram para acampar junto à barragem do Capingüí. ME não teve a permissão dos pais para poder ir junto com os colegas ao passeio. Até aí tudo bem, entretanto, no transcorrer do passeio um aluno do colégio, Arno Koop, morreu afogado na barragem.

O episódio causou grande comoção em todo colégio. Segundo Barbosa:

Segunda-feira, a aula dos colegas é na sala do velório... Mas ME é singularmente esquisita. Parece que tem inveja do colega que morreu. Ela gostaria de encontrar-se no lugar do Arno. Faz mais. Ela declara categoricamente, mais de uma vez, entre seus colegas: Domingo que vem, sou eu que vou. [...] Mas ninguém se importa com a “brincadeira”. Todos já sabem que é costume dela “brincar” de morrer. Ouvem-se todos os dias declarações dela de que gostaria tanto de morrer. Pois é verdade. Tão diferente dos outros! Diferente sobretudo em face da morte. A morte para ela é o mesmo que a vida.

¹⁸ Os capítulos são: cap. 6 – *Domíngo vou morrer*; Cap. 7 – *Serei uma rainha*; Cap. 8 - *Eu vou morrer debaixo de um carro*; Cap. 9 – *O meu caixão*; Cap. 10 – *A foto da despedida*; Cap. 12 – *A despedida*; Cap. 14 – *O braço do gigante*; Cap 15 – *O primeiro pão*; Cap. 17 – *Será Êxtase?* ; Cap. 18 *Prelúdios da tragédia*.

Não, a morte para ela é melhor do que a vida. “Mãe, eu gostaria tanto de morrer. Este mundo é tão ingrato, tão cheio de maldade, de ódio. Eu gostaria de morrer, de ir para junto de Deus, no céu”.¹⁹

Esse capítulo é exemplar ao tentar dar a dimensão de como ME se relacionava com a morte e com a vida. Além disso, de caracterizá-la como diferente de seus colegas. De uma postura diferente, “esquisita”. O relato do desejo de ME em morrer faz com que o próprio episódio da morte se justifique. Há a sugestão de que ME fez sua escolha, sua preferência era a própria morte. Era uma forma dela se libertar das maldades do mundo terreno, para juntar-se ao reino dos céus. Esse capítulo é bastante comovente no sentido que sensibiliza o leitor para o fato de ME estar esperando e almejando pelo encontro com Deus. Barbosa, nesse momento, procura buscar traços que denotem momentos de revelação de ME.

No capítulo subsequente mais uma vez aparece o elemento revelação. Barbosa sugere, mais uma vez, um momento de previsão que a menina faz.

Na época em que esses fatos se processam, se é que se processam, pois é difícil imaginar o que pode ter sido a existência concreta de ME, visto que sua existência está envolta numa rede de mistério e revelações, os pais de ME residiam em Lagoa Vermelha, eles regressavam a Passo Fundo todos os finais de semana para visitar a filha, que nessa época residia com os avós maternos.

Na semana que se seguiu à morte do colega de Maria Elizabeth, ela recebeu um convite para se candidatar à Rainha dos Estudantes. Seus pais negaram o pedido. Ao que ME declarou: “ - Não faz mal. Um dia serei rainha. Serei Miss Universo. Serei coroada. E a senhora ficará muito contente. Verá meu nome e o meu retrato publicado em jornais e revistas. A senhora vai ver.”²⁰

A narrativa nesse capítulo foi construída de uma forma que faz com que os leitores percebam o ar de previsão de ME. É como que envolvendo o leitor nessa trama. Essa trama leva o leitor a deduzir que ME tornar-se-ia rainha, miss, mas não na terra, e sim no céu. Rainha do céu, coroada por Deus. Enfim, busca-se criar um universo mágico em todo o processo. Nos menores detalhes são encontradas ou produzidas possibilidades que apontem para a santidade de Maria Elizabeth.

Ainda mais exemplar é o capítulo 8 e 9, respectivamente, *Eu vou morrer debaixo de um carro* e *O meu caixão*. No primeiro, novamente Barbosa procura descrever mais um

¹⁹ BARBOSA, 1969, op.cit., p. 33-34

²⁰ BARBOSA, Ibidem., p. 35

momento de revelação de ME. Esse teria se processado por volta de 15 dias antes da morte da menina. Nessa ocasião, ela e uma amiga que tinham acabado de cortar o cabelo e estavam dirigindo-se para casa quando um carro quase atropelou ME. O diálogo que Barbosa descreve apresenta-se dessa forma:

- Viu, Bete, não fôsse eu, você estaria morta.
- Deixa. Então você não sabe que vou morrer debaixo de um carro?
- Por favor, Bete, não diga uma coisa dessas.
- É sim. Você vai ver. Eu vou morrer debaixo das rodas de um carro.²¹

Em relação ao segundo, vê-se mais um episódio, Barbosa busca singularidades que possam atestar momentos de revelação em Maria Elizabeth. O episódio descrito nesse momento é de quando, supostamente, a menina escolheu o caixão em que queria ser enterrada.

De acordo com Barbosa, no dia 24 de novembro de 1965, ou seja, quatro dias antes da morte da menina, ela e sua colega Marilda passaram diante da Casa Funerária Cogo, localizada na Avenida Brasil.

- Diz ME: - Marilda, eu vou entrar aqui para escolher o meu caixão. Olhe, é aquele amarelinho ali.
- Bete, tu estás louca?
 - Não, Marilda, aquele vai ser meu caixão. Olhe bem. Já sabes qual é. Que tal, uma rainha dentro desse lindo caixão?²²

E prossegue:

- Domingo, dia 28, amigos levam o seu Alcides à Casa Funerária Cogo, para escolher o caixão da filha morta sob as rodas da Kombi. [...] Ele entra. Olha os caixões. O seu Darcy Cogo pergunta:
- Qual é que o senhor deseja, seu Alcides?
 - Aquê, responde, apontando o lindo caixão de côr de ouro, o caixão que a filha já havia escolhido.
- A colega vai ao velório, já esquecida da “brincadeira” da amiguinha. [...] Marilda não se contém, solta um grito e chora. Depois ela se explica em pranto: a Bete me disse que seria sepultada dentro dêste caixão.²³

Em, *A foto da despedida*, título do capítulo 10, Barbosa procura envolver o grupo escolar no qual ME participava nesse universo mágico no qual ME estava inserida. Isso dá à narrativa de Barbosa, o caráter de veracidade. Neste capítulo, Eny Sampaio, professora

²¹ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 37

²² BARBOSA, Ibidem., p. 38-39

²³ BARBOSA, Ibidem., p. 39

de Educação Física de Maria Elizabeth junto ao Colégio Estadual de Passo Fundo (hoje Protásio Alves), depõe sobre um episódio bastante singular que teria ocorrido no dia 26 de novembro de 1965 (dois dias antes do acidente). Segundo a professora, nesse dia estava programada uma festa para comemorar o término das atividades na escola. Uma festa com brincadeiras, jogos. Nesse dia, também, tiraram muitas fotos, as alunas com a professora. Mas: “[...] Elizabeth insistia, insistia: Professôra, eu preciso tirar uma fotografia com a senhora²⁴. Mas só com a senhora. Como se estivesse despedindo uma da outra... Foi o que me impressionou. [...] Foi uma despedida que ela quis fazer de mim. Eu nunca mais vi a menina.”²⁵

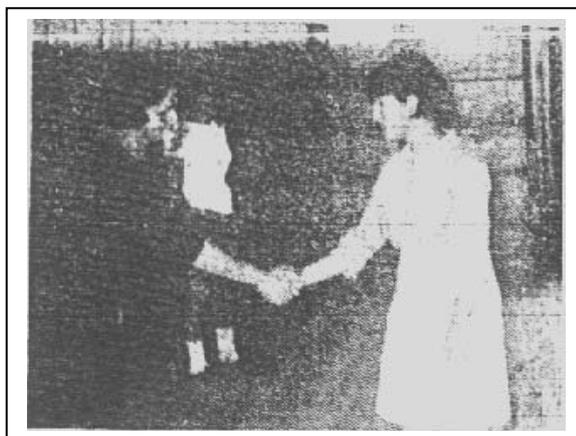


Figura 01

Essa seria a foto a qual a professora se refere

Nos capítulos 12, 14 e 15, respectivamente, *A despedida*, *O braço do gigante*, *o primeiro pão*, percebe-se que Barbosa procura envolver nesse emaranhado de previsões, revelações, não apenas amigos, professores e a própria ME, mas também, a própria família de ME. Isso se evidencia quando Barbosa, no capítulo 12, afirma que ME se despede de conhecidos afirmando que morreria em breve. Nesse caso trata-se da mãe de uma colega de ME que há muitos anos estava doente e que recebia freqüentes visitas de Maria Elizabeth.

Numa dessas visitas a menina se despede da mãe de sua colega dizendo que iria morrer. Nesse trecho, novamente o autor busca as possíveis relações da menina com o sobrenatural.

²⁴ A foto segue abaixo. Fonte: BARBOSA, op. cit.

²⁵ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 40-41

Além disso, outro elemento importante apontado é o fato de ME visitar muitas vezes a mãe de sua colega que a muito se encontrava em estado doentio. Mais uma vez o traço de santidade está presente, o conforto espiritual aos doentes.

Esses momentos de presságios se repetem, atingindo a própria mãe de ME, como afirma Barbosa. Nos dias 24, 25 e 26 de novembro dona Leda, durante a noite, teria ouvido vozes que clamavam seu nome. Barbosa quer envolver a todos na trama. Não é só Maria Elizabeth alvo de sentimentos, emoções, visões, presságios. Sua mãe também está envolta nesse emaranhado de mistério e magia. Parece que o autor quer anular a possibilidade de devaneios juvenis de Maria Elizabeth ao afirmar que fenômenos fora do comum acometiam também à mãe da menina, e não só a ela. Prosseguindo, o clima de mistério permanece. Agora a vítima é o pai de Maria Elizabeth. Dia 27 de novembro, sábado, como de costume seu Alcides retorna a Passo Fundo para passar o final de semana com a família.

Tudo parece transcorrer bem até que:

Precisamente ao transpor a ponte da entrada da cidade de Passo Fundo, é assaltado [Alcides] subitamente por estranho sentimento da mais acabrunhadora tristeza. Um abatimento sem nome e sem termo. Uma melancolia de morte, inexplicável, misteriosa, que o prostra, a êle, um gigante, aquêle homem robusto e jovem [...]. Domingo ele levanta ainda mais indisposto. Tão abatido e triste que não agüenta em pé. [...] Ao meio-dia levanta para comer alguma coisa e torna a deitar-se. Naquela refeição êle quase não se alimenta, mas prova do pão amassado pela filha, o primeiro pão feito por Maria Elizabeth.²⁶

Esse trecho revela a forma como o pai se envolve nesse clima. Além disso, traz à tona um elemento sagrado: o pão, que na simbologia cristã representa o corpo de cristo. Essa cena em que a filha alimenta o pai com o corpo de cristo compõe um cenário sagrado maior. É um tipo de preparação, um ritual à espera da morte. Parece que todos estão prontos, senão prontos, ao menos avisados que algo de extraordinário estava por acontecer.

Os dois últimos capítulos desse eixo buscam mostrar que a capacidade de ME ia além de seu tempo, sua singularidade. No capítulo 17 – *Será Êxtase?* – O autor busca em ME fatos que justifiquem sua morte, o que se evidencia na seguinte passagem:

Na idade de quatro anos, Maria Elizabeth começou a ter, quase todos os dias, momentos de distração, uma espécie de arrebatamento, de arroubo, de êxtase. Estava alguém conversando com ela, de repente a menina desviava o olhar para longe, não prestava atenção a mais nada. Dir-se-ia que pensava em algo importante, tão importante que lhe absorvia totalmente a atenção.²⁷

²⁶ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 51-52

²⁷ BARBOSA, Ibidem., p. 56

Essa passagem ajuda compor o processo singular que se revelou ser a vida da menina. A intenção é apontar que tal singularidade não surgiu de uma hora para outra, mas sim, que a acompanhou desde os primeiros anos de vida até o falecimento. Dá-se a entender que a menina estava “desligada”, desprendida desse mundo. Tenta-se justificar a sua morte como uma conseqüência de seu desejo. A vontade da menina era essa. Isso estava ora implícito, ora explícito em suas ações, seus gestos, seu comportamento, enfim, sua existência, segundo Barbosa, parece ter ensejado que seu fim se desse tão cedo.

O capítulo 18 – *Prelúdios da tragédia* – busca descrever o dia da morte da menina. Barbosa ateve-se em descrever o domingo do dia 28 de novembro. Segundo o autor Maria Elizabeth expressava uma alegria fora do comum. No entanto, seu pai mostrava-se bastante abatido.

No domingo à tarde ME iria ao cinema com seus pais. Ela havia dito a sua colega Salete Nedeff, filha do proprietário do cinema, que no domingo à tarde iria buscar os ingressos. Entretanto, ela não o fez. Após o almoço, seus pais e avós foram dormir, como era de costume. Maria Elizabeth disse que não iria buscar o ingresso em virtude de o elevador da casa dos Nedeff estar com problemas, ficando ME, dessa forma, com receio de algum incidente, o que, de certa forma acalmou sua mãe, dona Leda. Sendo assim, a menina avisou a mãe que sairia com a amiga Nair.

Barbosa quis, aqui, consternar o leitor no sentido de mostrar que ao evitar um possível acidente, na verdade Maria Elizabeth foi ao encontro de sua morte.

O acidente, a morte, os funerais

Barbosa dá grande importância e dedica uma longa parte do seu livro para “montar” o contexto no qual se processou a morte de Maria Elizabeth. Os capítulos 19, 20, 21, 22 e 23, respectivamente – *Na rua Padre Valentim; O acidente; A trágica notícia; Estava escrito; Os funerais* – dão conta de construir tal contexto.

Na rua Padre Valentim, se refere aos momentos que antecederam à morte de Maria Elizabeth:

Seus pais estão em casa. Estão em casa seus avós. Mas ela não pode ficar em casa, naquela hora mais quente, mais bela, mais festiva do dia. A hora do esporte, do passeio, da música, das flores, do amor, da vida... Por isso, ela pede licença para sair à rua. Veste a blusa de rosinhas que a madrinha lhe deu, a blusa que há muito tempo não veste e da qual já ninguém se lembra. A blusa de rosinhas com a qual iria ao encontro do maior acontecimento de sua vida. A blusa de rosinhas e uma saia amarela de granitê, uma das cores mais preferidas.²⁸

Aqui, há a referência a horas antes de sua morte, no dia 28 de novembro de 1965. O que se percebe é a intenção de mostrar que aquele domingo não era apenas um domingo, mas sim, o dia em que Maria Elizabeth “[...] iria ao encontro do maior acontecimento de sua vida[...],”²⁹ na verdade, ao encontro da morte. Mas isso não era nenhum problema para Maria Elizabeth, pois, segundo o que consta no livro, ela queria morrer, estava esperando esse momento. E Barbosa afirma com veemência que aquele domingo era diferente, que havia algo de extraordinário para acontecer. Maria Elizabeth estava muito feliz, mais do que o normal, até vestia uma blusa antiga, mas que era a sua preferida. Assim, vê-se que há um tipo de ritual, uma preparação para a morte. Um rito de passagem. E os símbolos materializam esse ritual: a blusa de rosinhas que a madrinha deu, o domingo que é um dia sagrado, de descanso, de esportes, do lazer, dos passeios, das festas, das flores, da vida, enfim, um dia de alegria.

O capítulo 22 é bastante elucidativo, pois, de certa forma, Barbosa afirma que o que ocorreu já estava escrito. Nele, está a dramatização do contexto em que a morte se processou. Não era um dia comum, ou seja, tudo conspirava para a morte, mas não de uma pessoa comum, mas sim, como ele mesmo afirma, da menina Maria Elizabeth.

Parece que estava escrito, como implacável fatalidade, que a morte de Maria Elizabeth se verificasse naquele dia, naquela hora, naquele local, naquelas circunstâncias, diante de sua residência, estando em casa seus pais e seus avós, os quais não mediam precauções em prol da conservação da integridade física daquela jovem robusta, de saúde invejável, no vigor de seus 15 anos incompletos. Naquele domingo, a família devia ter viajado a Sarandi, conforme haviam planejado. A Maria Elizabeth naquela tarde devia estar em casa do Dr. Tadeu Nedeff, em busca do ingresso para o cinema. A mãe apoiou a recusa da filha, porque temia um acidente mortal no elevador do edifício Planalto. A camioneta-lotação que ocasionou o fatal acidente suspendeu o seu percurso normal, dobrando a esquina na rua Gal. Canabarro. A própria Maria Elizabeth havia proposto às amigas saírem da esquina e passear, deixando o Osmar e a Maria Inês a sós. Gentil Lima, o motorista de Kombi, ao subir a calçada em rampa da avenida Presidente Vargas, devia ter freado, ao passo que acelerou o carro. A calçada é estreita, mal comportando um carro entre as casas e o caminhão estacionado. Passou desimpedidamente, apenas raspando o

²⁸ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 64

²⁹ BARBOSA, Ibidem.

muro das casas. Para desviar-se do poste da esquina, a Kombi só tinha cancha livre à esquerda, pela avenida. O motorista, ao invés, dobrou à direita violentamente, pela calçada da rua Padre Valentim, onde havia 15 minutos se encontrava o grupo de garotas, ali, bem à vista do chofer, desde que subiu ao passeio da avenida. Quer dizer, ele tinha visto as moças. Por que não freou? Por que não desviou? O carro podia ter colhido as três moças da calçada; só colheu uma. Apesar de subir a calçada ladeira acima, batendo no muro da casa, o veículo trafegava ainda com tanta velocidade, que, depois de colher a menina, raspar no poste, foi ainda esbarrar no fusca estacionado adiante, arremessando-o a três metros de distância e provocando um estrondo horrível... Consoante relato feito pelas moças acima, dir-se-ia que se havia armado uma terrível conspiração, perfeitamente urdida, no sentido de retardar aos pais e avós a notícia da tragédia, a ponto de não lhes ser permitido vê-la ainda com vida, quando o fato ocorreu diante de sua casa, e a vítima sobreviveu por mais de meia hora.³⁰

Parecia que estava escrito que a fatalidade ia ocorrer, como se uma grande conspiração tivesse sido planejada. Planejada por quem? Por Deus? Estava escrito por quem? Por Deus? Enfim, Barbosa tece uma trama com uma eloquência invejável. A cena que descreve afirmando que tudo conspirava para o desfecho fatal ganha tanta coesão e coerência que é capaz de sensibilizar de forma muito eficaz o leitor que toma contato com tal narrativa.

Os funerais é um capítulo dedicado à descrição, como o título já sugere, de como se processou os funerais da menina Maria Elizabeth. O autor faz questão de registrar a expressiva comoção local que o fato provocou.

Verdadeira massa humana tomou parte neste soleníssimo funeral, que, no dizer de muitas pessoas foi o mais comovente e concorrido de Passo Fundo. Autêntica e impressionante consagração. Uma grandiosíssima festa, realmente empolgante e bela, como se se tratasse das exéquias da pessoa mais importante, estimada e querida de Passo Fundo. Funeral que jamais será esquecido.³¹

Ou seja, o autor tenta formar um todo coerente que dê conta de justificar a santidade de Maria Elizabeth. Tudo corrobora para que isso se efetive. A vida, a morte, a pós-morte da menina ensinam a santidade.

O extraordinário na vida de Maria Elizabeth de Oliveira

³⁰ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 73-74

³¹ BARBOSA, Ibidem., p. 76

Nesse eixo temático buscou-se agrupar os capítulos que se preocupam em narrar episódios extraordinários na vida de Maria Elizabeth de Oliveira e que, de certa forma, auxiliam na construção de sua santidade. Além disso, são os primeiros indícios que dão conta de apontar os símbolos, rituais associados à devoção em torno da santinha passo-fundense.

Um desses capítulos é o 11 – *A grande viagem* – o qual trata dos preparativos da festa de 15 anos de Maria Elizabeth que a família vinha planejando para o dia 06 de fevereiro de 1966. Mas a menina não estava feliz com a festa. Ela queria uma viagem, uma grande viagem.

Conforme Barbosa conduz a narrativa subentende-se que se trata da viagem pós-vida que Maria Elizabeth almejava.

Além disso, esse capítulo traz uns dados bastante sutis em relação à construção de uma imagem santificada de ME. Isso pode ser percebido na passagem onde o autor afirma:

ME tinha muitas amiguinhas, ricas e pobres. Ela não fazia distinção. Ela nunca deixou de acompanhar uma colega ou qualquer menina conhecida por ser pobre. Nunca. Parecia até que ela se sentia mais contente com as humildes e pobres do que com as de condição social mais elevada.³²

Esse trecho conduz a uma construção de uma representação benemérita de Maria Elizabeth. Induz o leitor a crer na bondade intrínseca da menina. Na sua vocação para ajudar, auxiliar os mais carentes, os necessitados, os pobres. Ao se dar uma atenção maior à trajetória dos santos poderá ser percebido que, na maioria das vezes, eles renunciam às coisas materiais em prol da defesa dos necessitados. É uma característica da santidade o desapego à materialidade e o auxílio aos mais pobres.

Um outro bastante importante é o *Lar da Menina*, capítulo 25 da obra. Mais uma vez busca-se o extraordinário na vida de ME.

Maria Elizabeth foi desde criança uma criatura adorável, meiga, linda, simpática, sorridente, alegre, sempre alegre, contente e feliz. Todos quanto a conheceram de perto são unânimes em afirmar que nunca viram garota mais querida, humilde e obediente [...]. Nunca ninguém a viu zangada, irritada, briguenta. Era amiga de todo mundo [...]. Por isso, a sua morte inesperada e trágica, em vésperas de celebrar seus 15 anos, numa risonha tarde de domingo, comoveu a muita gente, não apenas a sua família.³³

³² BARBOSA, 1969, op. cit., p. 42

³³ BARBOSA, Ibidem., p. 80

Aqui, percebe-se a tentativa de caracterizá-la como diferente, talvez superior em relação às outras crianças da época, de uma conduta impecável e invejável. Note-se que novamente aparece o elemento “15 anos”. Em síntese, em toda a narrativa há a tentativa de criar um tipo de imagem exemplar.

Além disso, nesse capítulo o autor apresenta de forma muito melancólica, triste, os dias e meses que se seguiram ao acidente. Ele narra o luto familiar. Mas não só familiar, pois, segundo ele, o fenômeno alcançou proporções nunca antes vistas.

Onde, entretanto, mais dolorosamente repercutiu a morte de ME, depois de seu lar, foi em outro lar, que era o seu segundo lar o “Lar da Menina”. Desde pequena, ela freqüentava esta casa da criança desamparada e pobre. Sentia ela imenso prazer em estar junto com as meninas sem carinho materno, com as negrinhas abandonadas e recolhidas pelas boas Irmãs do “Lar da Menina”[...].³⁴

Novamente, como já ficou explícito anteriormente, o autor buscou ligar a figura da menina com atitudes e atividades beneméritas, benevolentes. Atitudes de caráter assistencial aos necessitados, típico de conduta de mártires cristãos, que dedicaram sua existência em prol do auxílio aos outros. E assim o fez Maria Elizabeth em sua curta existência.

O capítulo 29 – *Festa de 15 anos no céu* – tenta justificar a morte. Outro fator relevante e que autor não deixa escapar é o fato de Maria Elizabeth quando faleceu estava a poucos meses de completar 15 anos. Isso é representativo quando se trata de meninas, os tão esperados 15 anos, a passagem simbólica que marca o fim da infância e a passagem para a adolescência. Mas que no caso de Maria Elizabeth tal ritual de passagem foi celebrada no céu, como afirma Barbosa quando diz:

[...] a festa tão esperada e tão anunciada não aconteceu na terra. Outra mansão e outros salões mereceram com certeza a honra de celebrar a festa dos 15 anos desta encantadora menina. Foi a mansão celeste, onde ela foi certamente festejada com mais fulgurantes pompas do que seria na terra.³⁵

Com isso, há a tentativa de justificar e abrandar a morte. Note-se que outro elemento também importante é o tratamento com que o autor se refere à Maria Elizabeth:

³⁴ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 82

³⁵ BARBOSA, Ibidem, p. 98

“menina”. Ou seja, traz à tona outro importante fator simbólico que faz parte do campo do sagrado, a noção da pureza, da virgindade, da inocência. Enfim, são atribuições dessa ordem que colaboraram e colaboram na construção/reconstrução e perpetuação do imaginário em torno desse caso.

A santidade, os símbolos, os rituais

Os capítulos 26, 27, 28 e 38, respectivamente – *Rosas para mim; Desserviço à religião? Vou mostrar o que sou. Santa?* São dedicados à explicitar um questionamento em relação à santidade de Maria Elizabeth. No entanto, é um questionamento intencional, que não enseja dúvida, mas sim que de fato ela é santa. Além disso, são capítulos que se preocupam em identificar alguns rituais e símbolos que são associados a ME.

Em relação aos símbolos associados a ME tem-se em primeiro lugar a rosa vermelha, cuja origem Barbosa tenta localizar no capítulo 26. Aqui Barbosa quer construir uma trama que de conta de explicar o fato de existir a associação de Maria Elizabeth com rosas, principalmente rosas vermelhas. Esse processo, sem sombra de dúvidas existe. De fato, os fiéis e devotos de ME a associam com rosas vermelhas. Para Barbosa essa simbologia teve um princípio.

Antes do nascimento da filha, D. Leda sóia receber de pessoas amigas rosas, declarando que eram votos de felicidade para a futura filha. Tôdas as rosas que ela recebia durante a gestação, oferecia-as ao Sagrado Coração de Jesus, depositando-as aos pés de sua imagem. [...] D. Lêda, nascida a filha, continuou a receber rosas de presente para a menina. Esta cresceu com verdadeira paixão por rosas. Andava quase sempre com rosas na mão. [...] Naquele domingo da morte, assim que principiou o velório, começou a chegar gente, muita gente, de tôdas as partes. [...] Logo veio uma senhora desconhecida da família. Trouxe uma rosa e colocou nas mãos de ME [...]. [...] E desde aquêle dia, um contínuo desfilar de passoa vai ao túmulo, depositando rosas. Todos os dias.³⁶

Esse trecho deu conta e ainda dá conta de criar, justificar e promover a correlação de Maria Elizabeth com rosas. Os leitores, ao se depararem com tal descrição passaram e

³⁶ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 86-88

ainda passam a incorporar a atitude de oferecer rosas a ME como um ritual necessário para a materialização do contato do fiel com sua “santa”.

Já no capítulo subsequente – *Desserviço à religião?* - Barbosa se questiona como tudo isso começou. Segundo ele ninguém pode explicar qual a razão que levou o povo a visitar o túmulo de Maria Elizabeth, de depositar rosas e fazer pedidos e agradecimentos.

Além disso, o autor menciona a problemática da santidade nesse caso. Ele aponta a postura contrária da Igreja Católica frente ao fenômeno que se processava.

Houve um sacerdote que, durante vários domingos, levantou a voz na Catedral de Passo Fundo, contra este movimento popular. Um dia, logo após o júri, que, por sete votos a zero, condenou o causador da morte da menina a dez anos e cinco meses de reclusão, lamentando ele a condenação, que afirmou ter sido de 13 anos de cadeia, manifestou sua estranheza diante da pressão dos pais em condenar o réu, quando os pais de Santa Maria Goretti perdoaram ao assassino da filha e o levaram para dentro de sua casa. Esta foi outra eficientíssima propaganda. O padre comparando Maria Elizabeth a Santa Maria Goretti, estava de certo modo canonizando a mártir de Passo Fundo... Foi a conclusão imediata que o povo tirou das palavras do sacerdote, o qual, pretendendo condenar, acabou ratificando solenemente, do alto do púlpito da Catedral, aquele movimento popular de devotos. Então, vocês não ouviram o que o padre disse? Ele comparou Maria Elizabeth a Santa Maria Goretti"... Então ela é realmente santa. Por isso, faz milagres.³⁷

O que se percebe aqui, é que, novamente entra-se na discussão da santidade de Maria Elizabeth. Embora, nesse caso já esteja presente a Instituição Igreja Católica. Essa, num primeiro momento se opõe ao fenômeno, mas atualmente já fugiu do controle da própria instituição, na medida em que se fortaleceu e se fortalece como um fenômeno popular-religioso, onde não há a preocupação com doutrinas, regras, mas sim, há a preocupação com questões pragmáticas, cotidianas. Entretanto, não é esse o momento de problematizar o papel da Igreja Católica nesse contexto, apesar de ser de suma importância entender como isso se processou e se processa, mas sim, analisar o discurso de Barbosa. Esse, denuncia o padre da Catedral de Passo Fundo como propagandista da figura de Maria Elizabeth como “santa” quando a compara com a Santa Maria Goretti. No entanto, Barbosa também está fazendo propaganda quando relata esse fato. É a reprodução do caso que faz com que ele se perpetue e se cristalice no imaginário coletivo.

O autor continua seu questionamento sobre a tal santidade no capítulo 38 – *Santa?*

Ninguém chamou Maria Elizabeth de santa em toda a sua existência. Ninguém! Mas todos quanto a conheceram são unânimes em afirmar que ela era inocente.

³⁷ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 91-92.

Inocente, simples, obediente, humilde, como uma criança. [...] Mocinha dotada de uma série de fascinantes atrativos de graça e beleza, dona de dois atordoantes olhos negros, coração feito de bondade e dedicação, de amor e ternura, amante das flores e da música, apaixonada pela arte e pelo esporte [...]. [...] Ela não era exigente. Nunca se mostrou exigente. Não era vaidosa. Não gostava de luxo [...].³⁸

Nessa passagem, pode-se perceber a intenção de compor a personalidade de Maria Elizabeth com atributos dignos de uma “santa”, embora o autor inicie afirmando que ninguém nunca a chamou dessa forma. Entretanto, fica clara a intenção do autor em criar “um clima de santidade” com toda essa adjetivação singular da personalidade da menina.

Ou seja, neste eito temático ficou claro que o objetivo de Barbosa era de fato construir um clima de santidade em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. O autor coloca dúvidas, mas são propositais, pois, como ficou claro, ele próprio descarta essas dúvidas, vai contra o próprio discurso da Igreja Católica.

A família

Todos os capítulos³⁹ restantes tratam de questões que envolvem a família. São capítulos que narram a biografia dos familiares e da própria ME. O que chama a atenção aqui é que o autor deixou para biografar a família no final da obra. Isso representa que para o autor o que importava não era apenas biografar ME e sua família, mas sim construir algo mais. Esse algo mais será tratado adiante.

Dessa forma se encerra a exposição da primeira edição da obra de Fidélis Dalcin Barbosa, intitulada de *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrêla no céu*, cuja publicação se deu em 1969.

Resta agora, apresentar a última edição da obra, que data de 2001, cuja edição é de número 30. Nesse momento, no entanto, não serão expostos todos os capítulos como foi

³⁸ BARBOSA, 1969, op. cit., p. 122

³⁹ Os referidos capítulos são: Cap. 31 – *A coroa da rainha*; Cap. 32 – *Os pais*; Cap. 33 – *O nascimento de Maria Elizabeth*; Cap. 34 – *Os primeiros anos de vida*; Cap. 35 – *Em Veranópolis*; Cap. 36 – *A Primeira Comunhão*; Cap. 37 – *Ginásiana*; Cap. 39 – *Gentil Lima*; Cap. 40 – *Margareth*; Cap. 41 – *A Capela*.

realizado com a primeira edição. Aqui, basta elencar os capítulos e apresentar as mudanças, sem ter a necessidade de repetições.

1.2. A versão para o século XXI para *Uma Estrela no Céu*: mudanças e permanência: saem as dúvidas, ficam as certezas?

A trigésima e última edição da obra ora em questão é de 2001. Conta com 120 páginas, as quais, estão divididas em 46 capítulos. Assim, já se pode perceber uma mudança em relação à primeira edição, que se refere ao número de capítulos. Além disso, outras mudanças se apresentam nessa nova versão. Para iniciar é interessante, novamente, relacionar os capítulos presentes na obra.

Índice

1. <i>Curai os enfermos</i>	24. <i>O Lar da Menina</i>
2. <i>Solução de problemas</i>	25. <i>Rosas para mim</i>
3. <i>Um depoimento</i>	26. <i>Desserviço à religião?</i>
4. <i>Domingo vou morrer</i>	27. <i>Vou mostrar o que sou</i>
5. <i>Serei uma rainha</i>	28. <i>Santa?</i>
6. <i>Eu vou morrer atropelada por um carro</i>	29. <i>Festa de 15 anos no céu</i>
7. <i>Este é o meu caixão</i>	30. <i>Um acróstico</i>
8. <i>A foto da despedida</i>	31. <i>A coroa da rainha</i>
9. <i>A grande viagem</i>	32. <i>Os pais</i>
10. <i>A despedida</i>	33. <i>O nascimento de Maria Elizabeth</i>
11. <i>O perfume</i>	34. <i>Os primeiros anos de vida</i>
12. <i>O braço do gigante</i>	35. <i>Em Veranópolis</i>
13. <i>O primeiro pão</i>	36. <i>A primeira comunhão</i>
14. <i>Uma estrela no céu</i>	37. <i>Ginasiana</i>
15. <i>Será êxtase?</i>	38. <i>Gentil Lima</i>
16. <i>Prelúdio da tragédia</i>	39. <i>Margareth</i>
17. <i>Na rua Padre Valentim</i>	40. <i>A Capela</i>
18. <i>O acidente</i>	41. <i>O perfume e as rosas</i>
19. <i>A trágica notícia</i>	42. <i>Os avós maternos</i>
20. <i>Estava escrito</i>	43. <i>Elizabeth</i>
21. <i>Os funerais</i>	44. <i>Notas de acréscimo</i>
22. <i>O vestido azul</i>	45. <i>Dados sobre o autor deste livro</i>
23. <i>O abalo da família</i>	46. <i>Depoimentos</i>

Torna-se bastante interessante o processo de comparar as edições. Tal tarefa traz à tona elementos bastante elucidativos das mudanças e permanências da memória em torno de Maria Elizabeth. São poucos os capítulos que mudam, mas alguns da primeira edição são suprimidos, e o interessante é entender o porquê. Já outros, em 2001, são acrescentados, também é interessante saber o motivo, ou aos menos tentar desvendar o motivo. Quanto às fotografias, as que estão dispostas nessa nova edição, são as mesmas da primeira. É a repetição como forma de cristalização da memória⁴⁰.

Para tanto, faz-se necessário elencar quais os capítulos que mudam. Na última edição já não estão mais presentes os capítulos iniciais da edição primeira. Tais capítulos correspondem aos seguintes capítulos: 1. *A trágica morte de Domício Dalcim*; 2. *Será mesmo histeria?*; 4. *Será tudo casualidade?*⁴¹; 5. *Será sugestão?*

Em 2001, além da substituição dos acima referidos, há o acréscimo de outros cinco capítulos. Portanto, não se trata apenas de substituir aqueles elementos que não interessam mais, é necessário ir além, criar novos elementos constitutivos do processo. Os novos capítulos correspondem a: 1. *Curai os enfermos*; 2. *Solução de problemas*; 23. *O abalo da família*; 41. *O perfume e as rosas*; 42. *Os avós maternos*; 43. *Elizabeth*; 44. *Notas de acréscimo*; 45. *Dados sobre o autor do livro*; 46. *Depoimentos*.

O títulos desses capítulos já sugerem o conteúdo. Tratam de depoimentos de devotos atestando milagres. De notas sobre a família de ME. O que mais chama a atenção é que nessa edição está contida a *Oração para Beatificação de Maria Elizabeth*:

*“Senhor Jesus, que dotastes vossa serva, Maria Elizabeth, de profunda fé e intenso desejo de vos ver face a face, dai-nos imitar suas virtudes para atrair muitas pessoas ao conhecimento de vossa bondade e, se esta pe a vossa vontade, elevai-a à honra dos altares para que possamos melhor recorrer à sua intercessão. Amem.”*⁴²

Além disso, tem a *Oração da Novena*:

⁴⁰ Deve-se chamar a atenção para o fato de a comparação ser entre a primeira edição e a última. As mudanças que estão sendo apresentadas na edição de 2001 em relação a 1969 não significa que foram mudanças apenas dessa edição, as anteriores também já apresentavam algumas das mudanças. No entanto, não se tem exato em que edição foram feitas tais alterações, por isso, deve-se ter em mente que as “novidades” são em relação a 1969.

⁴¹ Aqui é necessário fazer uma ressalva, visto que, esse capítulo permanece na edição de 2001, correspondendo aos segundo capítulo, entretanto com outro título – *Solução de Problemas*.

⁴² BARBOSA, 2001, op. cit., p. 4

*“Senhor Jesus, amigo dos pequenos e simples, dai-me um coração capaz de acolher com alegria a vossa Palavra e boa disposição para vivê-la. Lembrando de que um dia dissestes: “Vinde a mim todos que estais cansados e aflitos, que eu vos aliviarei”(Mt 11, 28), eu vos suplico, pela intercessão de vossa serva Maria Elizabeth, que me seja concedida a graça de que tanto necessito...(pedido). Desde já agradeço e prometo vos amar e servir, na pessoa de todos os irmãos e irmãs. Amém.
(Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória ao Pai).”⁴³*

1.3. Vão-se as dúvidas, ficam as certezas? Comparando casos

Feita essa exposição acerca das duas edições do livro, pode-se passar a analisá-las de forma mais minuciosa, detalhada, procurando trazer à luz as entrelinhas desse processo.

A primeira grande diferença entre as edições é que na de 1969 estão presentes algumas dúvidas, que ficam evidentes já no título dos capítulos. Como por exemplo, *Será mesmo histeria? Será tudo casualidade? Será Sugestão?* Ou seja, tudo ainda era muito nebuloso, ensejava a dúvida.

O autor faz questão de demonstrar sua inquietação frente ao caso, embora, na maioria dos momentos corrobore com a concepção dos devotos sobre a possível “santidade” de Maria Elizabeth, como ficou evidente nas exposições anteriores. Assim, torna-se interessante pensar no porquê da supressão dessas dúvidas. Será mesmo que os questionamentos que Barbosa fazia em 1969 eram mesmo dúvidas? Será que não eram questões colocadas de forma consciente? O autor deixa claro que acredita que ME é santa, então, por que as dúvidas? Isso leva a crer na intencionalidade das questões, justamente para afirmar a santidade da menina. Barbosa quer chocar, impactar.

O fato é que naquele momento o fenômeno estava se constituindo, ou melhor, Barbosa estava fazendo um esforço para construí-lo. Segundo o autor, o caso existia, a

⁴³ BABROSA, 2001, op. cit., p. 4

devoção existia, os depoimentos atestando a veracidade também, só que, devia ser posto em dúvida, afinal, tratava-se de um caso que havia se desencadeado há apenas quatro anos. Ou então, deveriam ser levantadas questões justamente para construir o fenômeno.

Em contrapartida, na edição de 2001 já não existem tais dúvidas, se é que podem ser chamadas de dúvidas, na verdade caberia melhor se fosse dito de outra forma, como por exemplo, afirmações, convicções disfarçadas em questões. Não é mais necessário por em dúvida a veracidade ou não do fenômeno. Ele já está construído e cristalizado no imaginário popular que se criou em torno do emblema. A preocupação não é mais em construir e sim reafirmar e permitir que se perpetue.

Outro elemento de mudança refere-se ao fato de, na primeira edição, o primeiro capítulo o autor dedicar a seu irmão. Em 2001 já não há mais espaço para isso, a figura central e toda a atenção estão voltadas para Maria Elizabeth.

Importante, também, é o caso de que em 1969 Barbosa já mostrava a preocupação de “recheiar” sua narrativa com depoimentos de fiéis. Isso dava uma certa “credibilidade” e corroborava com o que ele se propunha a construir. Entretanto, em 2001 isso toma um vulto muito maior. Não são mais alguns depoimentos que têm espaço. O autor dedica um capítulo para discorrer sobre 250 depoimentos, além dos depoimentos diluídos entre os outros capítulos. Ou seja, busca-se dar a impressão que o fenômeno foi crescendo, aumento ao longo do processo histórico. Tal constatação faz com que o leitor se admire, passe a dar credibilidade ao fato. No entanto, há que se considerar que em momento algum o autor se preocupa em dizer como foram obtidos tais depoimentos. Talvez através de entrevistas, ou então de cartas que os devotos depositavam junto ao túmulo?

A Oração para Novena e a Oração para Beatificação de Maria Elizabeth são elementos novos em relação a 1969 e que estão em cena em 2001. Isso induz a pensar que a santidade passou a ser permitida, está dada, construída, acabada. Em 1969 mencionava-se com certo receio a possibilidade da santidade, em 2001 isso já não se discute mais, já está alicerçado.

Os traços de permanência nas duas edições marcam o desejo de Barbosa em firmar que Maria Elizabeth, em vida, foi uma pessoa considerada um “prodígio” que a todos encantava pela virtude, resignação e sabedoria, dedicando boa parte de sua vida para as obrigações cristãs: rezando, meditando, consolando, aconselhando, ou simplesmente conversando entre adultos.

Além disso, outro traço marcante da narrativa é a forte convicção de Barbosa em confirmar momentos da existência de Maria Elizabeth em que ela demonstra o dom da profecia, além de ser dotada de vidência.

Na biografia, ficou evidente que Barbosa procurou traços que comprovassem o martírio na vida de Maria Elizabeth:

A comprovação do martírio é etapa essencial na biografia de um santo e requisito para um processo de beatificação. O principal objetivo da canonização é procurar exemplos contemporâneos de santidade para edificação e emulação da fé e os candidatos à santificação são tradicionalmente julgados de duas maneiras: como mártir (testemunha), que morreu em defesa da fé ou moral cristã; ou como confessor, que manifestou as virtudes requisitadas – especialmente fé, esperança e caridade – em grau excepcional ou heróico.⁴⁴

No caso de Maria Elizabeth o traço marcante foi a de confessoria. Em muitas passagens – como foi verificado na descrição dos capítulos – Barbosa procurou demonstrar as muitas ocasiões em que ME demonstrou sua fé, sua esperança e caridade. Poderiam ser acrescentados outros atributos, como por exemplo, a bondade, a compaixão, a resignação, a obediência. Outra característica do mártir é que ele aceita a morte livremente, em certos momentos até mesmo a deseja. Isso ficou muito evidente na biografia de ME, sua propensão a desejar a morte, a preferi-la ao invés da vida, enfim, a morte lhe foi desejável.

Sem sombra de dúvidas, o livro de Barbosa, se transformou em um dos, talvez o principal, eixo da memória de Maria Elizabeth, pois, além de circular entre os devotos até os dias de hoje, foi sempre mencionado quando se falou na menina, principalmente nos veículos de imprensa, tanto a escrita quanto a televisiva e radiofônica. Além disso, é nessa obra que estão contidos os principais elementos constitutivos da santidade em torno na menina, como por exemplo, a questão das rosas, do perfume. Ou então, é essa a matriz da memória em torno da menina, foi Barbosa quem teve o cuidado de agrupar ou construir informações sobre a vida e talvez a pós-vida de ME. No entanto, sabe-se que tem-se outros elementos constitutivos dessa memória, como por exemplo, a imprensa⁴⁵, que também desempenhou papel importante nesse processo.

Portanto, o que se pode perceber, é que a obra, como construtora de memória, tornou-se um instrumento onde estão imbricadas lembranças selecionadas que serviram e

⁴⁴ SCHNEIDER, Marília. *Memória e História: (Antoninho da Rocha Marmo): misticismo, santidade e milagre em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2001. p. 23.

⁴⁵ A discussão sobre a relação da imprensa com Maria Elizabeth de Oliveira está no capítulo 2 dessa dissertação.

ainda servem para emoldurar um conceito de santidade e a existência concreta de Maria Elizabeth. Em poucas palavras, o que o autor quis, foi criar uma imagem de um indivíduo, no caso Maria Elizabeth, através do qual pudesse ser estabelecido um contato entre o céu e a terra.

1.4. Representações/Narrativa/Memória: dimensões de um mesmo processo

Ao longo desse trabalho vem-se afirmando com veemência que o livro sobre Maria Elizabeth tornou-se uma importante fonte de informação para elaboração, difusão e manutenção da memória de ME. Tanto a família da menina como Barbosa, com a qual estabeleceu contato, voltaram seus olhos para o passado num esforço de encontrar em cada lembrança o menor gesto ou qualquer sinal que confirmasse o destino de santidade da menina.

Pensar nesse processo requer um cuidadoso rigor teórico. Cuidadoso no sentido de atentar para o fato de o livro ser uma representação do passado. Cuidadoso no sentido de perceber de que forma o autor constrói a sua narrativa, e que tipo de narrativa utiliza para desenrolar sua trama. E por fim, e não menos importante, analisar que tipo de memória se está tratando, que tipo de memória foi construída, com que interesses, como ela se perpetua, se mantém e se dissipa.

Ao compor sua obra, Barbosa nada mais fez do que representar uma realidade exterior percebida e ligada a um processo de abstração e traduzida em uma nova realidade. O autor, enquanto um agente social, investido de interesses e de uma bagagem cultural, traduziu em seu texto a sua representação mental do processo passado. Representação essa, baseada na apreciação, conhecimento e reconhecimento dos objetos. A partir disso, originou-se sua obra como um produto de estratégias de interesse e

manipulação. Nas palavras de Pesavento: “[...] no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto.”⁴⁶

O que não se pode perder de vista é que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.⁴⁷

É preciso levar em consideração, portanto, que Barbosa tinha interesses ao construir a sua representação de coisas do passado. Sua intenção poderia ser apenas homenagear a família de Maria Elizabeth, entretanto, seu texto deixa claro, em certos momentos, sua intenção de construir uma imagem exemplar da menina. Ele não tem receio em emitir juízos de valor e “fabricar” uma imagem.

Assim, deve-se pensar o mundo social como representação, moldado por discursos, onde “[...] actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.”⁴⁸ Barbosa construiu a sua representação acerca de Maria Elizabeth, saber se essa representação é real torna-se impossível visto que nunca é possível pensar o real como aconteceu, a máxima aproximação é a tentativa de representar o real, mas será sempre um real imaginado. Tentar identificar quais elementos que Barbosa apontou correspondem à realidade passada é uma tarefa infrutífera nesse sentido. O que se pode tentar é compreender que tipos de representações foram e são produzidas a partir de sua obra, em outras palavras, como o leitor vê esse processo.

[...] a aplicação do texto ao leitor como uma relação móvel, diferenciada, dependente das variações, simultâneas ou separadas, do próprio texto, da passagem à impressão que o dá a ler e da modalidade da sua leitura (silenciosa ou oral, sacralizada ou laicizada, comunitária ou solitária, pública ou privada, elementar ou virtuosa, popular ou letrada, ect).⁴⁹

A leitura que se faz do texto nunca é a mesma. A apreensão e as impressões que se têm do texto são variadas. Ao contrário de Chartier, que crê numa flexibilidade entre o produtor do discurso e o receptor do discurso, Foucault pensa essa relação em termos

⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995. p. 15.

⁴⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 17.

⁴⁸ CHARTIER, Ibidem., p. 19

⁴⁹ CHARTIER, Ibidem., p. 26

mais verticais, não tão flexível e mais impositivo, embora admita a existência da troca e da comunicação. Para ele o discurso é visto: “[...] como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade.”⁵⁰. Para ele o discurso, através de seu poder de coerção, define o comportamento, os gestos, os valores, dos indivíduos através das palavras. O discurso visto como um jogo de escritura e leitura.

O interessante é pensar no leitor, nesse caso, o leitor do texto de Barbosa, não como um simples receptáculo de informações, mas como um agente que re-significa e re-cria o discurso como representação que lhe foi entregue. Não esquecendo, no entanto, que o autor, ao escrever, pensa como o leitor deve “encarar” seu texto.

Por um lado, a leitura é prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros [...]. Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada.⁵¹

Portanto, o processo que envolve a leitura abrange, de um lado a liberdade criadora dos leitores e, por outro, os meios que são produzidos a fim de refrear essa liberdade. Em síntese: “Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores.”⁵²

No caso da obra de Barbosa, ela apresenta-se muito mais como um instrumento cujo objetivo é produzir, na prática, comportamentos e condutas tidas como legítimas e úteis do que propriamente discurso.

Assim, embora a obra seja amplamente aceita, essa aceitação “[...]das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, desvios, de reempregos singulares [...]”⁵³

Agora, feita essa problematização acerca da relação entre o texto e o leitor, entre o produtor e o receptor e suas variantes, pode-se pensar como Barbosa construiu sua narrativa, de que maneira ele apresenta os fatos, qual a sua estratégia para criar seu enredo.

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. (Coleção Leituras Filosóficas). p. 53.

⁵¹ CHARTIER, op. cit., p. 123

⁵² CHARTIER, Ibidem

⁵³ CHARTIER, Ibidem., p. 137

Antes disso, porém, é pertinente dizer umas poucas palavras acerca da própria narrativa. “Em essência, toda narrativa é um discurso fundador e nesse sentido pode designar uma constelação de ingredientes desse discurso.”⁵⁴ O texto de Barbosa, a partir dessa perspectiva, apresenta-se como um discurso fundador da memória em torno de Maria Elizabeth. Sua proposta é narrar para construir a verdade sobre o passado. Narrativa “[...] é simplesmente a que põe em primeiro plano os indivíduos e os acontecimentos.”⁵⁵

O que Barbosa se propõe é o que Diehl chama de *narrativa como origem*, onde há “[...] o retorno a uma harmonia anterior, perdida pelos processos de modernização objetivos da sociedade. Buscar fundar um passado perdido e articulado como se o ideal estivesse no passado.”⁵⁶ O tempo, nesse caso, tem a função de restauração daquilo que é necessário e de dispersão daquilo que é efêmero.

A narrativa como origem designa então um salto (*Sprung*) para fora ou para além da sucessão cronológica que nivela os fatos numa linha de tempo, passando a operar com cortes no discurso. É uma tentativa de fazer saltar do passado congelado para o contemporâneo e do contemporâneo para o passado quase como algo acidental e subjetivo. Assim, o passado congelado passaria a integrar o contemporâneo agitado e esse, por sua vez, poderia fazer parte do passado.⁵⁷

Essa perspectiva é exatamente o que ocorre no texto de Barbosa. A mescla de elementos passados e contemporâneos e vice-versa. É a tentativa de trazer para o contemporâneo a memória de Maria Elizabeth, ao mesmo tempo, que se utiliza de dados contemporâneos, no caso os depoimentos, para fundar o passado. Não há uma preocupação com a linearidade, a sucessão cronológica dos fatos não são importantes.

Isso fica evidente na forma com que o Barbosa apresenta seu livro, em primeiro lugar são apresentados depoimentos de fiéis sobre graças alcançadas por intermédio de Maria Elizabeth. Depois, o autor discorre sobre todo o mistério que se processou em torno da morte da menina. Tudo isso, para no final apresentar a biografia dela, dos pais, dos avós. Enfim, não existe a preocupação com a cronologia, mas sim, como o discurso é construído, tudo isso, para garantir um maior envolvimento do leitor com o texto, além da produção de sentido, que a partir dessa perspectiva, é totalmente simbólico.

⁵⁴ DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 100.

⁵⁵ HARTOG, François. A Arte da Narrativa Histórica. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Orgs). *Passados Recompuestos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ:FGV, 1998. p. 193-202. p. 195.

⁵⁶ DIEHL, op.cit.

⁵⁷ DIEHL, Ibidem.

Entretanto, essa busca pelo passado sempre é incompleta:

[...] a narrativa sobre o passado via rememoração não implica apenas na tentativa de restauração do passado, mas alavanca também uma transformação do presente de tal forma que, se o passado aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja também ele retomado e transformado. Nesse sentido, a relação estabelecida entre o passado e o presente implica no reencontro transformador de ambos. Já não teremos um passado como ele realmente foi e um presente incólume à interferência do passado.⁵⁸

Assim, é ingenuidade pensar que Barbosa “reconstruiu” a vida e em certo sentido, a pós-vida de Maria Elizabeth. O que ele fez foi representar, a partir de sua experiência, traços desse passado. Numa perspectiva do presente, a partir de necessidades do contemporâneo o autor olhou, com olhos do presente, para um passado, que embora não fosse tão distante, era impossível de ser pensando como aconteceu. Nesse processo de olhar para o passado estão imbricados elementos do presente. Ao se olhar para o passado não se quer apreender a sua totalidade, mas sim, apenas alguns elementos que se quer buscar nesse passado, tudo isso, a partir de necessidades do presente. Como afirma Diehl: “Então, a tarefa da narrativa não é apenas a restauração do idêntico, mas a possibilidade do diferente.”⁵⁹

Enfim, Barbosa apresentou um texto onde se pode encontrar o mágico, o trágico do passado. Isso tudo, envolto em uma linguagem descomprometida. É um tipo de aproximação de uma narrativa da própria memória, visto que boa parte do texto, como o próprio autor afirma, é fruto de rememorações.

A rememoração acima referida está ligada à memória. Essa, como um processo dinâmico daquela. A partir de agora, adentra-se em um novo campo, o da memória, mas que de certa forma está ligado tanto com a problemática da representação como da narrativa.

A proposta já explicitada anteriormente é perceber a obra de Barbosa como o marco fundador da memória em torno de Maria Elizabeth de Oliveira, marco fundador na medida em que o autor faz um esforço para compor um quadro acerca de Maria Elizabeth. A proposta é “criar” um todo complexo que dê conta de justificar a santidade da menina⁶⁰.

⁵⁸ DIEHL, op. cit., p. 101

⁵⁹ DIEHL, Ibidem

⁶⁰ Embora se esteja tratando a obra de Barbosa como texto fundador da memória é necessário afirmar que o autor não foi o primeiro a apontar Maria Elizabeth como santa. Sua obra, como é sabido, foi publicada em 1969, no entanto, a imprensa escrita passo-fundense, no caso os jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional*, já haviam publicado matérias a respeito de Maria Elizabeth tratando-a como santa. Além disso, ambos os jornais se utilizaram dos depoimentos de dois integrantes da Igreja Católica, Umberto Lucca e José Schnorr

Para tanto, é preciso esclarecer a que tipo de memória se está referindo, o que é essa memória, o que compõe esse quadro de memória.

Evidentemente, em torno de Maria Elizabeth não está calcada apenas uma memória, mas sim várias: a do grupo familiar, a dos fiéis, da imprensa tanto escrita quanto televisiva, entre outras, todas essas instâncias elaboraram e elaboram diferentes tipos de memória, embora todas se fixem em torno de um mesmo objeto – Maria Elizabeth de Oliveira –. O objetivo aqui é apontar a biografia de ME como texto fundador da memória, como a matriz da memória em torno da menina.

Adentrar no campo da memória requer que se tenha cuidado com noções como temporalidades, lembranças, oralidades, subjetividades, factualidades, espacialidades, instrumentalidade objetal, etc.

A memória em torno de ME está calcada num passado, o qual condiciona traços das lembranças futuras; “[...] não se sobrepõe ao presente para permitir meramente a sua identificação, mas sim, para permitir a escolha e a intencionalidade do que melhor lhe interessa armazenar na memória.”⁶¹ Assim, *Uma Estrela no Céu*, serve como um modelo daquilo que deve permanecer “vivo” no imaginário coletivo. É o autor quem seleciona o que deve permanecer.

O livro ora em questão, enquanto uma narrativa “[...] constrói um sentimento de identidade coletiva do grupo e um sentido de pertencimento dos indivíduos, ajuda a conhecer o grupo e a organizar as próprias relações internas.”⁶²

A memória “[...] pode ser entendida como estrutura de interiorização e exteriorização de fatos, circunstâncias e vividos organizados, espacial e temporalmente, para transmitir ao externo a representação pessoal e/ou coletiva da própria história ou da de outrem.”⁶³ Esse é exatamente o caso da obra de Barbosa. São fatos, circunstâncias e vividos que foram organizados e posteriormente amplamente difundidos e transmitidos. Esse processo permitiu e ainda permite a elaboração de uma realidade social definida em

que antes mesmo de 1969 já chamavam a atenção sobre o caso da santinha. Mas a discussão sobre isso está no capítulo 2 dessa dissertação, o importante nesse momento é deixar claro que ao propor a obra de Barbosa como texto fundador da memória é no sentido de que é essa a primeira referência mais completa que se propõe a compor a santidade de ME. Talvez Barbosa tenha se utilizado do que estava acontecendo e vendo que a própria imprensa estava divulgando o fenômeno vindo daí o interesse em construir seu texto. Assim, mais uma vez é necessário afirmar que seu texto é fundador de uma das memórias em torno de ME, visto que produz um novo real que é amplamente difundido entre os devotos de ME.

⁶¹ TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidades, experiência e narração*. Caxias do Sul: EDUCS; Passo Fundo: UPF, 2004. p. 31.

⁶² TEDESCO, op. cit., p. 36

⁶³ TEDESCO, *Ibidem.*, p. 38

torno do fenômeno. Tal realidade, constituída a partir da interação e socialização do grupo.

A realidade social criada em torno de ME originou-se, em grande medida, da obra de Barbosa, essa nova realidade passou a fazer parte do cotidiano daqueles que dela passaram a fazer parte. Esse cotidiano,

[...] constitui-se de sistemas simbólicos, de técnicas, regras de comportamento, papéis, representações sociais, linguagens diversas, que normatizam formas de agir, de se entender como moderno, de interagir com o tempo e nos espaços variados em que cotidianamente nos inserimos, de, no limite, sermos sociáveis.⁶⁴

A memória, nesse sentido, é um fator de identidade individual e também grupal. Isso se deve, pois, a memória liga-se a lembranças das vivências, e ela só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo, e ainda os mantém no presente. A memória permite que o passado continue vivo no presente, ela dá significação às práticas do presente através de representações do passado. A existência desse sentimento de pertencimento se dá, segundo Félix:

[...] não é o físico ou o territorial que permite a existência do grupo, e, sim, a dimensão do pertencimento social, criado por laços afetivos que mantêm a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradora de uma memória social. [...] A identidade associa-se também aos *espaços*, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários.⁶⁵

Segundo Tedesco:

Memória é sempre uma reconstrução psíquica e intelectual, porém seletiva do passado, de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, *coletiva*. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir a alteridade, ao *tempo que muda*, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.⁶⁶

Para melhor compreender isso é interessante exemplificar. No caso em questão, Barbosa é um ser social, inserido num contexto com qual interage, compartilhando de lembranças, vivências e experiências. Em um determinado momento sua atenção recai

⁶⁴ TEDESCO, *Ibidem.*, p. 56

⁶⁵ FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. p. 42.

⁶⁶ TEDESCO, *op. cit.*, p. 137-138

sobre a possibilidade de construir um movimento de memória em torno de Maria Elizabeth. Esse processo se iniciou com a sua tentativa de reconstrução do passado a partir da sua inteligência individual e da sociedade. A partir desse momento um grupo definido passou a compartilhar desse passado comum, estruturando, dessa forma, uma memória coletiva, dando origem ao que se convém chamar de quadros de memória.

Os quadros de memória se constituem a partir dessa experiência, desse interesse, dessa significação e dessa *identidade* que se constitui coletivamente, se identifica, se agrupa, se diferencia, se altera, se consolida e se correlaciona com as dimensões passadas e presentes do tempo e dos vividos.⁶⁷

Tedesco vai além quando trata da memória coletiva:

A base social/coletiva da memória constitui-se na família, nas classes, nos grupos de referência (escola, empresa, partido, etnia, raça, nação...), na religião, na tradição, dentre outras, as quais, institucionalmente, formam o sujeito e auxiliam na determinação de sua visão de mundo.

Sendo assim, a obra de Barbosa serve como uma espécie de “guia” para um grupo definido que se estrutura em torno da memória de Maria Elizabeth. A obra dá elementos que podem determinar um certo tipo de conduta e visão de mundo dos fiéis. Essa coletividade passa a ter um diferencial frente aos outros grupos. A memória coletiva pode ser caracterizada como um conjunto de representações do passado que são conservadas e transmitidas entre os membros desse grupo. A função maior dessa memória é a prática integradora dos indivíduos sob um eixo comum.

Bosi vem corroborar com as noções até então colocadas. Para ela:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação.⁶⁸

Tentar compreender como a memória em torno de Maria Elizabeth ainda persiste é uma tarefa árdua. Mas alguns fatores podem ser apontados. Um deve ser buscado na própria coletividade envolvida com o fenômeno, pois, “O grupo é suporte da memória se

⁶⁷ TEDESCO, op. cit., p. 152

⁶⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 332-333.

nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado.”⁶⁹ Ainda: “As lembranças grupais se apóiam umas às outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal.”⁷⁰

Portanto, o que se quis mostrar ao longo dessas páginas é que a memória em torno de Maria Elizabeth não foi e nem é um dado natural, mas sim, uma construção social, histórica e cultural. Como diz Thompson: “O processo da memória depende, pois, não só da capacidade de compreensão do indivíduo mas também de seu interesse. Assim, é muito mais provável que uma lembrança seja precisa quando corresponde a um interesse e necessidade social.”⁷¹

Em outras palavras, a memória a que o trabalho aqui se refere não é um dado que surgiu espontaneamente, mas sim, segundo interesses definidos, bem como necessidades sociais. Barbosa tinha um objetivo ao escrever e publicar seu texto, os leitores tiveram e têm interesses ao absorver tal texto. São os dois lados de uma mesma moeda, de um (do autor), a preocupação em construir uma memória, de outro (do leitor) a preocupação em absorver, significar/re-significar, produzir/re-produzir, manter e cristalizar suas impressões a fim de construir um núcleo comum em torno de Maria Elizabeth.

Durante esse capítulo vários elementos foram apontados em relação ao texto de Fidélis Dalcin Barbosa – *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu* –. O elemento principal, e que esteve presente em todos os momentos desse capítulo, foi a possibilidade de pensar na obra de Barbosa como o marco fundador da memória em torno de Maria Elizabeth, como o marco sistematizador do processo que estava acontecendo. Barbosa percebeu o que estava acontecendo e procurou representar esse processo através de seu texto compondo um novo olhar, uma nova representação do Maria Elizabeth. Assim, é que se pode afirmar seu texto como fundador de uma das várias memórias em torno de ME.

Para tanto, foi preciso expor a primeira edição do livro (1969) e a última (2001). Essa exposição permitiu que aflorasse a posição de Barbosa frente ao caso, bem como seu objetivo maior. Nas duas edições ele procurou narrar episódios singulares da vida e da pós-vida de ME, bem como, narrar vários depoimentos de fiéis da “santinha” como forma de “propagandear” sua imagem.

⁶⁹ BOSI, op. cit., p. 336

⁷⁰ BOSI, Ibidem., p. 336

⁷¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 153.

Através da obra o que se pôde perceber é que a existência de Maria Elizabeth, segundo Barbosa, foi “recheada” de momentos extraordinários, mágicos, de revelações, de previsões, de ligações com o sobrenatural. Enfim, uma existência digna de um personagem cuja marca deveria permanecer inscrita na Terra, tarefa que Barbosa quis cumprir. Cumpriu com muito esmero, diga-se de passagem. Foi capaz de inculcar nos leitores uma representação “santificada” de Maria Elizabeth.

Na medida em que Barbosa foi narrando e compondo os diversos episódios da vida e da pós-vida de Maria Elizabeth, ele foi criando uma nova realidade. Essa nova realidade foi reinterpretada e reconstruída pelas pessoas que tiveram contato com ela. Esse processo significou e significa um encontro entre uma interpretação do passado com uma construção do futuro, ambas conjugadas para dotar de sentido, ação, significado um presente.

Em síntese, Barbosa fez um duplo trabalho. Em primeiro lugar, de construir e compor uma memória em torno de ME. Em segundo, de garantir um dos meios de transmissão dessa memória⁷²: “A memória coletiva, por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois, para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa se inserir nova vida em tradição comum.”⁷³

A narrativa de Barbosa, em grande medida construiu um sentido, um sentimento de identidade coletiva, um sentimento de pertencimento, de partilha de situações comuns. Permitiu a criação de uma realidade social específica, que permite a interação e a manutenção do próprio grupo que a originou. Entretanto, há que se ter cuidado com as narrativas, pois:

[...] as narrativas são traduções e leituras diferentes do passado que, dependendo das combinações e ênfases variadas, possibilitam as mais diferenciadas leituras interpretativas do passado. Porém, todas as possíveis tradições possuem algo em comum. Todas elas demonstram ser incompletas e transitórias, mesmo que busquem a perfeição do passado.⁷⁴

A memória em torno de ME ainda persiste e ainda vai persistir enquanto ainda significar para grupos sociais específicos. Enquanto elementos do passado ainda garantirem sua continuidade.

⁷² Embora a imprensa escrita passo-fundense tenha tratado ME como santa antes de Barbosa em sua obra, sabe-se que o jornal tem circulação diária, seu alcance e permanência é relativo, já a obra de Barbosa é perene e sua difusão é bastante ampla, o que permite a manutenção dessa memória em torno de ME.

⁷³ TEDESCO, op. cit., p. 36

⁷⁴ DIEHL, op. cit., p. 102

A obra de Barbosa, afirmando novamente, é um marco da memória de Maria Elizabeth, é um dos valores materiais em torno dessa memória. A obra funciona como, se utilizando mais uma vez das palavras de Tedesco, uma *linguagem refrescadora* da memória, ou ainda, como uma *mediadora da memória*: “Existem mediadores de memória, os quais tornam possível seu acesso. Seleção, filtragem, critérios se dão em correspondência com o destinatário.”⁷⁵

Para concluir:

A narração, o texto escrito, outros tipos antigos em madeira, pedras, tecidos, papel, barro, folhas, os *chips* de computador, o gravador, a filmadora, a fotografia, a pintura, a escultura etc. são suportes de que necessita a memória para poder se presentificar e se futurizar.⁷⁶

Enfim, o texto escrito de Barbosa nada mais é do um suporte da memória em torno de ME, mais que isso é um dos responsáveis pela criação, divulgação e manutenção dessa memória.

⁷⁵ TEDESCO, op. cit., p. 127

⁷⁶ TEDESCO, Ibidem., p. 215

2. A publicização e a legitimação da memória através da imprensa

“Maria Elizabeth: 37 anos conquistando devotos no mundo inteiro”⁷⁷

“Maria Elizabeth: a Santa de casa que faz milagres”⁷⁸

*“[...]o leitor é induzido a ver o mundo não como ele é,
mas sim como querem que ele o veja.”⁷⁹*

⁷⁷ MARIA Elizabeth: 37 anos conquistando devotos no mundo inteiro. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 2002.

⁷⁸ MARIA Elizabeth: a Santa de casa que faz milagres. *O Nacional*, Passo Fundo, 1º nov. 2000.

⁷⁹ ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 33.

Este capítulo tem por objetivo discutir como a imprensa escrita passo-fundense colaborou e ainda colabora para a construção, re-construção e manutenção de um imaginário em torno da figura de Maria Elizabeth de Oliveira. Em outras palavras, busca-se perceber até que ponto essa imprensa serviu e ainda serve de alicerce para o fenômeno, visto que a imprensa, em geral, desempenha um papel primordial na construção e quiçá manipulação da opinião pública. Para tanto, os veículos impressos que serão utilizados correspondem aos dois principais jornais de Passo Fundo: *Diário da Manhã* e *O Nacional*⁸⁰. Além disso, analisar o episódio *Uma Carta para Maria Elizabeth*, da série *Histórias Extraordinárias*, produzido pela RBS-TV do Rio Grande do Sul, e exibida, aos sábados, durante o ano de 2004.

A intenção é analisar a imprensa escrita e televisiva como o espaço da publicização e legitimação da memória em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. No capítulo anterior buscou-se perceber a obra de Fidélis Dalcin Barbosa como o discurso fundador da memória. Assim, nesse capítulo busca-se compreender de que forma essa memória galgou espaço e legitimidade. Ao que parece, à imprensa coube a função de divulgação da imagem construída por Barbosa⁸¹.

O que se almeja é tentar perceber de que forma esses veículos de informação e opinião se posicionaram frente ao caso de Maria Elizabeth de Oliveira. Tentar perceber como a imagem de ME é exposta nos jornais bem como no episódio acima referido. Além disso, compreender até que ponto esses veículos de informação auxiliaram e auxiliam no processo de construção do imaginário em torno da “santa”. E para que tal tarefa se efetivasse, no caso dos periódicos, foi realizado o levantamento de dados junto aos jornais. O marco inicial do levantamento foi o dia 28 de novembro de 1965, ou seja, o dia da morte de Maria Elizabeth. Já o marco final não foi estabelecido, visto que essa pesquisa não se esgota, pois o fenômeno analisado ainda se faz presente, sendo assim, na medida em que são publicadas reportagens sobre o caso, imediatamente, são agregadas ao trabalho.

Entretanto, é necessário registrar alguns fatos curiosos que surgiram durante o processo de pesquisa. O levantamento foi realizado junto ao Arquivo Histórico Regional

⁸⁰ Ambos, de periodicidade diária, e de grande circulação na cidade, sendo que o *Diário da Manhã* abrange, também, o município de Carazinho, cidade vizinha a Passo Fundo. O jornal *O Nacional* foi fundado em 1925 e o *Diário da Manhã* em 1935. Isso mostra a importância desses periódicos na cidade, bem como, a tradição e o poder de difusão de idéias e juízos de valor que os mesmos possuem.

⁸¹ Há que se fazer uma ressalva nesse ponto visto que, como foi dito no capítulo anterior, a imprensa foi o primeiro veículo de informação a tratar Maria Elizabeth como santa e a pensar no fenômeno. No entanto, foi Barbosa quem sistematizou o que estava acontecendo, tentando legitimar e construir essa santidade.

da Universidade de Passo Fundo (AHR). Nele estão arquivadas, entre outras coisas, as coleções de ambos os jornais aqui apresentados, com exceção do *Diário da Manhã* que o AHR possui apenas a partir de novembro de 1968. Do período que corresponde ao ano da fundação do jornal (1935) até 1968 a coleção se encontra junto ao arquivo da própria empresa jornalística. Sendo assim, a pesquisa entre os anos de 1965 e 1968 foi realizada junto ao jornal *Diário da Manhã*. Entretanto, esse não é o fato curioso, e sim, o fato de que, no mês de novembro e dezembro de 1965, ou seja, o período da morte de Maria Elizabeth, não existem as edições do jornal *O Nacional* no AHR. Essa lacuna impossibilitou o levantamento de como esse órgão veiculou a notícia da morte e as decorrências desse episódio.

Outro elemento, agora não tão curioso, mas que requer uma maior atenção é o fato de que, entre os anos de 1970 e 1998 não haver notícias sobre Maria Elizabeth nos jornais. De 1965 até 1970 são encontradas diversas reportagens sobre o caso, desde a morte, passando pelo julgamento do motorista da Kombi que atropelou a menina, até homenagens da família, de amigos da família. Só que, depois de 1970 esse movimento acaba nos dois jornais, e só retorna a partir de 1999.

Nesse sentido, é interessante atentar para o fato de haver essa grande lacuna. É interessante pensar o porquê da não veiculação da imagem de Maria Elizabeth nesse período. Será que nesse período não havia a necessidade de que a sua imagem fosse veiculada nos meios de comunicação? Será que o imaginário em torno de ME tinha outros meios de se manter e se significar e re-significar? Será que houve um “acordo” entre a Igreja Católica e esses meios de comunicação para tentar “frear” o movimento de devoção que se desenvolvia? E se essas hipóteses se confirmarem, por que a partir de 1999 há a necessidade do retorno da veiculação da imagem da menina? E que tipo de imagem passou a ser apresentada? Com que objetivo? O que os jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional* objetivavam com isso? São essas e outras questões que tentar-se-á pontuar no decorrer desse texto. E, para ancorar tais objetivos serão utilizadas, além das fontes de pesquisa já mencionadas, algumas obras bibliográficas que tratam da relação da imprensa com os fatos, com o mundo dito real.

Uma das referências desse trabalho foi buscada na obra de Perseu Abramo, *Padrões de manipulação na grande imprensa*⁸². A obra de Abramo, em síntese, gira em torno da problemática da manipulação da informação dentro do jornalismo brasileiro. Segundo ele:

⁸² ABRAMO, op. cit.

A maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar *outra realidade*, irreal, que é a contrafação da realidade real. É uma realidade *artificial, não-real, irreal*, criada e desenvolvida pela imprensa e apresentada *no lugar* da realidade real.⁸³

Além disso, o autor elenca cinco padrões de manipulação na produção jornalística. Desses, quatro são gerais e um específico. A seguir será dado um panorama sintético das idéias do autor:

1. *Padrão de Ocultação*: refere-se à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. Entretanto, há a ocultação de certos fatos da realidade. É a problemática separação entre *fatos jornalísticos* e *fatos não-jornalísticos*. Esse padrão é decisivo no processo de manipulação da realidade. Ou seja, existe a supressão de fatos da realidade e em seu lugar são criados outros;
2. *Padrão de fragmentação*: depois de eliminados os chamados *fatos não-jornalísticos*, há uma fragmentação do real, os fatos passam a ser desconexos do processo no qual se originaram, e passam a ser revinculados a outros fatos inventados. Em síntese, há a seleção de aspectos do fato e a sua posterior descontextualização. É a imprensa que seleciona o que apresentará ao público. Muitas vezes, essa seleção é arbitrária, fazendo com que o fato perca seu sentido e significado real, passando a produzir uma nova realidade;
3. *Padrão da inversão*: é o momento do reordenamento dos fatos que foram fragmentados e descontextualizados. É a destruição da realidade original em detrimento de uma artificial. Seu ápice é quando se dá a apresentação final, a edição de cada matéria. Existem várias formas de inversão, dentre elas: *inversão da relevância dos aspectos*; *inversão da forma pelo conteúdo*; *inversão da versão pelo fato*; *inversão da opinião pela informação*;
4. *Padrão de indução*: os leitores são induzidos a uma certa “visão de mundo”, criada artificialmente. Ou seja, são excluídos da possibilidade de ver e compreender a realidade real.
5. *Padrão global ou o padrão específico do jornalismo de televisão e rádio*: passa pelos outros quatro padrões e ainda são acrescentados alguns outros elementos, dentre eles: *a exposição do fato*, aqui entra o fator emocional, o

⁸³ ABRAMO, op. cit., p. 23-24

sensacionalismo no momento da narração; *a sociedade fala*, as imagens e sons fazem soar e ecoar a voz dos personagens envolvidos e os testemunhos; *a autoridade resolve*, a autoridade tranqüiliza o povo, tem a função de tutela, de manutenção do bem-estar.⁸⁴

Entretanto, há que se compreender que isso não significa que esses elementos estejam sempre presentes e nessa mesma ordem dentro da produção jornalística. Existem graduações de manipulação, se é que se pode graduar ou apontar níveis de manipulação. É notório que em se tratando de pequena imprensa o efeito da manipulação é muito menor, embora também exista. Pois, mesmo na imprensa de caráter local, existem interesses também locais, que fazem com que imprensa atue como um órgão de poder, que representa valores e interesses definidos. É nesse ponto que a discussão que o jornalista francês Sergue Halami propõe em *Os Novos Cães de Guarda*⁸⁵, vai corroborar com a noção de que a imprensa tem poder e se utiliza dele para barganhar a favor de seus interesses.

A obra de Halami, da mesma forma que a de Abramo, traz à tona algumas questões bastante elucidativas do processo de manipulação da imprensa. Halami é até mais enfático que Abramo ao se referir à imprensa como um órgão que está a serviço dos donos do poder. Isso fica evidente quando diz que os jornalistas são: “Encenadores da realidade social e política, interna e externa, acabam por deformá-la. Estão a serviço dos interesses dos donos do mundo. São os novos cães de guarda.”⁸⁶ O autor critica o fato de a informação ter se tornado uma mercadoria como outra qualquer, e como possui o estatuto de mercadoria, é passível de ser comprada e vendida, não importando a que custo isso ocorra. O que importa é que a informação seja uma ferramenta rentável. Além disso, a obra é uma grande crítica aos próprios jornalistas, que, na maioria das vezes se aliam aos donos do poder promovendo, a partir disso, a consolidação do pleno entendimento, mesmo que forjado, entre opinião pública e poder.

Partindo dessas noções e tendo-as como uma espécie de “bula” que prescreve os cuidados e as contra-indicações que se deve ter ao adentrar no emaranhado mundo da imprensa, pode-se partir para a análise de como a imagem de Maria Elizabeth é veiculada. Isso tudo, tentando, quando possível, levar em consideração as relações entre os elementos apontados tanto por Abramo quanto por Halami a fim de averiguar como a imprensa constrói, e se constrói, legítima e divulga a imagem de algum personagem ou fato, nesse

⁸⁴ ABRAMO, op. cit., p. 25-37

⁸⁵ HALAMI, Sergue. *Os Novos Cães de Guarda*. Petrópolis: Vozes, 1998.

⁸⁶ HALAMI, Ibidem., p. 13

caso, Maria Elizabeth. A intenção é fazer isso analisando cada um dos veículos de informação, anteriormente referidos, separadamente e de forma cronológica crescente. A incursão dar-se-á, primeiramente, ao jornal *Diário da Manhã*, isso, em virtude de ele estar completo, pois, como já foi dito anteriormente, o jornal *O Nacional* não o está, ao menos a coleção localizada no Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo⁸⁷.

2.1. Jornal *Diário da Manhã*: “centenas de graças”⁸⁸

“Fatal acidente de trânsito na Av. Pres. Vargas: menina de 14 anos perde a vida em plena calçada, sob as rodas de uma Kombi-lotação – motorista estaria embriagado – a cidade ficou chocada com o triste acontecimento.”⁸⁹ Essa é a manchete principal estampada na segunda página do jornal *Diário da Manhã* do dia 30 de novembro de 1965. A reportagem detalha, a partir do livro de ocorrências da Delegacia de Polícia e de testemunhos, todo ocorrido no domingo do dia 28 de novembro. Além de discorrer sobre o acidente que ocorreu, e sobre quem estava no local do acidente, havendo a preocupação em dar a dimensão do fato:

Foi muito grande em toda a sociedade local, a repercussão da trágica ocorrência, principalmente pelas circunstâncias em que foi registrada, onde o motorista da Kombi meio alcoolizado, teria sido o responsável pelo ocorrido.⁹⁰

Isso tem o objetivo de mobilizar a opinião pública. De indicar o motorista como o culpado, pois estaria bêbado, e o jornal faz questão de frisar esse fato, ou seja, de que Gentil Lima (motorista da Kombi) seria o responsável pelo ocorrido. Além disso, percebe-se a intenção de agigantar o fenômeno, afirmando que toda sociedade local ficou comovida com o fato. É natural que seja realmente chocante quando ocorre um caso como esse. Entretanto, não há o cuidado na emissão de informações do tipo: o motorista estava

⁸⁷ Nem o próprio jornal *O Nacional* possui a coleção, o que dificultou o levantamento.

⁸⁸ CENTENAS de graças. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 1966.

⁸⁹ FATAL acidente de trânsito na Av. Pres. Vargas: menina de 14 anos perde a vida em plena calçada, sob as rodas de uma Kombi-lotação – motorista estaria embriagado – a cidade ficou chocada com o triste acontecimento. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 30 nov. 1965.

⁹⁰ FATAL, *Ibidem*

embriagado. Outra questão bastante interessante é que foi colocada junto à reportagem uma fotografia de Maria Elizabeth no dia da primeira comunhão, dizendo que no dia 6 de fevereiro ela completaria 15 anos. Esses elementos aparecem como forma de sensibilizar as pessoas sobre o fato. De inculcar nos leitores que o motorista da Kombi, interrompeu o curso de uma vida, de uma menina que nem tinha completado 15 anos, fato muito representativo quando se trata de meninas, que, na maioria das vezes esperam e anseiam pelos 15 anos.

Nas edições seguintes do jornal são publicadas mais reportagens sobre o caso. Uma, do dia 1º de dezembro de 1965⁹¹, onde Osmar Ferlin, que estava junto quando ME foi atropelada, afirmou que Gentil Lima estava completamente embriagado e que não tinha condições de dirigir. Já no dia 02 de dezembro há o depoimento de Nair Dallagnol, que também estava presente no momento do acidente e também afirmou o estado de embriagues do motorista⁹². É notória a intenção do jornal em afirmar o estado de embriagues e conseqüente culpa do motorista a respeito do acidente. Ainda nessa mesma edição há uma nota da família convidando para a missa de sétimo dia de falecimento de Maria Elizabeth.⁹³

É a partir do artigo de autoria do padre Umberto Lucca, na época integrante da Academia Passo-fundense de Letras, publicada no dia 05 de dezembro de 1965 que se pode perceber a intenção e a preocupação em construir e manter uma memória em torno de Maria Elizabeth. O artigo é exemplar ao tentar encontrar uma justificativa para a morte de ME como fica evidente nos trechos do artigo que se seguem:

Domingo, dia 28 de novembro de 1965, pelas 15 horas, Maria Elizabeth encerrou sua carreira neste mundo. Grande multidão de pessoas acorreu aos seus funerais. Lembro-me da Bete como era chamada. Menina humilde, alegre, muito religiosa. Lembro-me de sua primeira Comunhão na Matriz da Santa Terezinha. Logo após a festa religiosa, Bete apareceu na casa Canônica e me entregou a grinalda e o véu da Primeira Comunhão, com um bilhete: - Ofereço minha coroa e o véu de Primeira Comunhão à Igreja Santa Terezinha para ser dada a uma criança pobre.⁹⁴

São os primeiros elementos que irão compor, posteriormente, a imagem de Maria Elizabeth, ou seja, a idéia de que se tratava de uma menina muito alegre, humilde e de

⁹¹ AINDA sobre o fatal acidente na Presidente Vargas: Ferlin: “Meu carro estava estacionado – o motorista da Kombi estava completamente embriagado”. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 1º dez. 1965.

⁹² ACIDENTE ocorrido na Presidente Vargas ainda repercute: Nair Dallagnol: “não previ o acidente – lembro-me apenas de ter sido puxada pelo braço ao ser apanhada pela kombi”. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 02 dez. 1965.

⁹³ AGRADECIMENTO e convite para missa. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 02 dez. 1965.

⁹⁴ LUCCA, Umberto. Adeus à Maria Elizabeth. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 05 dez. 1965.

intensa vida religiosa, com preocupações em auxiliar os mais pobres. Nesse sentido, é preciso tentar inserir essa descrição feita pelo padre no contexto da sociedade da época, pensando de que forma os leitores se deparam com essa descrição da menina Bete. São descrições desse tipo que vão inculcar no imaginário popular uma representação da figura Maria Elizabeth de Oliveira. Parece ser uma das primeiras tentativas de materializar uma memória e é por esse motivo que a imprensa se torna uma ferramenta importantíssima nesse processo.

Seu corpo frágil de menina foi esmagado, como se esmaga o inseto. Viva parecia uma menina, morta, parecia moça. Maria Elizabeth cresceu depois da morte. Cresceu na sua beleza simples de menina moça. Cresceu porque era estimada.[...] Antes que o mundo, com seu ar de morte conspurcasse seu corpo e sua alma de criança ainda, como os besouros roem as flôres, o Divino Jardineiro permitiu que fôsse colhida para ornar o seu jardim de amor eterno.⁹⁵

Nessa passagem há a tentativa de justificar ou abrandar o fato de Maria Elizabeth ter morrido. Ela teria sido poupada das impurezas do mundo, mantendo-se pura para ornar ao lado de Deus o jardim eterno. A morte, vista dessa maneira, passa a ser mais bem aceita e, em certa medida, até mesmo, justificável. Parece que a morte poupou ME de enfrentar as asperezas da vida.

Teus colegas se revezavam para te velar. Muitos que nem te conheciam vieram para ver-te, rezar por ti e acompanhar-te na tua última viagem. É por isso que crescente, ficaste moça, completaste espiritualmente teus 15 anos. Trouxeram-te flôres, tua mãe enfeitou o teu quarto de rosas, as rosas de Santa Terezinha, tua padroeira. A tua cidade, os teus amigos, festejaram teus 15 anos. A festa maior será no Céu. Ninguém de nós será capaz de festejá-la como os anjos a festejam no Céu. Adeus, Bete, por muitos anos nos lembraremos de ti, daquela que festejou na morte o que não lhe foi dado festejar em vida. [...] Reza por nós que precisamos da oração da inocência, da prece dos anjos da terra.⁹⁶

Aqui, tem-se a presença da noção da amplitude que o caso tomou. Que no velório da menina não estavam apenas pessoas que a conheciam, muitos nem a conheciam. Muitos traziam flores, muitas rosas. É a tentativa da utilização de símbolos, que posteriormente se efetivará, pois, um dos símbolos que materializam a memória em torno de Maria Elizabeth é a rosa vermelha. Nessa passagem, volta novamente o elemento dos 15 anos, os quais não puderam ser festejados na terra, mas que seriam festejados no céu, com os anjos. O artigo termina com uma súplica, de que a menina, simbolizada pela inocência, reze pelos que estão na terra. Enfim, é um discurso que deixa transparecer a intenção de construir uma

⁹⁵ LUCCA, op. cit.

⁹⁶ LUCCA, Ibidem.

imagem exemplar de Maria Elizabeth. De colocá-la não numa condição de uma simples menina, mas sim de uma pessoa com uma tarefa espiritual a cumprir. Uma menina que deixou a vida não em vão, mas que tinha uma tarefa a cumprir ao lado do “Divino Jardineiro”⁹⁷.

“*Dia 6 de fevereiro: festa de 15 anos no céu!*”⁹⁸, artigo de autoria do padre José B. Schnorr, publicado no dia 06 de fevereiro de 1966, dia em que Maria Elizabeth completaria 15 anos de idade. Schnorr fazia parte da Igreja Santa Terezinha, nessa mesma igreja Maria Elizabeth desempenhava atividades religiosas diversas, dentre elas, auxiliava os padres durante as missas, fazia parte do coral. Tinha uma estreita ligação com o padre Schnorr. Esse, por sua vez, escreveu um inflamado artigo enaltecendo a imagem da menina:

Poucas vezes, ou talvez nunca, um aniversário foi celebrado com tanta saudade e com tantas lágrimas como a festa dos 15 anos da inesquecível Maria Elizabeth de Oliveira, morta tragicamente por um condutor de lotação pública – irresponsável e destituído de sentimentos humanos; tragédia essa ocorrida dia 28 de novembro p.p. [...] Sim, Gentil Lima! Roubaste a única flor dum jardim: roubaste a felicidade de um lar; feriste com chagas profundas e incuráveis o coração daqueles que aqui ficaram chorando a dor da saudade e da separação! Jamais chegarás a compreender as dimensões do crime que cometeste. E jamais talvez pudesses crer que ainda vivem pessoas generosas, que ainda pulsam corações com coragem de dizer para o assassino de sua filha, qual outro Cristo agonizante na dor: “pai perdoai-lhes...” – perdoamos! Talvez não tiveste a coragem de pensar na grandeza de tal perdão. E tu, Betinha, certamente também já perdoaste teu assassino. Sem dúvida os anjos do céu celebrarão teus 15 anos com muitos e lindos presentes, mais lindos talvez que os da terra[...] [...] “Rosas para mim, para você...” foi teu último canto aqui na terra...! Um buquê de rosas, ocupando o teu lugar... a tua cadeira, há de representar-te no dia dos teus 15 anos! – Pobres rosas,... jamais serão capazes de substituir-te. Apenas lembram a tua triste e eterna ausência! Adeus – Betinha: obtenha para nós a mesma felicidade que estás gozando no céu.⁹⁹

Essa passagem é reveladora de muitos aspectos que estão intimamente ligados com a criação de uma representação de uma imagem santificada de Maria Elizabeth. Um primeiro elemento é o fato de o jornal publicar mais um artigo escrito por um membro de uma instituição católica. Isso suscita algumas questões: qual seria o interesse dessa instituição ou dos membros dessa instituição em promover a imagem de Maria Elizabeth? Será que havia a intenção de construir um sentimento exemplar em torno da figura da menina? Ou seria apenas uma homenagem a uma menina simples que desempenhava uma intensa vida religiosa? Por outro lado, há que questionar, também, a posição do jornal ao

⁹⁷ Expressão utilizada pelo padre Umberto Lucca em seu artigo. LUCCA, *Ibidem*

⁹⁸ SCHNORR, José. Dia 6 de fevereiro: festa de 15 anos no céu! *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 06 fev. 1966.

⁹⁹ SCHNORR, op. cit.

publicar esses artigos que, de certa forma, são laudatórios e têm o objetivo de consternar os leitores, chamando a atenção de forma incisiva e apelativa para o fato.

Some-se a isso, há que se considerar a forma com que Schnorr se refere ao caso. Primeiramente, a forma envolvente, quase poética como o padre constrói seu texto. É impressionante como ele se refere a Gentil Lima, como um irresponsável, um ser destituído de sentimentos humanos. É quase como se fosse um julgamento, onde há um crime, um criminoso, a acusação, entretanto, a vítima não pode se defender, mas se o pudesse, perdoaria o assassino, num gesto de bondade. Isso, em certa medida, afirma a coroação de ME como uma pessoa acima das limitações humanas, capaz de perdoar até mesmo seu assassino. E são esses relatos, essas atitudes, esses discursos que fazem aflorar sentimentos de admiração, adoração, crença e fé nas pessoas. Além disso, surge novamente um elemento que mais tarde fará parte do universo simbólico construído em torno de Maria Elizabeth: as rosas. Schnorr afirma que um buquê de rosas ocupa o lugar da menina aqui na terra. A difusão da associação de Maria Elizabeth com as rosas foi muito eficaz. É a partir dessas pistas que se pode pensar o porquê dessa relação entre a menina e as rosas. E a imprensa teve, em grande medida, uma significativa contribuição nesse processo.

É no dia 28 de novembro de 1966, ou seja, no 1º aniversário do falecimento de Maria Elizabeth, que se inaugura, na imprensa passo-fundense, a trajetória de ME como uma figura com capacidade de atender a pedidos e promessas. Uma das manchetes desse dia intitulava-se: “*Centenas de Graças.*”¹⁰⁰ Aqui, é importante ressaltar a força que uma declaração como essa que o jornal expôs tem sobre a opinião pública. Entretanto, o texto decorrente dessa manchete é ainda mais revelador da postura do jornal em firmar os poderes de Maria Elizabeth de “interceder junto a Deus”:

Desde sua morte, centenas de graças foram alcançadas, segundo correspondência e oferendas em poder dos familiares. Seu túmulo é visitado diariamente por pessoas que vêm de vários pontos do estado. Uma relação incontável de graças são registradas por pessoas agradecidas. [...]No dia de hoje serão celebradas missas pelo seu passamento nos seguintes locais: Matriz de N.S. Conceição, às 20 horas; Santa Terezinha, às 18,30 horas; na Catedral N.S. Aparecida, às 6,30 horas; missas nas capelas das Vilas Vera Cruz e Fátima[...].¹⁰¹

O primeiro aspecto a ser destacado sobre essa passagem refere-se ao fato de em vários locais de Passo Fundo, nesse dia, serem rezadas missas em homenagem à Maria

¹⁰⁰ CENTENAS de Graças. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 1966.

¹⁰¹ CENTENAS, *Ibidem*

Elizabeth. Esse fato permite com que a memória em torno da sua figura se mantenha acesa, não caia no esquecimento. Há a preocupação em manter viva no imaginário coletivo as lembranças da menina que faleceu, vítima de atropelamento, aos 14 anos.

Em segundo lugar, tem-se o fato de o jornal declarar que centenas de graças foram alcançadas por intermédio da menina. E que muitas pessoas procuram seu túmulo para pedir e agradecer por graças alcançadas. Nesse momento, é possível pensar na manipulação das informações contidas nessa reportagem. Em primeiro lugar, o fato de o jornal afirmar a existência de centenas de graças alcançadas. Esse é um número bastante expressivo, no entanto, oculta-se que graças são essas, descontextualiza-se o fato. O jornal apenas informa que as graças existem, mas não tem a preocupação de pontuar exatamente que tipo de graças, ou a refletir sobre quem alcançou tais graças. Ademais, o jornal afirma que o túmulo passou a receber muitas visitas, e de pessoas de diversas regiões do estado, só que, não há a informação precisa sobre o lugar exato de procedência dessas pessoas. Ou ainda, quando se refere à existência de uma relação incontável de graças registradas. Essas graças são registradas por quem? Enfim, o que se percebe é que o jornal tinha o intuito de afirmar os poderes sobrenaturais de Maria Elizabeth, sem, no entanto, se preocupar com a natureza desse processo. Em síntese, em momento algum se questiona a procedência de tais fatos. Eles são dados como reais. E, na maioria das vezes, senão sempre, são absorvidos como reais.

No dia 07 de fevereiro de 1967 o jornal publica uma reportagem assinalando que no dia 06 tinha transcorrido o 16º aniversário de nascimento de Maria Elizabeth. O fato curioso nesse texto é que ele muito se assemelha com o texto que havia sido publicado no dia 28 de novembro de 1966, em decorrência do aniversário de falecimento da menina, como pode ser percebido nas seguintes passagens:

Após seu desaparecimento, centenas de graças foram alcançadas, segundo o registro e oferendas que se pode encontrar em seu túmulo no Cemitério Municipal. Diariamente, dezenas de pessoas vão até aquele local, com orações, fazendo promessas e agradecendo graças recebidas. Ontem em várias Igrejas da cidade foram rezadas missas pela alma da saudosa jovem, tão brutalmente roubada do seio de seus pais e da própria sociedade passo-fundense.¹⁰²

A reprodução do discurso, nesse caso, faz com que a memória se cristalice. Além disso, permite que as pessoas passem a encarar com naturalidade o fato de dezenas ou centenas de pessoas procurem o túmulo de Maria Elizabeth em busca de alguma graça ou

¹⁰² MARIA Elizabeth de Oliveira. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 07 fev. 1967.

em agradecimento a graças alcançadas. O objetivo é fazer com que as pessoas absorvam para o seu cotidiano esse processo, sem, no entanto, se questionar sobre a eficácia ou mesmo a veracidade desses fatos.

“Levada nos braços de sua mãe da rua para casa, já não tinha mais vida, cobrindo de dor, não só seus pais e irmão e demais parentes, mas uma coletividade inteira.”¹⁰³ Esse é um dos trechos da reportagem referente ao terceiro ano de falecimento de Maria Elizabeth. Essa passagem foi selecionada com a finalidade de apontar como a imprensa cria a realidade. Quando do acidente, no dia 28 de novembro de 1965, ME foi socorrida pela família Rossetto e levada ao Hospital São Vicente de Paulo¹⁰⁴. A mãe de Maria Elizabeth nem chegou a vê-la com vida após o acidente. Com isso, o objetivo era de expor de acordo com as idéias de Abramo, como as informações são re-criadas, descontextualizadas afim que se possa ajustá-las a uma nova realidade, só que artificial. No caso aqui explicitado fica clara a intenção de dar um caráter mais dramático para o caso, para sensibilizar ainda mais o leitor. Além disso, nessa mesma reportagem está presente, novamente, o relato dos inúmeros visitantes do túmulo, bem como da imensa quantidade de rosas depositadas junto ao túmulo.

“*Agradecimento*: J.M. da Silva, agradece à Maria Elizabeth, por uma graça alcançada.”¹⁰⁵ Essa nota foi publicada em 1969, ou seja, apenas quatro anos após a morte de ME. O que se pode afirmar a partir disso é que, nesse momento, já está se consolidando se já não está consolidada uma memória coletiva em torno de sua figura. E mais uma vez é o jornal que cumpre o papel de um dos porta-vozes dessa imagem.

Com isso, encerra-se, no jornal *Diário da Manhã*, a primeira leva de reportagens sobre Maria Elizabeth de Oliveira. Esse processo, só será retomado em 1999, mais especificamente, na edição dos dias 02 e 03 de novembro de 1999, em virtude da passagem do Dia de Finados. Entretanto, são poucas as informações contidas nessa nota:

A movimentação no túmulo de Maria Elizabeth, no cemitério da Vera Cruz, foi grande ontem. As pessoas que foram limpar os túmulos dos parentes, aproveitaram para visitar e rezar no túmulo. Segundo o irmão de Maria Elizabeth, Roberto de Oliveira, depois do Dia de Finados será iniciada uma reforma no túmulo.¹⁰⁶

¹⁰³ HOJE: terceiro aniversário de morte de Maria E. de Oliveira. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 1968.

¹⁰⁴ Segundo relato do irmão de Maria Elizabeth, Roberto Morandi de Oliveira e segundo o que consta na obra de BARBOSA, 2000, op. cit., p. 40.

¹⁰⁵ AGRADECIMENTO: J. M. da Silva, agradece à Maria Elizabeth, por uma graça alcançada. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 14 jan. 1969.

¹⁰⁶ MARIA Elizabeth. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 02 e 03 nov. 1999.

Aqui, vê-se que o discurso não é mais tão apelativo e sensacionalista. Isso pode ser uma decorrência do fato de que o imaginário em torno de Maria Elizabeth já está construído, cristalizado. A memória já está constituída, não sendo mais necessário emitir informações distorcidas e exageradas. O momento requer apenas a manutenção e perpetuação do processo, para que o mesmo não caia no esquecimento.

Entretanto, o mesmo não ocorre na edição do dia 28 de novembro de 2002, a última reportagem realizada pelo jornal ora analisado, até o presente momento. A manchete elucida o porquê dessa afirmação: “*Maria Elizabeth: 37 anos conquistando devotos no mundo inteiro.*”¹⁰⁷ Só o título já traduz o objetivo do texto. É evidente a intenção de impactar os leitores dando uma dimensão mundial do fenômeno.

Seu túmulo, localizado no Cemitério da Vera Cruz, é visitado o ano todo, por fiéis de vários países do mundo, que acreditam nos milagres da moça. Ela faleceu aos 14 anos num atropelamento e adorava rosas vermelhas.¹⁰⁸

Esse trecho é exemplar ao mostrar como se dá o processo de fragmentação da realidade, da supressão de informações, da descontextualização dos fatos. Há a afirmação de que o túmulo é visitado por fiéis de vários países do mundo, só que, em momento algum há a identificação sobre a que países se refere. Outra informação solta é a que faz referência que ela adorava rosas vermelhas. Essa informação está desconexa, não está relacionada a qualquer outra informação. Com isso, vê-se como as informações são desprovidas de qualquer contextualização, o objetivo maior é reafirmar o fenômeno. Na passagem que se segue pode-se perceber a intenção do jornal em divulgar Maria Elizabeth como milagreira:

A menina que previu a própria morte aos 14 anos, é tida como milagreira pelo povo que transformou seu túmulo num local de orações e pagamentos de promessas. Cheio de flores, bilhetes de gratidão, fotografias e vestimentas o sepulcro da moça é visitado constantemente.¹⁰⁹

Enfim, a tentativa foi construir a trajetória e o processo de construção de uma imagem exemplar de Maria Elizabeth a partir do jornal *Diário da Manhã*. Esse, operando com base em seus meios e instrumentos de manipulação da informação em prol de um

¹⁰⁷ MARIA Elizabeth: 37 anos conquistando devotos no mundo inteiro. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 2002.

¹⁰⁸ MARIA. op. cit.

¹⁰⁹ MARIA, Ibidem.

objetivo definido. Some-se a isso, um último elemento referente a esse órgão de imprensa é o uso que fez da imagem de Maria Elizabeth. Na maioria das reportagens o jornal reproduzia algumas fotografias da menina. O interessante é atentar para o fato de se tratar sempre das mesmas imagens¹¹⁰.



Figura 2



Figura 3

Essas são as duas fotografias mais divulgadas de Maria Elizabeth. A primeira remonta ao dia da Primeira Comunhão da menina, ou seja, um dia sagrado, dedicado à religião, é primeiro encontro com o Corpo de Cristo. A segunda mostra ME também bastante serena, transparecendo tranqüilidade.

2.2. Jornal *O Nacional*: “A fé que nasceu da dor: flores, uma menina comum, um acidente, flores...”¹¹¹

Quanto ao jornal *O Nacional*, o que se pode afirmar de antemão é que o número de notícias referentes à Maria Elizabeth é muito maior, mesmo não havendo os meses de novembro e dezembro de 1965. Precisar a justificativa para tal constatação é difícil. É complicado afirmar com clareza qual o objetivo do jornal ao divulgar suas informações. E o grau de dificuldade aumenta ainda mais quando se trata de um longo período de tempo, como é o caso desse trabalho.

¹¹⁰ A figura 2 foi retirada de: BARBOSA, 1969, op. cit. Já a figura 3 foi retirada de um cartão de agradecimento à Maria Elizabeth de Oliveira por atender pedidos, que é comercializado em floriculturas próximas ao cemitério onde se encontra o túmulo de Maria Elizabeth.

¹¹¹ A FÉ que nasceu da dor: flores, uma menina comum, um acidente, flores... *O Nacional*, Passo Fundo, 24 e 25 de jan. 2004.

A primeira notícia a respeito de Maria Elizabeth que foi encontrada no jornal *O Nacional* data do dia 05 de fevereiro de 1966. No entanto, deve-se lembrar do fato de não ter sido possível localizar os meses de novembro e dezembro de 1965, onde possivelmente poderiam ser encontrados mais registros referentes à personagem aqui em questão. Na reportagem do dia 05 foi feito o registro do passamento dos 15 anos de Maria Elizabeth, bem como, a publicação de uma das últimas fotos que a menina havia tirado enquanto estava viva.¹¹²

Curiosamente, na edição do dia 07 de fevereiro do mesmo ano, *O Nacional* publicou o mesmo artigo escrito pelo padre José B. Schnorr, que havia sido publicado no dia anterior pelo jornal *Diário da Manhã*. A única mudança do artigo foi o título. Na versão publicada no *Diário da Manhã*, o título era: “Dia 6 de fevereiro: festa de 15 anos no céu!”¹¹³, já na do *O Nacional*, poderia ser encontrado da seguinte forma: “Menina-moça Maria Elizabeth de Oliveira: uma data de saudade e um dia de lágrimas: 6 de fevereiro.”¹¹⁴ O significado disso é a tentativa da materialização da memória através da repetição, do processo de inculcar informações nos leitores. Ambos os jornais se valeram das palavras de um membro de uma instituição católica, cujo discurso é bastante eficaz, visto a força que as palavras de um padre possui. Nesse sentido, é evidente a intenção de sensibilizar o público leitor desses dois órgãos de comunicação. E isso se torna ainda mais claro devido ao fato de ambos os órgãos publicarem esse artigo que é tão poético, tão encantador, tão cheio de subjetividade.

Na segunda-feira do dia 23 de fevereiro de 1970 o leitor abriu o jornal na 4ª página e se deparou com a seguinte manchete: “Junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, muitos fazem promessas.”¹¹⁵ Naturalmente, ao ler essa manchete o leitor, de forma quase que instintiva, leu toda a matéria. Isso, em virtude das declarações contidas. Em síntese, há um cuidado, por parte do órgão de imprensa, em sensibilizar o leitor para que ele leia a notícia. E é difícil imaginar se de fato algum leitor apresentou algum tipo de receio ou recusa frente a uma manchete tão convidativa. E mais espetacular que ela, somente o texto subsequente ao título:

¹¹² AMANHÃ: 15 anos de Betinha: umas das últimas fotos de Maria Elizabeth M. de Oliveira. *O Nacional*, Passo Fundo, 05 fev. 1966.

¹¹³ SCHNORR, op. cit.

¹¹⁴ SCHNORR, José B. Menina-moça Maria Elizabeth de Oliveira: uma data de saudade e um dia de lágrimas: 6 de fevereiro. *O Nacional*, Passo Fundo, 07 fev. 1966.

¹¹⁵ JUNTO ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, muitos fazem promessas. *O Nacional*, 23 fev. 1970.

Já se falou na ocorrência de milagre. Muitos são os agradecimentos feitos por pessoas que dizem haver obtido uma graça junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, no Cemitério Municipal de Passo Fundo, significativo é o número de pessoas que comparece, diariamente a fim de fazer orações e depositar flores em sinal de agradecimento pela intercessão da jovem[...]. Muitas pessoas postam-se junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira e ali permanecem horas e horas a fazer orações em busca de auxílio. [...] O Nacional pôde conversar com algumas pessoas que têm afluído ao Cemitério Municipal com esta finalidade. Tôdas têm exteriorizado a fé na intercessão de Maria Elizabeth de Oliveira, e alguns são gratos por haver alcançado a graça pedida. [...] o túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira tornou-se um ponto de romaria[...].¹¹⁶

O interessante, aqui, é atentar para o fato de o jornal afirmar a existência de milagres e ir “comprovar” o fato junto aos devotos. Isso dá um caráter de credibilidade para o fato. O torna mais real. Os leitores se convencem da veracidade, pois, o jornal comprovou indo até o cemitério e falando com os romeiros. Além disso, outro fator importante na passagem acima e cujo objetivo é realmente afirmar Maria Elizabeth como uma pessoa capaz de interceder junto a Deus, é a constante referência a pessoas que se dirigem ao cemitério para agradecer a graças alcanças, não apenas para pedir graças, o que dá a idéia de que ela tem mesmo poder. Isso significa dizer que, a partir dessas informações, os leitores passam a acreditar no fenômeno, pois, o que lhes é apresentado como real é a capacidade de conceder milagres que ME possui. Agora, é necessário pensar na eficácia de uma reportagem como essa. É interessante pensar, que um órgão de imprensa, que tem um poder de persuasão e manipulação como *O Nacional*, um veículo de informação tradicional na cidade, tem muita força ao fazer declarações como essas.

Nem dois meses após essa reportagem, eis que, também numa segunda-feira, também na 4ª página do jornal, só que do dia 13 de abril de 1970, surge um novo elemento para compor a cena criada em torno de Maria Elizabeth: “*Um livro vai contar a vida de Maria Elizabeth de Oliveira*”:

“Uma Estrela no Céu” é o título do livro que Fidélis Dalcim Barbosa escreveu para narrar a vida da jovem Maria Elizabeth de Oliveira, morta tragicamente, em acidente de trânsito ocorrido em Passo Fundo.¹¹⁷

Uma nova e poderosa ferramenta de construção e cristalização da memória. É a materialização da memória no imaginário, não só local, pois a obra já havia sido lançada em Caxias do Sul no ano anterior. E o jornal é um ótimo meio de propagandear essa memória.

¹¹⁶ JUNTO, op. cit.

¹¹⁷ UM, op. cit.

E, assim como o ocorrido com o *Diário da Manhã*, encerra-se também no *O Nacional* a primeira fase de divulgação da imagem de Maria Elizabeth. Data de 1999 o retorno das reportagens referentes à ME. Agora, já não se trata de suspeitas sobre o poder milagreiro que a menina possui, agora afirma-se com veemência tal fato. Isso fica explícito na notícia do dia 03 de novembro de 1999, intitulada de “*Santa*”:

Um dos túmulos mais visitados em Passo Fundo, foi sem dúvida, o túmulo da santinha Maria Elizabeth, localizado logo na entrada do Cemitério da Vila Vera Cruz. Centenas de pessoas aglomeravam-se em frente ao túmulo para oferecer flores e orar. Os devotos ofereceram flores, especialmente rosas vermelhas, que pelo que se sabe eram as preferidas de Maria Elizabeth, acenderam velas e oraram muito para a menina que previu a própria morte, no intuito de pedir ou de agradecer por graças alcançadas. [...] Passados alguns anos, [da morte] a menina simples e encantadora passou a ser venerada como santa por muitos devotos que atribuem a ela muitas graças alcançadas.¹¹⁸

Esses trechos revelam a falta de preocupação que o jornal tem ao exprimir opiniões. Não é informação que o jornal emite, mas sim, opinião, sem, no entanto, ter cuidado ao emitir tais juízos de valor. Tal constatação pode ser averiguada quando há, não uma, mas duas vezes, a denominação de Maria Elizabeth como santa. Não há um cuidado ao tratá-la dessa forma, o que deveria haver, visto que, oficialmente ela não é santa. Assim, a categoria santa passa a fazer parte do cotidiano, as pessoas passam a encarar com naturalidade tal fato, absorvendo-o sem questionar. Ainda, essa passagem, mais uma vez, deixa transparecer a displicência do jornal ao lançar informações ao leitor sem contextualizá-las, como é visível quando há a referência às rosas vermelhas que “pareciam ser as preferidas de Maria Elizabeth”. Ou seja, não há preocupação em saber se isso realmente procede, o que importa é compor uma cena digna de uma santa. Em outro momento surge uma afirmativa referindo-se que a menina havia previsto a própria morte. É uma afirmação contundente, entretanto, não há a problematização ou contextualização desse fato. Enfim, a imprensa procura jogar a informação pronta para o leitor, e que, se possível, ele se envolva nesse emaranhado fragmentário e desconexo, mas que, aparentemente é real. E, sem sombra de dúvidas isso é eficaz, visto que, só para dar um exemplo, os fiéis de ME a consideram santa e se referem a ela como tal.

¹¹⁸ A SANTA. *O Nacional*, Passo Fundo, 03 nov. 1999.

É num artigo publicado também em 1999 e de autoria de Meirelles Duarte¹¹⁹ que surge a preocupação com o turismo que passou a se desenvolver em torno do fenômeno. Nesse artigo, bastante extenso, Duarte narra, em linhas gerais, a biografia de Maria Elizabeth, bem como o fenômeno religioso em torno da sua figura. São expostas, ainda, algumas fotos da família e da própria ME. Mas o curioso nesse artigo é a preocupação de Duarte com a questão turística criada a partir da devoção à Maria Elizabeth. Duarte denuncia a falta de infra-estrutura no cemitério. Segundo ele: “Passo Fundo ainda não despertou para esta importante realidade.”¹²⁰ Portanto, a intenção é chamar a atenção do poder público para o fenômeno, o que de certa forma, auxilia para que ele se reforce.

“*Maria Elizabeth: a Santa de casa que faz milagres*”¹²¹. Essa manchete retrata muito bem o tom da reportagem realizada no dia 1º de novembro de 2000. Tanto essa matéria, quanto a que foi publicada no dia 03 de novembro¹²² do mesmo ano, apenas vão reafirmando o fenômeno. Ambas, com um conteúdo muito parecido, em certos momentos até iguais, vão reafirmando a construção de uma imagem de Maria Elizabeth como santa e cuja devoção aumenta a cada dia.

Esse processo se verifica também nos anos seguintes, tanto no ano de 2001¹²³, quanto 2002¹²⁴ e 2003¹²⁵. Sempre na época do Dia de Finados. As três matérias apresentam fotos de Maria Elizabeth, fotos do túmulo. A estrutura dos textos é sempre muito parecida. Dão uma pequena trajetória de ME, depois afirmam a sua santidade discorrendo sobre seus possíveis milagres. Enfim, é novamente a reprodução de um discurso como meio de manutenção de uma memória coletiva em torno do fenômeno.

“*A fé que nasceu da dor: flores, uma menina comum, um acidente, flores...*”¹²⁶ Essa matéria foi realizada como forma de propagandear um episódio do programa de TV da RBS – Histórias Extraordinárias, que seria sobre Maria Elizabeth. Esse episódio foi ao ar, para todo o Estado do Rio Grande do Sul, em abril de 2004, entretanto, não é esse o momento de analisá-lo, tarefa que será realizada adiante. Em síntese, a reportagem faz

¹¹⁹ DUARTE, Meirelles. Trinta e quatro anos da morte de Maria Elizabeth de Oliveira: coube-me a 1ª reportagem da tragédia: esperada meia centena de ônibus no domingo. *O Nacional*, Passo Fundo, 27 e 28 nov. 1999.

¹²⁰ DUARTE, 1999, Ibidem

¹²¹ MARIA Elizabeth: a Santa de casa que faz milagres. *O Nacional*, Passo Fundo, 1º nov. 2000.

¹²² A SANTA. *O Nacional*, Passo Fundo, 03 nov. 2000.

¹²³ TÚMULO de Maria Elizabeth é o mais visitado. *O Nacional*, Passo Fundo, 03 e 04 nov. 2001.

¹²⁴ PEDIDOS e agradecimentos. *O Nacional*, Passo Fundo, 04 nov. 2002.

¹²⁵ MAIS visitado: jazigo de Maria Elizabeth de Oliveira, onde estão também seus avós e seus pais, Alcides e Leda Oliveira. *O Nacional*, Passo Fundo, 02 nov, 2003.

¹²⁶ A FÉ que nasceu da dor: flores, uma menina comum, um acidente, flores...*O Nacional*, Passo Fundo, 24 e 25 jan. 2004.

algumas considerações sobre o episódio, sobre o que será tratado, ou seja, sobre o que o público vai assistir. Em linhas gerais, foi uma espécie de trailer, chamando a atenção dos leitores do jornal para o fato de um grande acontecimento estar prestes a acontecer. Como num grande filme, sobre grandes personagens, com grandes histórias, e que há muito tempo era esperado.

É Meirelles Duarte que, novamente em 2004, vai chamar a atenção para a questão do turismo em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. A pauta do artigo¹²⁷, publicado no dia 02 de fevereiro de 2004, ou seja, quatro dias antes do aniversário de Maria Elizabeth, versa sobre a problemática da falta de infraestrutura junto ao túmulo da “santa”, e os limites que decorrem dessa questão. Inicialmente, Duarte procura, de certa forma, justificar o seu artigo, procurando dimensionar o processo que ocorre em torno do fenômeno:

Com o passar do tempo e as gerações se sucedendo, podemos afirmar, hoje, que assim como Passo Fundo foi conhecida como a terra de Teixerinha, os que não conheceram o grande artista e intérprete, afirmam ser Passo Fundo a terra de Maria Elizabeth de Oliveira. Ao menos para os milhares de devotos seus que estão, em grande número, não só nos estados do sul como além fronteiras brasileiras, especialmente na Argentina, Uruguai e Paraguai, de onde centenas de devotos, todos os anos, vêm visitar seu túmulo.¹²⁸

Nesse trecho, a intenção é chamar a atenção para a amplitude da devoção que existe em torno de Maria Elizabeth. É inegável que essas informações chamam a atenção dos leitores. Esses, impressionam-se com tais dados e informações. Os termos “milhares”, “centenas”, “além fronteiras” fazem com que as pessoas construam uma certa representação sobre o caso, sem, no entanto, saber se condiz ou não com a realidade, ou sem se questionar sobre a partir de qual realidade esses dados foram construídos. É uma construção a partir de apropriações de informações fragmentadas, as quais, são lançadas, por órgãos de imprensa, sobre os leitores, que recebem sem questionar.

Depois disso, Duarte parte para o que parece ser o objetivo central de seu artigo: o problema da infraestrutura do cemitério, bem como a questão do comércio em torno de Maria Elizabeth:

Não se pode colocar em dúvida o valor turístico que o fenômeno desta jovem tem representando para a nossa cidade. Porém, é preciso que encaremos como tal, isto é, fazendo com que, em tratando-se de uma atração tão expressiva, os que semanalmente para cá vêm, tenham o mínimo que se possa dispensar-lhes

¹²⁷ DUARTE, Meirelles. Devotos de Maria Elizabeth de Oliveira também pedem socorro. *O Nacional*, Passo Fundo, 02 fev. 2004.

¹²⁸ DUARTE, 2004, Ibidem.

para retornarem sempre, com todos os reflexos benéficos para nosso comércio, especialmente o de floricultura, lancheria, hotéis, bares, postos de gasolina e outros mais. [...] Na chegada a Passo Fundo [os devotos] encontram enormes dificuldades, desde um local para um café da manhã que lhes devolvam o ânimo e lhes dêem forças suficientes, pois, em grande parte são idosos ou pessoas que consigo trazem até seus filhos pequenos, até um outro tormento, que é a falta de banheiros junto ao cemitério.[...] Independente do que cada um pensa deste fenômeno que surgiu logo após a morte da jovem ocorrida em 28 de novembro de 1965, o que não podemos admitir é que nossa cidade fique totalmente indiferente ou distanciada desse atrativo turístico que muito mais poderá representar se tudo suficientemente estruturado e organizado.¹²⁹

Nesse momento, dois tópicos merecem atenção nessa passagem. A primeira diz respeito ao fato de Duarte dar grande ênfase ao turismo religioso e ao comércio que pode ser desenvolvido a partir do fenômeno. Ou seja, a cidade de Passo Fundo perde economicamente ao não dar atenção devida ao fato. Em segundo lugar, e como decorrência do primeiro, o poder público deveria oferecer uma estrutura maior para os devotos que vêm à cidade para visitar o cemitério onde se encontra o túmulo de Maria Elizabeth. Isso, tornar-se-ia possível, segundo Duarte, a partir da construção de bares, lanchonetes, banheiros, enfim, algo como um “complexo religioso” nas proximidades do cemitério.

Entretanto, há que se questionar até que ponto é necessária a construção desse complexo, pois, embora esse complexo não exista, os fiéis visitam o túmulo da mesma forma. Será que o número de visitantes aumentaria caso houvesse uma maior estrutura? Será que não haveria o risco de o fenômeno tornar-se um instrumento mercadológico, de pura exploração comercial? São essas questões que devem ser levantadas, e que em momento algum aparecem nas discussões em torno dessa problemática. O único vetor que é apresentado, pela imprensa, para os leitores, é o da falta de estrutura, das possibilidades de exploração comercial. Em momento algum é levantada a hipótese da banalização do fenômeno a partir disso.

Morta aos 14 anos de idade, durante o pouco tempo de vida, ela demonstrou através de suas atitudes ser uma pessoa que gostava de auxiliar os demais. Aluna do Colégio Menino Jesus, passava os finais de semana convivendo com as órfãs do Lar da Menina. Aos domingos, costumava levar duas ou três meninas do Lar das Meninas para almoçar em sua residência. Na época em que ocorreu o acidente, do qual foi vítima fatal, Elizabeth fazia parte do coral da Igreja Santa Teresinha.¹³⁰

Essa é uma parte de uma reportagem publicada no dia 06 de fevereiro de 2004, ou seja, data comemorativa do aniversário de ME. O que se pode perceber é a forma como o

¹²⁹ DUARTE, op. cit.

¹³⁰ MARIA Elizabeth completaria 53 anos hoje. *O Nacional*, Passo Fundo, 06 fev. 2004.

jornal se refere aos fatos da vida da menina. Ao que parece, a leitura que se pode fazer disso é que ela dedicou seus 14 anos para a caridade, para o auxílio aos necessitados, em prol de causas beneméritas e sempre ligadas à igreja católica. Em síntese, a menina, de vida simples e dedicada à caridade, mesmo após a morte manteve sua vocação de auxiliar os desamparados. É uma forma de buscar ou criar explicações para o movimento que se desenvolveu e se desenvolve em torno de Maria Elizabeth. Parece que se em implícita a mensagem: “não é em vão que ela é considerada santa. A prova disso está na forma com que viveu seus 14 anos, sempre dedicados a gestos de ajuda aos necessitados”.

A última reportagem realizada pelo jornal *O Nacional*, até o presente momento, data do dia 14 de setembro de 2004. O objetivo da matéria é denunciar que a falta de infraestrutura do cemitério tem impedido a vinda de uma maior número de devotos a Passo Fundo:

[...] a situação é caótica. A falta de infra-estrutura é visível. Não há banheiros, nem lancherias, nem locais para as pessoas sentarem. Além disso, o túmulo de Maria Elizabeth é pequeno e não comporta muitas pessoas, impedindo assim, a realização de missas. A falta de infra-estrutura, muitas vezes, repele a vinda de um maior número de visitantes.

Aqui, percebe-se o mesmo caso já apontado por Duarte. Ambas as reportagens apontam a falta de infraestrutura como um empecilho para a vinda de mais devotos a Passo Fundo. Entretanto, segundo o que consta na matéria, já foi aprovado, pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, um projeto visando a ampliação do Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz, na parte que corresponde ao túmulo de Maria Elizabeth. Tal projeto visaria a construção de um grande “complexo religioso”, isso, com a finalidade de tornar Passo Fundo numa cidade de turismo religioso:

Esse projeto, que trará emprego e renda para a cidade, criará a “Rota dos Oratórios”, no qual os visitantes poderão conhecer e orar em 10 oratórios espalhados pela cidade. O túmulo de Maria Elizabeth iniciaria a rota e uma missa na catedral finalizaria e peregrinação.¹³¹

Enfim, o interessante, a partir dessa longa exposição e dessa tentativa de problematização acerca do jornal *O Nacional*, é registrar a falta de contextualização dos fatos. As idéias são lançadas e não são desenvolvidas e nem explicadas. Um exemplo disso, mas que se ajusta à maioria das matérias, pode ser buscado no último fragmento de

¹³¹ PROJETO de ampliação do túmulo de Maria Elizabeth ainda está parado. *O Nacional*, 14 set. 2004.

reportagem acima referido onde traz vários questionamentos, dentre eles: se existe um projeto, por quem foi criado? Quando? Por que? Em que consiste os tais oratórios? Como se organizariam essas rotas? Quem as organizaria? Quem cobriria os custos? Em síntese, são inúmeras questões que ficam em aberto. Esses são exemplos de como são construídas e ao mesmo tempo destruídas as informações veiculadas pelos órgãos de comunicação. O leitor, na maioria das vezes, se depara com uma reportagem desse tipo e fica maravilhado com a idéia de que será desenvolvido todo um projeto em torno do fenômeno Maria Elizabeth. Mas será que esse leitor (não querendo subestimar a capacidade de interpretação e problematização que ele possui) questiona as informações que lhes é “entregue”, prontas, acabadas? Será que ele se dá conta de que quase nunca há espaço para questões do tipo: por quê? Como? Onde? Quando? Quem?

No que se refere às imagens de Maria Elizabeth que o jornal *O Nacional* veiculou pode-se classificá-las como sendo de duas naturezas e com dois objetivos distintos. Mas antes de enumerá-los é interessante visualizar tais imagens. A que mais é publicada, num total de oito vezes, retrata o jazigo de Maria Elizabeth em momentos de grande visitação. A segunda mais veiculada coincide com a que o jornal *Diário da Manhã* utilizou de forma bastante considerável. Refere-se à fotografia de ME, a qual o *O Nacional* publicou seis vezes¹³².



Figura 4



Figura 5

Agora pode-se voltar para o que foi chamado de a utilização das imagens segundo duas naturezas ou dois objetivos. A primeira fotografia, a mais veiculada, tem o objetivo,

¹³² A figura 4 foi retirada da reportagem: PROJETO de ampliação do túmulo de Maria Elizabeth ainda está parado. *O Nacional*, 14 set. 2004. Já a figura 5 foi retirada de um cartão de agradecimento à Maria Elizabeth por atender pedidos, que é comercializado em floriculturas próximas ao cemitério onde se encontra o túmulo da menina.

em primeiro lugar, de materializar a memória em torno de Maria Elizabeth a partir da consagração dos lugares de memória em torno do fenômeno. O jazigo, o cemitério é um dos lugares dessa memória, nas palavras de Félix: “[...] *lugares de memória*, encarregados de dar o suporte da continuidade com o registro de suas marcas através da escrita da história.”¹³³. Os lugares de memória, de certa forma, permitem que a memória seja cristalizada. Nesse sentido, a grande divulgação do túmulo de ME tem por objetivo materializar essa memória, cristalizá-la. Some-se a isso, essa mesma imagem quer impactar os leitores, pois mostra a grande movimentação no túmulo, o grande conglomerado de fiéis buscando o contato com a materialização de Maria Elizabeth simbolizado através do túmulo e dos objetos nele contido.

Já a segunda imagem tem um outro objetivo, embora também se refira à questão da memória, mas não aos lugares de memória, mas sim, a materialização da memória que se quer que os fiéis tenham no que diz respeito à Maria Elizabeth. Essa fotografia permite que os fiéis construam uma representação da “santa” a partir da imagem. As imagens têm a capacidade de expressar e emitir emoções, formas. E a que é maciçamente utilizada para divulgar a imagem de Maria Elizabeth transparece sensações que os fiéis, muitas vezes, buscam: tranquilidade, serenidade, bondade, inocência, amparo. Com isso, o que se quer é tentar mostrar os meios que a imprensa se utiliza para formar opinião para não dizer manipular opinião.

2.3. Jornalismo Televisivo: *Histórias Extraordinárias – Uma Carta para Maria Elizabeth*

Uma Carta para Maria Elizabeth, exibido no dia 24 de abril de 2004, é o nome de um episódio da série *Histórias Extraordinárias* produzida pela emissora de televisão RBS-TV do Rio Grande do Sul. Os episódios iam ao ar aos sábados logo após o meio-dia, para todo o estado do Rio Grande do Sul, sendo assim, de grande alcance. O objetivo da série era buscar na literatura, no folclore, no imaginário popular, histórias de cunho

¹³³ FÉLIX, op.cit., p. 55.

extraordinário, como o próprio nome da série aponta. O objetivo, aqui, é tentar explorar de que forma a mídia televisiva, nesse momento, abordou o fenômeno. Além disso, tentar apontar esse episódio como um dos momentos que auxiliaram e ainda auxiliam no processo que envolve a memória em torno de Maria Elizabeth.

O episódio foi gravado em Passo Fundo. Teve como roteiristas Eduardo Wannmacher e Sara Valar. A direção também foi de Wannmacher. A narração ficou por conta de Zé Victor Castiel e Juliana Foner. A direção de fotografia foi de Joel Sagardia e a trilha sonora ficou a cargo de Jean Presser.

O episódio teve dois momentos, que embora distintos, foram intercalados ao longo da história. O primeiro momento foi a dramatização da vida de ME, apresentando-a como uma menina comum, mas com sinais de singularidade. O segundo, apresenta a pós-vida e a devoção em torno do fenômeno.

Aqui, a intenção será a de tentar reconstruir a partir, não de imagens, sons e falas, mas de texto, o episódio. Para tanto, será feita uma descrição, não pormenorizada, mas suficientemente detalhada para que se possa criar uma representação mental do evento. Paralelamente a isso, tentar-se-á enquadrar os momentos do episódio como o modelo ou padrão de manipulação que Abramo desenvolve ao tratar do jornalismo de radiodifusão (TV e rádio).

Segundo Abramo, a mídia radiofônica e televisiva passam pelos mesmos quatro padrões de manipulação que a mídia escrita (e que anteriormente já foram listadas), apresentando apenas um que lhes é específico e que ele denomina de *padrão global*. Esse padrão está dividido em três momentos:

1. O primeiro momento refere-se à *exposição do fato*: o fato, o acontecimento é apresentado de forma fortemente emotiva, espetacular, sensacionalista, para despertar a atenção e o interesse do público. As imagens e sons permitem a criação de um espetáculo;
2. O segundo momento é quando a *sociedade fala*: as imagens e sons mostram as particularidades e especificidades dos personagens envolvidos. Esses, por sua vez, apresentam seus testemunhos, suas dores, alegrias, enfim, suas experiências com o fato;
3. O terceiro momento é quando a *autoridade resolve*: momento que a autoridade, não importa a natureza, tranquiliza o “povo”, mantém a ordem, submete o “povo” ao seu controle. Nesse momento, geralmente alguém da emissora emite um parecer, reforçando o papel resolutório da autoridade. Esse momento é

muito importante, visto que, é apresentado por último sendo essas as impressões que irão subsistir como essencial no telespectador.¹³⁴

Assim, é interessante tentar enquadrar esses momentos no episódio ora em questão. Mas inicialmente, é mais prudente apresentar o episódio para depois partir para uma análise de forma e conteúdo. A primeira cena é de uma menina, com idade entre 8 e 11 anos, dentro de um hospital. Ela está sentada, sozinha, em um banco num corredor, onde apenas passam algumas pessoas que trabalham na própria instituição. A luz está toda na menina, ao fundo, uma música triste. A cena seguinte mostra a menina no pátio do hospital. É um dia bastante ensolarado. Ela começa escrever uma carta e narrar o que está escrevendo. É uma carta para Maria Elizabeth. Nas palavras da menina: “a santa que minha tia disse que faz milagres”, e segue: “acho que minha mãe precisa de um milagre”. Segundo sua narração, a mãe estava há 19 dias no hospital, e estava muito doente. Por isso, que ela resolveu escrever a carta para ME.

A cena seguinte quebra a continuidade e inicia uma dramatização paralela a da menina. Agora, volta-se para 1965. Essa cena se passa dentro de uma casa. Numa sala, há uma mesa, cadeiras ao redor, sobre a mesa um vaso de rosas vermelhas. De costas para a câmera há uma menina, sentada, que mexe nesse vaso. Não há nenhuma fala nesse momento. São apenas imagens. O vento uiva lá fora e a menina (que representa ME) sente algo estranho, como se fosse um presságio.

Depois disso, tem-se o primeiro depoimento real, que é dado pelo irmão de Maria Elizabeth, Roberto. Em nenhum dos depoimentos há trilha sonora de fundo. A emoção fica a cargo do depoente, não é necessário acréscimo de nenhum elemento, o depoimento por si só basta para criar um clima emocionante. O ambiente em que Roberto depõe é carregado de simbologia. Atrás de Roberto aparecem muitas rosas vermelhas. Nesse primeiro depoimento Roberto fala das lembranças que tem a respeito da irmã. Diz que ela era uma menina como qualquer outra, com a diferença de que Maria Elizabeth era, segundo ele, muito reservada. “Sempre alegre, educada, sempre distribuindo rosas”. Durante a sua fala são intercaladas imagens suas e de notícias de jornais sobre ME. Essa cena é cortada e parte-se para outro depoimento, agora de uma prima de Maria Elizabeth. Ela fala sentada, de frente para a câmera. Afirma que “Maria Elizabeth era muito bonita, alegre, mas sempre teve um olhar distante”.

¹³⁴ ABRAMO, op. cit., p. 35-37

Perceba-se que nesses dois depoimentos já estão contidos alguns elementos que afirmam a singularidade da personalidade de ME. Ambos afirmam que ela era muito alegre. Roberto (note-se que quando Maria Elizabeth faleceu, ele tinha apenas quatro anos de idade, mas mesmo assim ele fala em muitas lembranças) afirma que sua irmã era muito educada e bondosa e sempre distribuía rosas vermelhas. Além disso, ambos falam que ela tinha algo de especial. O irmão aponta o fato de ela ser muito reservada. Já a prima diz que Maria Elizabeth sempre teve um olhar distante. São elementos que reforçam todo o mistério que envolve o caso, tornando-o extraordinário.

Depois desse momento de depoimentos volta-se para a dramatização sobre a vida de Maria Elizabeth¹³⁵. O narrador descreve alguns fatos da vida da menina¹³⁶, enquanto a dramatização que se segue é sobre cenas que representariam o cotidiano de ME. São tomadas que mostram ela indo para a escola, conversando com colegas, e sempre com uma rosa vermelha na mão.

Em seguida, outro depoimento, agora de Maria Inês Busato, que era vizinha e amiga de Maria Elizabeth e estava junto no momento do acidente. O local onde ela está dando o depoimento é junto à antiga estação férrea de Passo Fundo. Seu depoimento consiste na assertiva de que sua amiga era “muito solidária, gostava de ajudar as pessoas, passava muita alegria”. Novamente volta para Roberto, agora afirmando que a maior lembrança que tem da irmã foi a morte.

Uma nova ruptura na história. Volta-se para o eixo inicial, da menina escrevendo a carta à Maria Elizabeth. “Vou rezar nove dias e todo dia levarei uma rosa para você”. Aqui, o objetivo é apontar o ritual que se criou entre os devotos e a “santa”.

Como forma de tentar justificar a cena anterior, de justificar a “santidade” de Maria Elizabeth, segue-se uma cena da dramatização em que ME e uma amiga passam em frente a uma funerária onde Maria Elizabeth aponta para uma urna funerária. Nesse momento, não há fala, somente a imagem e uma música muito forte, misteriosa, formando um clima de suspense. Esse teria sido o momento em que a menina teria escolhido o caixão em que iria ser enterrada.

Depois disso, há o depoimento do filho do proprietário da funerária na qual supostamente as meninas teriam passado. Essa cena foi gravada dentro da funerária. Atrás do depoente são vistas coroas, urnas funerárias. Segundo ele, “depois de ter ocorrido o

¹³⁵ É interessante frisar que em momento algum a menina que faz o papel de Maria Elizabeth fala, ou seja, os outros falam por Maria Elizabeth. É como se fosse desnecessário que Maria Elizabeth falasse, pois, é melhor que as pessoas construam suas representações a partir de outros elementos que não a fala da menina.

¹³⁶ Ao que se pôde perceber, o episódio foi grandemente baseado na obra de BARBOSA, op. cit.

acidente o meu pai começou comentar que de fato algumas meninas tinham passado e apontado para um caixão branco-metálico”. Ainda, “no dia do falecimento o pai de ME se dirigiu até à funerária, e sem saber, comprou a urna que a filha tinha escolhido”. Ou seja, não importa saber se de fato esse episódio corresponde à realidade. O importante é criar um clima que propicie o mistério, que crie o extraordinário.

A cena seguinte refere-se ao dia do acidente, ou seja, dia 28 de novembro de 1965. A cena inicia mostrando Maria Elizabeth caminhando pela antiga estação férrea, com uma rosa vermelha na mão. Ela está absorta em seus pensamentos. A música inspira tensão, pavor, medo. Depois, aparece ela encontrando-se com as amigas no local que se processaria o acidente. Nesse momento Maria Inês narra como foi a experiência. Enquanto ela narra, as imagens apontam para as três meninas conversando. De repente, Maria Elizabeth se afasta do grupo, e fixa o olhar para a rua, como que prevendo ou pressentindo o que estava por acontecer. Essa cena termina com um grande estrondo. Mas não há uma cena do choque entre a Kombi e Maria Elizabeth. A cena é construída através da narração de Maria Inês e dos sons que são produzidos. O momento do choque, do grande estrondo, a imagem produzida é de uma rosa vermelha caindo ao chão e se desmanchando. Ou seja, uma grande metáfora que simboliza a morte da “menina que adorava rosas vermelhas”.

Como que para quebrar essa tensão, apresenta-se o depoimento de Meirelles Duarte. Foi ele que fez a reportagem cobrindo o acidente. Ele fala dos instantes que se sucederam ao acidente. Nesse momento intercalam-se imagens de Meirelles Duarte com as notícias do jornal sobre o fato. Depois, passam a falar o Roberto e a Maria Inês. Os três depondo sobre o acontecimento. É o momento de grande comoção, onde tanto Roberto quanto Maria Inês choram ao lembrar o fato. Nessa parte tem-se a grande exploração dos sentimentos, é a produção a partir do sensacionalismo. Depois de alguns instantes de silêncio começa-se a veicular imagens de Maria Elizabeth, com um fundo musical muito triste, melancólico. Note-se que é sempre a mesma, em diferentes momentos, mas é sempre a mesma fotografia. A mesma fortemente utilizada pelos jornais, e que vem estampada nos diversos objetos de Maria Elizabeth que são comercializados: “santinhos”, orações, camisetas, canecas, etc. Ou seja, o que se quer é que o devoto construa uma imagem de ME.

Depois disso, é o momento do “olhar externo” sobre o fenômeno. Falam um representante da igreja católica e um do meio acadêmico. Ambos abordam o caso na perspectiva da construção do imaginário em torno do fenômeno e dão ênfase à questão dos devotos. Tentam delinear um perfil de pedidos que os devotos externalizam. Entretanto,

essa cena não se estende muito. O importante e o interessante não é discutir racionalmente o fenômeno, mas sim apresentá-lo e coroa-lo com os sentimentos apaixonantes, irracionais e transcendentais.

A narrativa, agora, fica por conta de Meirelles Duarte que se indaga: “como tudo isso começou? Isto eu gostaria de saber”. Enquanto ele fala são exibidas imagens das notícias de jornais. E de pano de fundo, mas muito expressiva, é a música utilizada, uma música que enseja mistério.

Depois, uma seqüência em que aparecem devotos depositando rosas vermelhas junto ao túmulo. Então, seguem três depoimentos de fiéis. Nos três depoimentos há a presença da questão de como ficaram sabendo do caso. Nos três aparece o elemento da oralidade, ou seja, ficaram sabendo por intermédio de familiares, de amigos, de vizinhos. Além disso, há a apresentação de possíveis graças alcançadas por intermédio de Maria Elizabeth. Os ambientes em que se processam esses depoimentos são muito interessantes. Um é em uma praça, ao ar livre. Outro é em uma sala com um grande retrato de ME pendurado na parede ao fundo. Um terceiro ambiente é uma sala com uma prateleira ao fundo repleta de fotografia da família do depoente. E essa cena se encerra com um devoto, Everton Soldatelli, dizendo: “pra mim ela é realmente uma santa”.

Por fim, termina o episódio com uma tomada geral no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz. Fechando a cena no jazigo de Maria Elizabeth, mostrando uma seqüência com muitos devotos se dirigindo ao túmulo com rosas vermelhas na mão. O narrador fala na devoção que cresce dia-a-dia e termina dizendo: “Elizabeth está viva na fé de milhares de pessoas”.

Feita essa reconstituição do episódio. Embora seja difícil, senão impossível reconstruir o clima, as sensações, as emoções emitidas pela união dos meios visuais e auditivos. Mesmo assim, e apesar das limitações, pode-se tentar refletir sobre as questões que Abramo levanta sobre a manipulação na mídia televisiva, tentando enquadrá-las na situação acima descrita.

O primeiro momento levantado por Abramo é o da *exposição do fato*. No episódio *Uma carta para Maria Elizabeth*, o fato exposto é a vida e morte de Maria Elizabeth. É a tentativa de expor a vida de uma menina que apresentava alguns sinais de mistério. Levava uma vida normal, sim, mas paralelo a isso tinha alguns traços que a diferenciava das outras meninas. Enfim, na exposição sobre a vida traz fatos bastante emocionais. Mas o ápice do sensacionalismo recai sobre o episódio da morte. Nesse momento sim afloram as cenas mais espetaculares, os fatos mais impressionantes, como por exemplo, o momento em que

ME escolhe o caixão. Ou então, no momento do acidente, em que ao invés de uma cena com o acidente, é produzida uma cena em que aparece um rosa caindo ao chão. A apresentação do fato, em síntese, é o momento de sensibilizar o espectador.

O segundo momento, se dá quando *a sociedade fala*. O misto entre sons e imagens expõe detalhes dos envolvidos no caso. No episódio em questão, esse momento se apresenta quando, por exemplo, Maria Inês Busato, Roberto Morandi de Oliveira, Meirelles Duarte falam. São os envolvidos que ditam o tom do processo. Ditam, a partir de seus testemunhos, suas dores, suas experiências. Momento de maior emoção, quando Maria Inês e Roberto choram ao recordar do dia da morte de Maria Elizabeth. São as experiências individuais que passam a ser coletivas. São as memórias individuais que passam a ser divididas com uma coletividade ávida por emoções e grandes experiências.

O terceiro e último momento é quando *a autoridade resolve*, que no caso em questão a autoridade fica a cargo dos devotos. São eles que amenizam a dor da perda com seus depoimentos sobre as maravilhas conseguidas através da intercessão de Maria Elizabeth. São os devotos que, a partir do momento em que tornam públicas as suas experiências, dão credibilidade e legitimidade para o fenômeno, tornando-o, dessa forma, real. E, é essa impressão que o espectador vai reter em sua memória. Ou seja, Maria Elizabeth de fato é santa, pois os depoimentos comprovam isso. Em síntese, o desfecho do episódio induz o espectador a uma certa visão dos fatos. A intenção é não deixar espaço para outra interpretação que não a proposta pelo evento.

Dito tudo isso, pode-se tentar “amarrar” algumas coisas. Em primeiro lugar, julga-se necessário frisar que, a intenção era perceber a imprensa como um dos meios que asseguraram, assim como a obra de Barbosa, a construção de uma memória acerca de Maria Elizabeth de Oliveira no imaginário popular, mas a imprensa vai além dessa construção, promovendo a publicização e divulgação dessa memória. Ou seja, tentar compreender como a imprensa conseguiu garantir, através da dominação simbólica, persuadir, e inculcar valores e crenças no referido imaginário, pois, para Baczkó:

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controlo destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. [...] As modalidades de emissão e controlo eficazes alteram-se, entre outros motivos, segundo a

evolução do suporte tecnológico e cultural que assegura a circulação das informações e imagens.¹³⁷

Além disso, um segundo objetivo era tentar mapear de que forma a imprensa auxiliou, de fato, na construção e divulgação da memória em torno de ME. A memória entendida como o lugar, o tempo das permanências e da busca de identidades. O resgate da memória é importante, pois, reconhece o vivido, decifra o cotidiano, a sociabilidade dos simples. A identidade dos grupos é mantida através da memória. Nesse sentido, pode-se pensar numa compreensão do imaginário coletivo como criador da realidade social, e a memória como um suporte para os sujeitos coletivos, ou seja, para a definição dos laços de identidade.

A memória ligada às lembranças das vivências, e ela só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo, e ainda os mantém no presente. A memória permite que o passado continue vivo no presente, ela dá significação às práticas do presente através de representações do passado. A existência desse sentimento de pertencimento se dá, segundo Félix:

[...] não é o físico ou o territorial que permite a existência do grupo, e, sim, a dimensão do pertencimento social, criado por laços afetivos que mantêm a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradora de uma memória social. [...] A identidade associa-se também aos *espaços*, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários.¹³⁸

Portanto, a memória permite que o passado continue vivo no presente, ela dá significação às práticas do presente através de representações do passado.

No entanto, apesar de a imprensa desempenhar um forte controle sobre a sociedade, é necessário levar em consideração que a construção da memória não é um processo que se desencadeia de forma horizontal, a partir da vontade dos “donos do poder”, mas sim, depende do interesse do indivíduo. Em outras palavras, mesmo que a imprensa propiciasse todo um entorno para a construção de uma representação da imagem de Maria Elizabeth, isso só foi possível, pois os leitores tinham interesse nesse processo. Uma referência a isso pode ser buscada em Thompson quando diz que:

¹³⁷ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. v.5. p. 296-332. p. 313.

¹³⁸ FÉLIX, op cit., p. 42

O processo da memória depende, pois, não só da capacidade de compreensão do indivíduo mas também de seu interesse. Assim, é muito mais provável que uma lembrança seja precisa quando corresponde a um interesse e necessidade social. [...] A fidedignidade depende, em parte, do interesse que determinado assunto tem para o informante.¹³⁹

Essas considerações podem explicar o fato de existir uma grande lacuna nos jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional*, no período entre 1970 e 1999, no que concerne à divulgação da imagem de Maria Elizabeth. Ou seja, durante esse período não havia a necessidade de se ver veiculada nos meios de comunicação nenhuma forma de representação sobre ME. Não havia interesse dos indivíduos. A memória em torno do fenômeno tinha outros meios para se manter e perpetuar.

Entretanto, isso é apenas uma hipótese, não se pode descartar a possibilidade de haver um “acordo” entre Igreja Católica e imprensa. Outra questão a ser levantada é do porquê do retorno da divulgação da imagem de ME a partir de 1999. Uma possibilidade, e que parece plausível, é pelo fato de que em grande medida, as notícias a partir de 1999 se referirem ao turismo envolvido em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. Isso sugere uma outra fase do processo, ou seja, não está em jogo a construção ou legitimação, mas sim, a questão do turismo e do comércio religioso em torno do fenômeno. Em várias oportunidades, como ficou explicitado nas notícias, tem-se a referência à questão do turismo que se poderia desenvolver. As ações que o poder público local deveria tomar.

A noção de Thompson, acima referida, também pode justificar outra consideração acerca da imprensa aqui referenciada. O fato é que, com exceção das notícias referentes ao acidente e as decorrências disso, todas as outras matérias foram publicadas em datas significativas. Ou era no Dia de Finados, ou nas datas comemorativas ao aniversário de nascimento ou de morte de Maria Elizabeth. Isso se explica, em parte, pelo fato de haver o interesse, por parte dos indivíduos, que essas lembranças sejam “divulgadas” nessas ocasiões. Além disso, não se pode esquecer que a imprensa sabe se utilizar dessas ocasiões para por em prática seus objetivos, independente da natureza. Entretanto, como afirma Chartier:

A aplicação do texto ao leitor como uma relação móvel, diferenciada, dependente das variações, simultâneas ou separadas, do próprio texto, da passagem à impressão que o dá a ler e da modalidade da sua leitura. [...] Práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões.¹⁴⁰

¹³⁹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 153.

¹⁴⁰ CHARTIER, op. cit., p. 27.

Assim, deve-se pensar “o mundo como representação moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam.”¹⁴¹ Não esquecendo, que:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.¹⁴²

Ainda:

A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição, e pode ser descrito como um RITUAL. Ele define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção.¹⁴³

Assim, não se deve esquecer as formas de discurso “[...] como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões.”¹⁴⁴ Embora, o próprio Chartier reconheça que a leitura que se faz desses discursos nunca é igual:

[...] a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores, ele é uma caça furtiva, embora o autor sempre pense o modo como o leitor deve encarar seu texto.¹⁴⁵

Portanto, percebe-se a importância que a imprensa teve nesse processo de construção, publicização e divulgação do imaginário em torno de Maria Elizabeth. No caso dos jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional*, o papel desempenhado foi de suma importância. Num primeiro momento, esses dois órgãos se empenharam na divulgação e materialização, através do discurso, do processo. Num segundo momento, que é quando do retorno das notícias a partir de 1999, o que se vê é que não está mais em jogo se Maria Elizabeth é ou não santa, se tem ou não capacidade de conceder milagres, pois, isso já está

¹⁴¹ CHARTIER, op. cit., p. 23

¹⁴² FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. (Coleção Leituras Filosóficas). p. 8-9.

¹⁴³ FOUCAULT, Ibidem., p. 38-39

¹⁴⁴ CHARTIER, op. cit., p. 27

¹⁴⁵ CHARTIER, Ibidem., p. 123

consolidado, o que se quer é apenas manter esse imaginário a partir do turismo religioso, entrando nesse momento a questão comercial do fenômeno¹⁴⁶.

Esse parece ser, também, o objetivo do episódio *Uma Carta para Maria Elizabeth*, da série *Histórias Extraordinárias*. Ou seja, o fenômeno existe. Não se discute a eficácia ou não, mas sim, como ele pode se manter vivo na memória coletiva, não caindo, dessa forma, no esquecimento.

Enfim, levando-se em consideração que o indivíduo se depara com esse fenômeno constantemente através da imprensa, e que: “O homem não pode viver em meio às coisas sem formar a respeito delas idéias, de acordo com as quais regula sua conduta”¹⁴⁷ essa memória vai se produzindo/re-produzindo, significando/re-significando constantemente.

¹⁴⁶ Essa questão do comércio religioso será desenvolvido no capítulo 3 – *A “mais-valia” religiosa: a religiosidade popular e o comércio religioso em torno de Maria Elizabeth de Oliveira*.

¹⁴⁷ DÜRKHEIN, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 15.

3. *A mais-valia* religiosa: a religiosidade popular e o comércio religioso em torno de Maria Elizabeth de Oliveira

*[...] o simbólico ou complementar só tem uma linguagem
que adequadamente o exprime:
o mítico e o ritual; o mito que é rito recitado ou cantado,
o rito, que é mito gesticulado ou dançado –
o drama ritual, que é uma coisa e outra.
O mito e o rito põem o agora no outrora,
levam o presente-agora à presença do presente-outrora.¹⁴⁸*

Neste capítulo, a intenção é discutir, em termos teóricos e empíricos, a questão do fenômeno da religiosidade popular, baseada no catolicismo popular, que se desenvolveu e ainda se desenvolve em torno de Maria Elizabeth de Oliveira, tentando levar em consideração as práticas e processos construídos em seu entorno. Além disso, visa-se problematizar o comércio religioso desenvolvido/produzido a partir do fenômeno.

Essas duas problemáticas estão intimamente ligadas visto que a experiência religiosa popular está fortemente marcada pela presença de imagens e símbolos. Tais imagens e símbolos são criados para dar materialidade ao fenômeno religioso. Isso se dá na medida em que esses fenômenos são produzidos a partir do imaginário coletivo. Há, portanto, a necessidade de materializar esse imaginário. E, uma forma de se fazer isso é a

¹⁴⁸ SOUSA, Eudoro de. *Mitologias II: história e mito*. 2.ed. Brasília: Unb, 1995.

partir da construção de símbolos, imagens, espaços que representem e materializem o fenômeno e que, na maioria das vezes, são comercializados, movimentando um intenso e fervoroso comércio religioso.

É a partir disso que se desenvolve o comércio religioso. Essa prática, no entanto, não se reserva apenas a casos ligados à religiosidade popular, embora esse seja um dos campos em que esse processo esteja presente. E é esse campo que será objeto de análise nesse momento. Para tanto, torna-se necessário discutir, ao menos minimamente, o que se entende por religiosidade popular, compreender o que está inserido nesse processo.

Para tratar da religiosidade popular buscou-se ter como referência algumas obras que dêem conta de apresentar de forma objetiva o que é e o que está em torno da experiência religiosa popular. Um desses referenciais está na obra de Benincá¹⁴⁹, nela tem-se uma base teórica que pode dar o embasamento necessário para o desenvolvimento do problema aqui proposto. Em linhas gerais, a religiosidade popular é tratada como uma composição de elementos que integram e dão sentido ao universo simbólico de um determinado grupo. E esse universo passa a interferir diretamente na concepção de mundo desses indivíduos¹⁵⁰.

Outro referencial está no trabalho de Süß¹⁵¹, nele, o autor amplia o conceito de religiosidade popular, afirmando que ela abrange todos os costumes e vivências religiosas dos grupos humanos, e que é na religiosidade popular que se pode buscar todas as formas sincréticas da experiência religiosa dos grupos sociais¹⁵².

Além disso, buscar-se-á problematizar a dimensão mítica produzida dentro do processo da religiosidade popular. Para tanto, valer-se-á dos pressupostos teóricos propostos por Sousa¹⁵³. Para esse autor, o mítico está presente em todas as épocas do processo histórico. O mito, segundo ele, constituiria um relato simbólico das origens, sendo a sensibilidade seu valor cognitivo. Outros referenciais serão buscados em: Cassirer¹⁵⁴, Barthes¹⁵⁵ e Eliade¹⁵⁶. Esse três autores analisam fartamente o fenômeno mitológico. Suas idéias serão de grande valia para a problematização do fenômeno que

¹⁴⁹ BENINCÁ, Elli (Coord). *Cultura e religiosidade popular*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1991.

¹⁵⁰ BENINCÁ, Ibidem., p. 25

¹⁵¹ SÜSS, Günter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.

¹⁵² SÜSS, Ibidem., p. 28

¹⁵³ SOUSA, op. cit.

¹⁵⁴ CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

¹⁵⁵ BARTHES, Roland. *Mitologias*. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

¹⁵⁶ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ocorre em torno de ME, visto que, esse fenômeno está permeado de uma dimensão mítica bastante forte.

Já para a questão do comércio religioso em torno de ME, utilizar-se-á fartamente da obra de Eliade¹⁵⁷. As obras desse autor serão o referencial básico para discutir as questões em torno da problemática do sagrado/profano, das imagens, dos símbolos, enfim, das categorias que envolvem a experiência religiosa. Em outras palavras, são as idéias desse autor que permitirá que se adentre do misterioso e emaranhado mundo do irracional, do fantástico, do sagrado em oposição ao profano. É com sua obra que será possível perceber o devoto de ME como um ser religioso que procura se manter dentro de um universo sagrado com o objetivo de alcançar a experiência total de vida.

Naturalmente que serão utilizados outros pressupostos teóricos para analisar o processo aqui posto. No entanto, a base está calcada nos autores acima mencionados. Com isso, pode-se partir para caracterização do fenômeno que ocorre em torno de Maria Elizabeth de Oliveira como um fenômeno popular-religioso, em outros termos, como um fenômeno da religiosidade popular.

3.1. Maria Elizabeth de Oliveira como um fenômeno da religiosidade popular

A religiosidade popular no Brasil permeou e permeia o imaginário das representações da cultura historiográfica brasileira em suas relações com o sobrenatural, formando-se práticas de caráter pragmáticas, populares. Entre as características do fenômeno popular-religioso estão: a ambigüidade; que se manifesta na medida em que aceita o discurso oficial, entretanto, busca preencher os espaços deixados por este, e isso se dá, na medida em que a religiosidade é marcada pelo pragmatismo, onde são as práticas cotidianas que estão em jogo; a criação de um imaginário simbólico próprio, que, através

¹⁵⁷ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

de objetos, atos, acontecimentos, dá-se significação a concepções, sendo essas, o significado do símbolo.

As manifestações da religiosidade popular podem ser consideradas como práticas regionais. Podem ser vislumbradas a partir do processo histórico-cultural de onde se originam. Só que, para adentrar nesse campo é preciso pensar nos elementos que constituem tais práticas: o sagrado, o profano, a fé, a necessidade, os rituais, as expressões, manifestações e implicações.

A origem da religiosidade popular no Brasil remonta ao período colonial. Os motivos que fizeram com que o catolicismo oficial passa-se e ainda passe a conviver com as mais variadas formas de religiosidade popular são várias. Uma das bases para esse processo está no fato de Portugal ter uma formação étnica muito variada. Na verdade, Portugal se apresenta como um caleidoscópio cultural, onde desenvolveu-se ao longo dos séculos uma gama de práticas culturais e religiosas calcadas nas mais diversas vertentes. Um exemplo dessa miscelânea pode ser vislumbrado a partir das práticas católicas, islâmicas e africanas, dentro do mundo português. Todas essas, permeadas por questões como rituais, feitiçarias e supertições.

Assim, levando-se em consideração a colonização portuguesa do Brasil, não há como negar a forte influência religiosa de Portugal no Brasil. Somando-se a isso, tem-se a questão de a formação do Brasil ser predominantemente rural, o que significa dizer que teve uma formação religiosa *sui generis*, bastante ligada ao misticismo, aos rituais, às crenças pagãs. Fugindo, dessa forma, da ortodoxia católica. Além disso, a formação cultural brasileira contou com a inserção das práticas culturais africanas. Auxiliando ainda mais no processo de construção de uma cultura religiosa sincrética.

Forma-se, então, no Brasil, um catolicismo extra-oficial, de caráter pragmático, popular e tributário de superstições ligadas a outras religiões. Não há, dessa forma, uma preocupação com o catolicismo formal, clerical, sacramental. Em contrapartida, são os problemas cotidianos que fazem parte desse imaginário popular-religioso. São os santos com suas “especialidades” e “habilidades” que passam a fazer parte do cotidiano coletivo. São eles que auxiliam ou impedem projetos. A recompensa a esses santos é dada com festas, procissões, romarias, pagamentos de promessas. Com tantos santos “especialistas” Deus passa a ficar relegado a segundo plano. Deus é inacessível ao contrário dos santos. Deus é uma figura distante, ao passo que o santo está próximo, tem materialidade através das imagens.

Um fator bastante interessante nas práticas religiosas populares é que seus santos estão sendo constantemente “testados”. No caso de Maria Elizabeth de Oliveira, esses “testes” podem ser percebidos nos momentos em que são realizadas promessas para obtenção de pedidos, invocações de proteção perene. Em síntese, o que se vê é uma relação bastante humanizada.

A ritualística nesse processo reúne uma vasta manifestação material. No caso de Maria Elizabeth de Oliveira o processo não é diferente. É um fenômeno popular-religioso. Foge do controle da Igreja Católica. É uma santidade permitida. Ao seu entorno concentra-se uma grande materialidade, que será debatido mais adiante. Nesse momento basta inserir o objeto de análise dentro desse contexto.

O que se desenvolve em torno de ME pode ser chamado de catolicismo popular:

[...] caracterizado pela preponderância do rito e do acesso mágico ao sagrado. O misticismo na experiência católica pode ser observado de forma particularmente exemplar na relação do devoto com o santo. Assim, infere-se que o catolicismo popular é sacramental: montado não sobre uma visão secular, mas sobre uma visão sagrada da realidade, conforme a qual o “sagrado”, Deus e os demais sobrenaturais, manifesta-se de modo imediato no mundo e na história humana; é também em grande medida, emocional: o homem tem uma vivência muito profunda de seus aspectos não racionais. Além disso, é mais um “sedativo” dos problemas diários do que uma “problematização” de atitudes.¹⁵⁸

A devoção por ME nada mais é do que manifestação de uma religiosidade caracterizada pelo misticismo: espontânea, criativa, leiga. Essa manifestação dispensa a mediação do sacramental e doutrinal da instituição eclesial, procurando proteção através de um contato imediato com o sagrado.

A religiosidade popular pode ser definida como sincrética. É uma religiosidade de “urgência”. Revestida de praticidade e identificada com formulações elaboradas em símbolos, ritos em que se mesclam o sagrado e o profano. No contexto popular-religioso não é necessária a intermediação do sacerdote e nem tão pouco a igreja como local para que sejam estabelecidas relações com o sagrado, podendo se materializar em caráter individual, como, por exemplo, em forma de orações, novenas, penitências. Todas essas são práticas desenvolvidas pelos devotos de ME. Por outro lado, esse ritual pode assumir caráter coletivo, como nas romarias, procissões, festas de santos, dentre outros. Em relação à ME, o momento de devoção coletiva se dá junto ao cemitério no qual está enterrado o

¹⁵⁸ SCHENEIDER, op. cit., p. 49.

corpo de ME. Embora seja um espaço coletivo, de memórias coletivas, o ritual devoto-santa é de caráter individual.

Maria Elizabeth de Oliveira é, em última instância, o “porto-seguro” dos devotos. Ela é a intermediária entre o mundo natural e o sobrenatural. É ela que permite que o devoto atinja uma relação direta com o sobrenatural, mas, sob a ótica do protetor (ME). Nessa relação o devoto objetiva alcançar vantagens concretas: a santa vai interceder pelo devoto na obtenção de um emprego, na volta de um amor perdido, nas doenças, enfim, na busca do equilíbrio material ou emocional afetado pelas dificuldades da vida.

A questão que se levanta é se essas práticas fazem parte do catolicismo. Embora não haja uma resposta precisa, pode-se dizer que sim. Isso se dá em virtude de permanecerem práticas católicas ortodoxas nesse processo, como por exemplo: batismo, primeira comunhão, missa. No entanto, não é um catolicismo completo, pois, por exemplo, a figura do sacerdote é acessória.

Assim, percebe-se que, se o catolicismo procura ser universal, a religiosidade popular apresenta-se como um dado regional, embora apresente conceitos e práticas comuns em todas as formas de expressão. O que difere são os objetos de devoção, os locais de expressão e as formas assumidas por esses “santos” populares. Apesar disso, a mística, o ritual está presente em todas as formas de expressão desse fenômeno.

Com isso, pretendeu-se defender a idéia de que Maria Elizabeth de Oliveira apresenta-se como integrante desse universo simbólico que se desenvolveu e se desenvolve em torno da religiosidade popular. ME é um fenômeno popular-religioso, visto que em seu entorno desenvolvem-se práticas de caráter católico e práticas que fogem do domínio do católico, como por exemplo, pelo fato de ME não ser santa oficial, embora seus fiéis a tratem como tal¹⁵⁹. O que se desenvolveu foi um novo corpo doutrinal, independente da interferência do catolicismo oficial. O processo todo foi criado dentro do universo popular, a partir de práticas pragmáticas, tributárias de um corpo simbólico bastante extenso, composto de: imagens, ritos, símbolos.

Enfim, o que se desenvolve em torno de ME é religioso-popular, pois:

[...] envolve o comportamento de indivíduos em suas atitudes em relação à vida e à morte que, no caso estudado, se expressa no culto e na veneração por um ser de qualidades excepcionais, de poderes sobre-humanos, promotor de milagres; e é popular por tratar-se de uma veneração informal, cujos rituais são de caráter

¹⁵⁹ Isso fica claro no capítulo 2, quando há a análise da imprensa passo-fundense frente ao caso. Onde, a própria imprensa divulga a imagem de ME como santa. Assim, vê-se que esse fenômeno já fugiu do controle da Igreja Católica, não segue um corpo doutrinal..

espontâneo, na medida em que não foi e não é patrocinada ou controlada por nenhuma igreja institucionalizada, e por manifestar profundas afetividades subjetivas e pretender religar o divino ao horizonte cotidiano do homem, captando seu poder através de técnicas que inventa.¹⁶⁰

3.2. A dimensão mítica da religiosidade popular

O catolicismo popular pode ser considerado como mítico. Isso se dá por ele ser expresso através de mitos¹⁶¹. Além disso, esse catolicismo se baseia num conhecimento dado através da experiência mítica, pois, valoriza o significado com o contexto sócio-cultural, em vez de fazê-lo com relação ao processo histórico. Assim, é possível afirmar que a devoção por ME:

“[...] é manifestação de uma religiosidade caracterizada pelo misticismo: espontânea, criativa, leiga, ela dispensa a mediação sacramental e doutrinal da instituição eclesial, procurando proteção através de um contato imediato com o sagrado. [...] a experiência religiosa mística também pode ser apreendida enquanto “vivência do cotidiano”, no momento em que a “práxis religiosa” implica algum nível de intervenção intencional nas condições concretas da existência”.¹⁶²

Nesse sentido, a experiência religiosa traz à tona o lado irracional do ser. Ela clarifica a experiência do homem na terra. Segundo Eliade, o homem não poder ser pensado sem a dimensão religiosa, caso contrário ele se torna nulo¹⁶³.

Maria Elizabeth pode ser considerada uma dimensão do mito na medida em que tem a pretensão de ser uma “história verdadeira”, valiosa, preciosa, por seu caráter sagrado, exemplar e significativo. O mito, representado e materializado em ME, tem como finalidade, oferecer modelos para a conduta humana, conferindo, dessa forma, significação e valor à existência humana. Pensar ME como um fenômeno mítico é compreendê-lo, em primeiro lugar, como um fenômeno humano, fenômeno de cultura, obra da criação do espírito humano. A partir de ME pode-se manter a consciência de um outro mundo, de um

¹⁶⁰ SCHNEIDER, op. cit., p. 03

¹⁶¹ Esse mitos podem ser: sobre a origem e fim do homem, sobre a aparição de santos, entre outras formas de expressão do universo mítico.

¹⁶² SCHNEIDER, op. cit., p. 50-51

¹⁶³ ELIADE, 2001, op. cit, p. 16

plano sobre-humano, transcendente, um plano de realidades absolutas. Nas palavras de Eliade: “Qualquer que seja a sua natureza, o mito é sempre precedente em relação às ações – “sagradas” ou “profanas” – do homem, mas também em relação à sua própria condição”¹⁶⁴.

Para Barthes, o mito nada mais é do que fala. Segundo o autor, são necessárias condições para que a linguagem se transforme em mito. E o mito, nesse caso, apresenta-se como um sistema de comunicação, uma mensagem, um modo de significação, uma forma.¹⁶⁵

O mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais, logo tudo pode ser mito.¹⁶⁶

Dito isso, fica claro o porquê que Maria Elizabeth tornou-se um mito no imaginário popular. Tornou-se, em virtude das condições criadas para que ele fosse construído e pudesse passar a fazer parte de um estado aberto à apropriação da sociedade. É o próprio processo histórico que transformou, através da linguagem, de discursos, ME em mito. O mito, enquanto fala é uma mensagem: “Pode, portanto, não ser oral, pode ser pelo discurso escrito, fotografia, cinema, reportagem, a publicidade, tudo isso pode servir de suporte à fala mítica”¹⁶⁷. No caso de ME todos esses elementos fazem parte de sua dimensão mítica. A mensagem desse mito se dá de forma oral, discursiva, publicitária. Enfim, todas as formas de suportes ainda estão “ancorando” esse fenômeno, propiciando a sua apropriação e manutenção.

Em síntese, para Barthes: “O mito é uma linguagem que não quer narrar: arranca aos sentidos, de que se alimenta, uma sobrevivência insidiosa, degradada, provoca neles um adiamento da morte artificial, no qual se instala à vontade, faz deles cadáveres falantes.”¹⁶⁸

Com isso, percebe-se, como já foi dito anteriormente, conforme os pressupostos de Eliade, que o mito elimina a historicidade das coisas, na dimensão mítica perde-se a lembrança da produção dos objetos. Há, na realidade, um esvaziamento do processo histórico em função de uma criação de um “novo real”. Esse novo real compõe um

¹⁶⁴ ELIADE, 1998, op. cit., p. 339

¹⁶⁵ BARTHES, op. cit., p. 131

¹⁶⁶ BARTHES, Ibidem.

¹⁶⁷ BARTHES, Ibidem., p. 132

¹⁶⁸ BARTHES, Ibidem., p. 150

universo simbólico capaz de aglutinar em seu entorno uma coletividade que produz significação de sua experiência de vida através desse mito.

A função do mito é evacuar o real: literalmente, o mito é um escoamento incessante, uma hemorragia, ou, se se refere, uma evaporação, em suma, uma ausência sensível. O mito não nega as coisas, a sua função é, pelo contrário, falar delas; simplesmente, purifica-as em natureza e em eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação, mas de constatação. O mito abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, organiza um mundo sem contradição.¹⁶⁹

Esse processo ocorre de forma clara em torno de Maria Elizabeth. Isso pode ser percebido através do discurso de Barbosa¹⁷⁰, cuja intenção é suprimir a historicidade do fato. O objetivo é criar um novo real, um novo universo simbólico em torno de ME. Também fica claro isso através da postura da imprensa passo-fundense frente ao caso¹⁷¹, cujo objetivo é, em última instância, através da linguagem, do discurso, afirmar e consolidar o mito. Em outras palavras, criar um novo universo, uma nova linguagem, enfim, uma nova realidade.

Desloca-se, nesse sentido, a dimensão empírico-racional do processo em função de uma nova construção, a qual, se distancia do puramente humano. Passa-se a uma dimensão sobre-humana, calcada em uma outra lógica, a lógica dos mitos. Essa lógica, com caráter verdadeiro, revela uma estrutura do real inacessível à apreensão do espírito empírico-racionalista.

Para finalizar, pode-se valer das palavras de Souza no que se refere à dimensão mítica do fenômeno religioso:

[...] o mito é linguagem da sensibilidade e da imaginação; que é da sensibilidade e da imaginação que parte o impulso mítico, criador de mito. [...] o mito está para a sensibilidade como a ciência (*generaliter*) está para a inteligibilidade. O mítico aponta para uma transcendência [...]. [...] o valor e o alcance do mítico assentam em base firme, inabalável; no que se tenha por valor e alcance da sensibilidade e da imaginação. [...] O mito pode ser máscara, mas atrás dela não há nada. [...] Mito é vida da sensibilidade; e a alegoria sua morte.¹⁷²

¹⁶⁹ BARTHES, *Ibidem.*, p. 163

¹⁷⁰ Ver o capítulo 1.

¹⁷¹ Ver capítulo 2.

¹⁷² SOUZA, *op. cit.*, p. 47-48

3.3. A materialização do fenômeno através da exploração imagética e simbólica

Neste momento, a intenção é tentar analisar de que forma se dá a exploração comercial da imagem de Maria Elizabeth. Além disso, busca-se verificar o que significam essas imagens e símbolos dentro do processo cultural-religioso em que o fenômeno se desencadeia. Para tanto, serão elencados os objetos que são comercializados, que fazem referência à imagem de ME, bem como, o significado dos mesmos, apoiando-se nos pressupostos de Eliade¹⁷³.

Os materiais que fazem referência à ME são muitos, e comercializados por diversos ramos. Nesse momento, ficar-se-á com apenas um dos pontos comerciais que exploram a imagem de Maria Elizabeth. Esse ponto é a *Floricultura Maria Elizabeth*, localizada na Rua Teixeira Soares, 310 – Passo Fundo – RS. A referida floricultura está situada nas imediações do Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz, onde está enterrada Maria Elizabeth. Outro fator interessante é que a floricultura é de propriedade do irmão de ME – Roberto Morandi de Oliveira. É necessário que fique claro que esse não é o único espaço em que se dá a exploração da imagem de ME. Muitas outras floriculturas, livrarias, vendem objetos que se referem a sua figura.

A seguir, uma tabela¹⁷⁴, em ordem crescente, de acordo com o nome dos objetos comercializados, bem como o valor dos mesmos:

OBJETO	VALOR	DESCRIÇÃO
Adesivo para carro	R\$ 2,00	
Botão de rosa vermelha	R\$ 1,00	
Botom	R\$ 2,00/6,00	R\$ 2,00 com foto/ R\$ 6,00 com uma rosinha
Brincos	R\$ 6,00	Brincos com imagens de ME
Camiseta	R\$ 12,00/16,00	R\$ 12,00 infantil/ R\$ 16,00 adulto

¹⁷³ ELIADE, 2001, op. cit.; ELIADE, 2002, op. cit.

¹⁷⁴ Os objetos, bem como os preços dos mesmos foram levantado no mês de julho de 2005 junto à floricultura. Sendo assim, podem ter havido alterações nos preços.

Caneta	R\$ 2,00	
Capelinhas	R\$ 15,00/18,00	Capelinhas em miniatura com a imagem de ME
Chaveiros	R\$ 2,00-5,00	Varia o preço de acordo com o acabamento do chaveiro
Escapulário	R\$ 4,00/6,00	R\$ 4,00 simples/ R\$ 6,00 com corrente
Fotos	R\$ 2,50-3,00	Reprodução de fotos, em diversas ocasiões: 1ª comunhão, no colégio...
Ímã de geladeira	R\$ 2,00/3,00	Existem dois modelos: uma rosa com a foto de ME no meio (R\$ 3,00) ou só a foto (R\$ 2,00)
Lembrancinhas	R\$ 6,00	Pedras como lembrança de Passo Fundo, com foto de ME no centro
Lenço	R\$ 1,00	
Medalhas	R\$ 1,00/2,00	
Oração	R\$ 0,70-1,50	Oração para novena. O preço é variado, dependendo do tamanho da oração, se contém a imagem de Maria Elizabeth ou não.
Pingente para corrente	R\$ 4,00	
Porta retrato com foto de ME	R\$ 5,00	
Porta-caneta com caneta	R\$ 7,00	Ambos com imagem de ME
Prato de porcelana	R\$ 15,00/18,00	O valor varia de acordo com o tamanho do prato, todos têm a imagem de ME no fundo
Pulseiras	R\$ 5,00-8,00	Plástico-R\$ 5,00 / Madeira-R\$ 8,00
Régua	R\$ 1,00	
Resumo da obra acima referida	R\$ 6,00	Livro de bolso, resumo da obra de Barbosa
Terço (dezenas)	R\$ 3,00/4,00	Existem dois modelos: um com imagens de ME (R\$ 4,00) e outro sem (R\$ 2,00)
Terço completo	R\$ 4,00	
Terço de madeira	R\$ 8,00	
Terço para carro	R\$ 6,00	
<i>Uma Estrela no Céu</i> - livro ¹⁷⁵	R\$ 15,00	A obra já está na 30ª edição
Vela Sete dias com imagem	R\$ 3,50	

¹⁷⁵ Livro de autoria de Fidélis Dalcin Barbosa. Para mais informações ver capítulo 1.

É importante ressaltar, antes de qualquer coisa, que permanecerá uma lacuna nesse levantamento. Tal lacuna localiza-se no fato de não haver um controle sobre o volume dos materiais que são comercializados. Sendo assim, não será possível saber qual a soma que a floricultura arrecada com a venda desses produtos. Entretanto, sabe-se que o comércio existe e é intenso. Com isso já se tem margem para apontar algumas questões interessantes.

Os dados acima expostos são, por si sós, carregados de significação. O que se percebe é um intenso comércio religioso desenvolvido em torno desse fenômeno. O que se vê é a intenção de materializar a memória de Maria Elizabeth de Oliveira através de objetos não só sagrados, mas por objetos que fazem parte do cotidiano das pessoas. Isso fica claro a partir da comercialização de “adereços” como: régua, canetas, camisetas, pulseiras, brincos, pratos, lenços, ímãs de geladeira, bótons, adesivos para carro. Enfim, um variado número de imagens, símbolos que procuram dar materialidade para a figura de ME. Mais que isso, procuram permear o cotidiano popular com elementos sagrados, mas que se confundem com elementos profanos. É a tentativa de trazer para o dia-a-dia dos fiéis a imagem da “santa”. Com isso, a relação devoto-“santa” torna-se, pode-se dizer, mais próxima, mais “humana”, mais palpável, se dá de forma horizontal. Não é uma relação baseada numa hierarquia, mas sim, numa relação próxima, sensível, que só é possível graças a essa materialização do sagrado no profano.

É sabido que imagens, símbolos, mitos fazem parte da esfera espiritual do homem. No entanto, essa esfera do humano pode ser “recheada” com materialidade. E é isso que ocorre em torno de ME. Todos os objetos acima citados são como “recheio” da relação devoto-“santa”. O homem, enquanto ser portador de psique, necessita de imagens, símbolos e mitos. Essas categorias, em suma: “[...] respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser”¹⁷⁶.

Essas imagens, revelam:

[...] a nostalgia de um passado mitificado, transformado em arquétipo, que esse “passado” contém, além da saudade de um tempo que acabou, mil outros sentidos: ele expressa tudo que poderia ter sido, mas não foi, a tristeza de toda a existência que *só existe* quando cessa de ser outra coisa [...]¹⁷⁷.

Enfim, as imagens têm a função de mostrar e materializar tudo o que permanece inacessível na esfera do sagrado. As imagens são formas de revelação da fé cristã. Em

¹⁷⁶ ELIADE, 2002, op. cit., p. 8-9

¹⁷⁷ ELIADE, *Ibidem.*, 13

outras palavras, é a manifestação de Maria Elizabeth no tempo. E são essas imagens, que, ao ver do devoto, dão validade ao processo.

Em suma, é a presença das Imagens e dos símbolos que conserva as culturas “abertas”: a partir de qualquer cultura, tanto a australiana como a ateniense, as situações-limite do homem são perfeitamente reveladas graças aos símbolos que sustentam essas culturas. [...] Se as Imagens não fossem ao mesmo tempo uma “abertura” para o transcendente, acabaríamos por sufocar qualquer cultura, por maior e admirável que a supuséssemos. [...] As Imagens constituem “aberturas” para um mundo trans-histórico. Não é, entretanto, seu menor mérito: graças a elas, as diversas “histórias” podem se comunicar.¹⁷⁸

O que se quer mostrar é que todos aqueles objetos que se referem à Maria Elizabeth de Oliveira, é que eles não são meros objetos, mas sim, objetos carregados de um forte simbolismo. Neles, está agregado um valor religioso. Fazem parte de um sistema complexo que permite que haja uma correspondência e uma afinidade entre eles. O devoto, ao entrar em contato com essas imagens passa a fazer parte de um universo simbólico único, compartilhado, apenas, com grupo para o qual esses objetos têm significação.

A manifestação de Maria Elizabeth, enquanto um fenômeno sagrado, através das imagens, é uma tentativa de aproximá-la do profano. É através das imagens que o sagrado se revela. E essa manifestação se dá, quase sempre, através de objetos que fazem parte do mundo profano.

Dentre todas as imagens acima citadas, uma merece destaque – *a rosa vermelha*. Por si só, a rosa vermelha é apenas uma rosa vermelha. Entretanto: “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se *outra coisas* e, contudo, continua a ser *ele mesmo*, porque continua a participar do meio cósmico envolvente.”¹⁷⁹. Isso significa dizer que, para os devotos de Maria Elizabeth a rosa vermelha não representa uma rosa vermelha, mas sim, uma nova realidade, ou seja, a rosa vermelha, passa a ser um símbolo, um elo de ligação entre o fiel e sua “santa”. No momento em que o devoto oferece a rosa vermelha para Maria Elizabeth, e que a deposita em seu túmulo, ele está tentando materializar esse momento sagrado. Além disso, é uma forma de fazer com que o grupo de devotos de ME sintam-se pertencentes a um mesmo grupo. Isso se dá, pois, independente da origem/procedência do fiel, todos saberão que a imagem de ME está diretamente associada às rosas vermelhas¹⁸⁰.

¹⁷⁸ ELIADE, 2002, op. cit., p. 174

¹⁷⁹ ELIADE, Ibidem., p. 18

¹⁸⁰ No capítulo I estão levantados alguns indícios que podem dar conta de responder o processo de construção dessa simbologia envolvendo rosas vermelhas e Maria Elizabeth de Oliveira.

As rosas vermelhas, no dizer de Eliade, passariam a representar um *ponto fixo*. Esse *ponto fixo* possibilitaria uma homogeneidade do caos, seria a fundação de um novo mundo, um novo real. Para que esse novo mundo se solidifique, é preciso fundá-lo, e isso significa, construí-lo, tentando dar um sentido ao novo mundo.¹⁸¹

Paralelo a isso, tem-se o Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz, em Passo Fundo, onde está enterrada ME. Esse espaço pode ser considerado como um local privilegiado, pois, guarda uma qualidade excepcional, única. O cemitério, nesse caso, representa um dos lugares sagrados que envolvem o fenômeno ME. Ele tem a intenção de ser como um veículo de passagem e de contato entre os devotos e sua “santa”. Esse espaço sagrado representa o recinto no qual se pode tornar possível atingir o nível da transcendência.¹⁸²

É no cemitério que boa parte da ritualística que envolve ME se processa. É no seu túmulo que são depositadas as rosas vermelhas. É também nesse espaço, que é sagrado, que se depositam as orações, os pedidos, as oferendas à Maria Elizabeth. Enfim, o cemitério é um elemento-chave na constituição do processo todo. Para encerrar, pode-se valer novamente das palavras de Eliade:

Na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente *à medida que ele reproduz a obra dos deuses*. A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso insistir um pouco na concepção tradicional de “mundo”: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado”.¹⁸³

Antes de qualquer coisa, é válido pensar sobre o lento processo de dessacralização do ser humano. Esse processo, como é sabido, faz parte da transformação do mundo assumida pelas sociedades industriais. Transformação que se tornou possível graças à dessacralização do cosmos. Isso tudo se deu pelo avanço do pensamento científico-racional. Entretanto, há que se questionar até que ponto essa sociedade cientificista conseguiu e consegue neutralizar o homem-religioso. Pois, como é o caso do fenômeno em questão, ele se processou e se processa em meio a esse turbilhão chamado sociedade científica, entretanto, isso não anula a possibilidade de aflorarem fenômenos religiosos. Em outras palavras: “[...] algumas imagens tradicionais, alguns traços da conduta do homem

¹⁸¹ ELIADE, 2001, op.cit., p. 26-27

¹⁸² ELIADE, Ibidem., p. 30-31

¹⁸³ ELIADE, Ibidem., p. 32

arcaico persistem ainda no estado de “sobrevivências”, mesmo as sociedades mais industrializadas.”¹⁸⁴

Assim, explica-se, ao menos minimamente, o que ocorre em torno de ME. Não é a manifestação de um fenômeno atemporal, mas sim, de uma necessidade humana. Com isso, o que se quis nesse capítulo, foi discutir ME a partir de algumas problemáticas: *religiosidade popular/mito/comércio religioso/imagens e símbolos*.

Maria Elizabeth de Oliveira é um fenômeno da religiosidade popular. Isso se dá pelo fato de ser um processo permeado de pragmatismo, que foge do controle doutrinal e da ortodoxia do catolicismo oficial. O que se vê é que se expressa em seu entorno uma gama de manifestações de caráter popular. Seus fiéis procuram a solução para problemas imediatos. Conseguem isso através de um contato com sua “santa”. É uma relação bastante humanizada, carregada de sentido, simbolismo e materialidade.

Dentro desse mesmo caldeirão aparece um outro elemento – *a dimensão mítica* – . Maria Elizabeth, assim como os mitos, são elementos ricos em conteúdo, o qual se apresenta como exemplar. Oferecem sentido, criam um mundo novo, um real novo. Tem como função anunciar alguma coisa. São permeados de sentidos em oposição ao vazio. O devoto de ME vive uma experiência verdadeiramente religiosa, cuja dimensão mítica dessa esfera conduz a uma realidade viva, a qual se recorre incessantemente. Assim, ME como mito, satisfaz as necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões cotidianas e sociais, enfim, a exigências práticas.

Some-se a tudo isso, em meio a esse turbilhão constrói-se e formaliza-se o comércio religioso, baseado na materialização de imagens e símbolos que dão sustentação para a memória coletiva. O comércio que se desenvolve em torno de ME beneficia tanto aos que comercializam os objetos quanto àqueles que compram os mesmos. Beneficia os primeiros pois há a acumulação de capital sobre o comércio. Já os segundos, se beneficiam por estar inserindo em seu cotidiano a dimensão sagrada, mas, muitas vezes, esses objetos são profanos. Mas isso, não impede que a carga simbólica agregada, não os torne sagrados. Nesse sentido, sagrado e profano se fundem para dar materialidade ao fenômeno.

Enfim, todas essas imagens, símbolos, dimensão mítica respondem a uma necessidade do grupo social que a formou e ainda dá sustentação. Essas dimensões dão conta de preencher uma lacuna do ser – a manifestação do ser enquanto um ente carregado de religiosidade.

¹⁸⁴ ELIADE, 2001, op. cit., p. 49

4. Testando a santidade: a experiência do milagre

Oração à Maria Elizabeth de Oliveira

*Inclinaí Senhor, os vossos ouvidos às nossas súplicas,
com as quais humildemente imploramos a vossa clemência
a fim de que coloqueis no reino de paz, e da luz,
a alma da vossa serva Maria Elizabeth
que por vossa disposição passou desta vida,
e que ela seja coparticipante da glória dos bem-aventurados
e interceda junto a vós em favor da graça que desejo alcançar
por Jesus Cristo Nosso Senhor, Amém!*¹⁸⁵

Neste capítulo, o objetivo é adentrar no imaginário dos devotos de Maria Elizabeth de Oliveira. A intenção é analisar as cartas que os devotos depositam junto ao túmulo da menina milagrosa. Além disso, tentar entender o que os fiéis buscam, suas necessidades, angústias e aflições. Some-se a isso, outro objetivo se refere à identificação desses devotos. Tentar classificar e quantificar esses devotos. Quem são? De onde vêm? Qual o gênero predominante? Qual a faixa etária majoritária? Que profissão? O que buscam? Enfim, tentar montar um quadro geral desses devotos.

¹⁸⁵ Essa é a oração da novena que os devotos fazem juntamente com seus pedidos. O ritual que se processa em torno da novena tem a seguinte orientação: fazer nove cópias da novena e depositar junto ao túmulo de Maria Elizabeth, bem como o pedido e uma rosa vermelha. A oração da novena é amplamente difundida. Os meios para tal difusão são o próprio túmulo, onde os fiéis tomam conhecimento dela, além de ser vendida na floricultura Maria Elizabeth, e ainda, estar disponível na obra de BARBOSA, 2000, op. cit.

4.1. Os missivistas e seus anseios

Sabe-se que, as cartas dos devotos de Maria Elizabeth de Oliveira constituem documentação privilegiada para um estudo sobre o significado do milagre e sua importância na vida de pessoas pertencentes a diferentes segmentos da sociedade.

No entanto, sabe-se que a leitura de experiências religiosas definidas pelos próprios missivistas como obtenção de graças ou milagres, representa um desafio. Muitos elementos apresentados nessa documentação, bem como o contexto em que foi produzida remetem a uma reflexão sobre o tema do catolicismo popular¹⁸⁶. As narrativas dos devotos propõem, no entanto, uma abordagem que extrapola a discussão sobre catolicismo popular. A religiosidade expressa por esses devotos permite problematizar as relações entre indivíduos, religião e sociedade, ao revelar aspectos culturais de uma época que tem em sua face religiosa uma importante expressão da vida social. “A religião é tratada aqui como fenômeno essencialmente social, o que não significa, absolutamente, que ela se limita a traduzir, em outra linguagem, as formas materiais da sociedade e suas necessidades vitais imediatas”.¹⁸⁷

O que se pretende é ver nas experiências narradas por esse conjunto de fiéis, as representações coletivas que exprimem realidades também coletivas pois, antes de ser devido a qualquer poder inato do indivíduo, o ideal coletivo expresso pela religião foi idealizado pelo indivíduo com base nas exigências da vida coletiva. Essa experiência religiosa pode ser aprendida enquanto vivência, que busca uma intervenção intencional na existência concreta.

Para tanto, foi feito um levantamento das cartas que os devotos depositaram e depositam junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira. Tal levantamento foi realizado entre os meses de julho de 2004 e julho de 2005, fechando, assim, um ano de correspondências. A família de Maria Elizabeth de Oliveira permitiu que fosse feito o recolhimento das referidas cartas para posterior análise, o que facilitou grandemente o

¹⁸⁶ A questão da religiosidade popular foi amplamente discutida no capítulo 3 - *A Mais-valia Religiosa: a religiosidade popular e o comércio religioso em torno de Maria Elizabeth de Oliveira*, em especial no item 3.1. Maria Elizabeth de Oliveira como um fenômeno da religiosidade popular.

¹⁸⁷ SCHNEIDER, op. cit., p. 50

trabalho. No entanto, em virtude do grande volume de pedidos, agradecimento e novenas recolhidas, optou-se por fazer uma análise por agrupamento temático.

Optou-se por selecionar dez cartas por mês, somando, ao longo dos doze meses, um volume de cento e vinte cartas. A justificativa para a escolha de dez cartas por mês se deu em virtude do grande volume das mesmas, assim, tornar-se-ia impossível, ao menos nesse momento, estender o número de cartas. No entanto, mesmo com o reduzido número de correspondências houve a possibilidade de fazer uma leitura geral do conjunto de devotos. Por exemplo, no caso e milagre ou graça obtida, identificou-se várias alternativas: problemas de saúde, obtenção ou manutenção de emprego, problemas afetivos e ou familiares, problemas cotidianos, abandono de vícios em geral, passar em concursos, vestibulares, de ano escolar, além de uma gama de agradecimentos e pedidos que congreguem vários aspectos dos acima citados.

As cartas, na sua grande maioria, são anônimas, não vêm acompanhadas de envelopes, não possuem endereço. Quase todas as cartas foram escritas na forma de comunicado, sendo o objetivo principal de quase todos os missivistas a obtenção de algum milagre. No entanto, é grande o número de cartas que procuram atestar ou declarar que foi beneficiado com uma ou mais graças ou milagres pela intercessão de Maria Elizabeth de Oliveira.

A apresentação das cartas quanto ao papel utilizado, caligrafia, ortografia e sintaxe, mostra-se bastante heterogênea. Foram utilizados diferentes tipos de papel: desde folhas de papel personalizado ou timbrado, até folhas de caderno (a grande maioria) e, às vezes, pedaços de folha, bem como, simples cartões.

Quanto à caligrafia, ela dificultou apenas num número reduzido de cartas já que a maioria se apresenta de forma muito clara. O mesmo não se pode dizer da ortografia e da sintaxe, quase sempre coloquial e apresentando diversos erros. Em alguns casos, no entanto, encontra-se bastante desenvoltura de expressão, quando o devoto se estende em louvações e homenagens à menina milagrosa. Entretanto, quando for feita a transcrição dessas cartas aqui, faz-se necessário dizer que será preservada a forma de escrita original para evitar a perda de sentido e significado das mesmas. Por outro lado, será preservada a identidade de todos os missivistas, os nomes serão substituídos por codinomes.

Grande parte dos devotos descrevem detalhadamente o problema que os aflige de forma aberta e afetuosa, o que inclui quase sempre demonstrações de regozigo e entusiasmo daqueles que vêm através das cartas demonstrar sua fé e devoção.

É interessante apontar que em grande parte das cartas os devotos informam que comunicam sua graça conforme o pedido que há na Oração de Maria Elizabeth de Oliveira¹⁸⁸. Essa oração deve ter se constituído em um dos veículos de divulgação a espalhar a fama de santidade de Maria Elizabeth de Oliveira.

Bem, partindo para as cartas em si, o que se pode perceber é que, como já foi dito anteriormente, as experiências narradas sugeriram uma classificação temática para os tipos de milagre ou graça.

Constatou-se que as cartas que se referem a pedidos diversos, que congregam vários pedidos junto, representam a grande maioria da correspondência, chegando ao número de quarenta. Já o tema saúde aparece em segundo lugar, com vinte e cinco pedidos. Em terceiro lugar aparecem os pedidos relacionados a questões afetivas, contabilizando um total de vinte pedidos. Em quarto lugar vem as correspondências que se preocupam em agradecer as graças e milagres alcançados, somando um total de quinze cartas de agradecimentos. Em quinto lugar aparecem os pedidos que têm por objetivo passar em concursos, vestibulares, provas, passar de ano, somando treze cartas. Em sexto lugar estão os pedidos referentes à obtenção ou manutenção de emprego, somando seis cartas. Por fim, estão quatro cartas que traduzem o desejo de abandono de algum tipo de vício, seja álcool, drogas, jogo.

Feita essa primeira classificação das cartas, pode-se partir para a análise das mesmas. A intenção será de apresentar as cartas conforme a classificação feita acima, tentando pensar no significado das mesmas.

Conforme já foi dito, em primeiro lugar aparecem as cartas que congregam pedidos diversos numa mesma carta, somando um total de quarenta pedidos. Em relação ao que se pode encontrar nessas cartas é que pretende-se apresentar a partir desse momento. Naturalmente que não será feita a transcrição de todas as cartas, e sim, as mais significativas e as que representem uma parcela do conjunto. Mais uma vez é necessário deixar claro que ao transcrever as cartas será mantida a ortografia original, apenas os nomes, quando aparecerem serão substituídos. Um dos pedidos bastante elucidativos foi escrito no dia 19.07.2005, por uma jovem, ela traduz suas angústias da seguinte forma:

Beti, venho por meio desta, te pedir várias necessidades, ajuda. Sonhei com você foi tão bom sempre quiz alguma manifestação sua e através do sonho, fiquei com minha fé mais forte acredito muito em você, no seu poder. Por isso lhe escrevo pedindo ajuda: gostaria que você transformasse, mudasse muitas

¹⁸⁸ A referida oração está na abertura desse capítulo.

coisas na minha vida, na minha família, vou fazer meus pedidos se você não puder atender a todos tudo bem mas me guie para o caminho certo. Queria melhorar nos meus estudos. Queria união na família, que tudo desse certo, no meu namoro, noivado, gostaria muito de casar com ele em fevereiro de 2005 [...]. Beti te peço de todo coração faça minha vida melhorar, quero ser + feliz. [...] Beti se tudo der certo vou te escrever mais uma carta contando como tudo ocorreu e vou deixá-la no seu altar como esta, acompanhada de muita fé, esperança e uma perfumada rosa vermelha como de sua preferência.

Nesse trecho da carta podem ser percebidos vários elementos que compõem o imaginário em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. Em primeiro lugar, o sonho que a devota teve e que interpretou como um sinal da santinha milagrosa. Esse fato, segundo a missivista, reforçou ainda mais a sua fé e devoção. Naturalmente, a manifestação e materialização da santidade, no caso a aparição de Maria Elizabeth no sonho da pedinte representou a própria santidade e poder da santinha. Em segundo lugar, tem-se o teor do pedido, em síntese se refere a questões pessoais, ligadas à família. O que se vê, lendo a carta é que se trata de uma adolescente, por pedir para ir bem nos estudos, se referir ao colégio, a um amor não permitido pelos pais, isso significa dizer que, são angústias de uma adolescente, mas que representa a angústias de muitas outras meninas de sua idade. Por fim, não se deve deixar de registrar a forma como a fiel se dirige à Maria Elizabeth. O tratamento é como se fosse uma correspondência entre pessoas íntimas. E esse é um traço comum em quase todas as cartas – a proximidade, a intimidade, o carinho, apreço com que o devoto se refere a sua santinha – .

Uma outra carta já traduz as angústias que mais afetam os adultos, questões materiais e familiares:

Vós que és milagrosa, venho fazer-lhe um pedido para meu esposo Paulo arrumar um serviço e o armazém que vamos colocar possa dar certo. Peço também para a santa milagrosa dar muita saúde para todos nossos familiares, defenda todos nossos parentes do perigo, dos acidentes e daí-nos muita força para enfrentar essas dificuldades. Peço também para a senhora iluminar a cabeça do José para que ele largue das más companhias e peço também para ele arrumar um serviço. Peço a santa para que o Jorge largue também dessas más companhias. Minha santa vós que foi mulher peço que ajude minha irmã Maria na hora do parto, que já está próximo. Desde já agradeço pelas graças que serão alcançadas.

A carta acima transcrita aponta para um fato interessante e também constante entre os missivistas, a preocupação com emprego. Isso traduz a realidade não só dos devotos, mas sim, do Brasil como um todo. As alternativas para essa questão são tão poucas e inexpressivas que fazem com que as pessoas recorram a forças sobrenaturais como uma

possibilidade de solução desse mal. Outro fator a ser considerado é, assim, como a carta anterior, o tratamento dirigido à Maria Elizabeth, agora, aparece sem precaução alguma, o tratamento de santa milagrosa. Sabe-se que Maria Elizabeth não é uma santa oficial, no entanto, os fiéis a tratam como tal e a consideram com o poder de uma santa. Daí questiona-se o que está em jogo na santidade, será o título oficial ou o reconhecimento e afirmação dos devotos?

Em outra carta aparece um elemento novo além da questão do emprego e família:

Maria Elizabeth me ajuda a conseguir um emprego bom, que você ajude a decidir minha vida amorosa, faça o que seja melhor para mim. Ajude a minha família, meu irmão a sair das drogas. Obrigado por tudo.

O que se vê nessa carta é a preocupação como o problema que o irmão enfrenta com as drogas. Sabe-se que esse é um problema social, mas que pouco se tem feito para amenizá-lo, assim, parte-se novamente para a ajuda extraterrena.

Em poucas palavras resumo tudo o que preciso de você. Me ajude a ter paz, proteja nosso emprego. Traz pra mim alguém que goste de mim de verdade. Se esse for o homem com quem vou ficar traga-o logo. Se não for faça com que o esqueça. Tô mal de saúde, dinheiro, amor, tudo, será que mereço tudo de ruim? Me ajude rezo pela minha família, meus amigos, ao meu trabalho tô muito endividada. Rezo também pelo homem que amo Tadeu e pela minha amiga Maria. Me ajude Maria Elizabeth!

No pedido acima citado vê-se a angústia e sofrimento de uma mulher que busca, em outras palavras, a estabilidade material e afetiva. Sua grande preocupação é com a busca de alguém a complete, que a faça feliz, a busca da alma gêmea. Percebe-se a carga de desespero nas palavras da missivista, do desconforto, do desamparo, nas palavras dela “será que mereço tudo de ruim?” Enfim, o que se está esperando é uma benção, um milagre que possa dar um novo rumo na vida dessa devota.

Santa Virjen: te escribo esta corta cartita porque no quiero ver mi esposo angustiado y sufriendo por no poder darle las cosas que queremos virjen solo tú y nuestro Señor Jesús Cristo para abrir las puertas hacia un futuro mejor a nuestros dos hijos darle un trabajo digno y triunfante a mi esposo o a mi mismo. Gracias por darnos salud. Te pido que protejas a mi familia tambien de todo mal yo se que no me fallas.

Aqui, o fato a ser considerado é a origem da carta. Trata-se de uma devota de língua espanhola. No entanto, não há a indicação do local de origem. Mas, apesar disso, pode-se pensar na amplitude do fenômeno Maria Elizabeth de Oliveira. Sem sombra de

dúvidas, ultrapassa as fronteiras do Brasil, atingindo fortemente os países vizinhos – Uruguai e Argentina – . Isso mostra que a santidade não se restringe ao local de origem do mesmo, não respeita fronteiras, é um fenômeno de origem local e de alcance universal.

O pedido que se segue refere-se a uma situação exemplar:

Elizabeth tu que faz milagre faz um para mim me tira daqui do presidio por misericórdia me tira daqui tu que fala com deus faz iso por mim.

Nesse caso, o que se tem é justamente a busca por um milagre. Pensar em fé, crença é adentrar num complexo mundo, e isso pode ser percebido no pedido acima. Tem-se um presidiário, cumprindo sua pena, mas que, no entanto, tenta de alguma forma se livrar de tal pena. O delito cometido e a pena não são apresentados, mas por intermédio de Maria Elizabeth a pena pode ser aliviada, ao menos essa é a crença do pedinte. O apego a questões religiosas – fé, crença – aumenta sempre em momentos problemáticos. Não importa o problema, a fé e a crença são capazes de confortar e criar expectativa de melhora.

Minha querida Maria Elizabeth, desculpe se eu escrevi o seu nome errado, eu vi pela televisão uma menina que estava com a mãe doente e fez uma carta para a senhora pedindo a cura da mãe e eu resolvi lhe pedir ajuda também, tenho aparentemente tudo materialmente, minha casa, a minha mãe me dá o que eu preciso mas eu não sou feliz, eu queria uma vida normal como das outras pessoas, queria um marido, que eu já amo o Gustavo é só ele vir morar comigo, conseguir que a minha mãe aceite meu filho de volta, meu emprego e uma creche para minha filha para eu ficar com ela todas as noites [...].

O que deve ser levado em consideração aqui é a forma como a devota resolveu escrever a carta à Maria Elizabeth. Ficou sabendo da existência da mesma através da televisão¹⁸⁹ e resolveu escrever uma carta. Isso mostra a forma como ocorre a publicização, divulgação da imagem de Maria Elizabeth. Não existe dúvida quanto ao poder de divulgação de imagem que a imprensa e em especial a imprensa televisiva possui. Assim, a intenção era a de mostrar que um dos meios de manutenção e propagação do fenômeno é a imprensa, como ficou evidente na carta acima referida.

¹⁸⁹ A carta da devota data do dia 27 de abril de 2004, e o programa a qual ela se refere foi exibido pela rede RBS-TV, no dia 24 de abril de 2004. O referido programa foi um episódio – Uma Carta para Maria Elizabeth – que fazia parte da série – Histórias Extraordinárias – exibida aos sábados. Para mais informações sobre o episódio ver o Capítulo 2 dessa dissertação, intitulado de - A Publicização e a Legitimação da Memória Através da Imprensa – em especial o item 2.3 - Jornalismo televisivo: *Histórias Extraordinárias – Uma Carta para Maria Elizabeth* - .

Uma última carta, e não menos interessante que as anteriores, desse conjunto de pedidos diversos, refere-se a uma correspondência bastante curioso devido ao seu teor:

Maria Elizabeth: em primeiro lugar lhe agradeço por sempre me ajudar. Obrigado por conseguir um emprego. E gostaria de pedir algumas coisas: pela saúde da minha família e da família do Luciano, queria paz na minha casa e que todos se entendessem e vivessem todos de bem consigo. Também pedir para eu conseguir passar no vestibular da UCS. Para o Luciano conseguir um emprego. E que eu consiga comprar a moto. Outra coisa que peço é por mim e pelo Luciano para nós termos a primeira vez “daquilo” que não doa e que sejamos para sempre felizes [...].

Dessa carta, o que chama a atenção em primeiro lugar é a amplitude dos pedidos. São vários pedidos. Em segundo lugar, quando há o pedido de uma espécie de proteção ou bênção para a primeira relação sexual do casal. Traduzindo em poucas palavras, vê-se que a devota está abrindo seu coração para a santa sem nenhuma restrição, é uma forma de confissão. Outro fato a ser considerado é o pedido para passar no vestibular, mas isso será discutido quando for tratado esse tema em específico.

O segundo lugar no ranking de cartas é reservado para os pedidos relacionados a saúde, contabilizando um total de 25 pedidos. Os pedidos são variados e se distribuem ao longo de uma escala que vai desde afecções aparentemente banais até situações bastante graves. Nos relatos referentes a pedidos de cura de doenças são constatadas cartas que fazem menção apenas a cura de doença, sem mencionar a mesma, outros descrevem os problemas, outros pedem sucesso em cirurgias, ou ainda agradecimentos por tudo ter dado certo na cirurgia. Para elucidar o que foi dito fica interessante apresentar alguns casos. Nesse conjunto de pedidos a análise será feita de forma diferente que na exposição anterior. Em primeiro lugar serão elencados alguns casos e posteriormente serão analisados.

Maria Elizabeth: não sei como explicar o que acontece comigo. A 17 anos atrás começou a me dar uns ataques tipos convulsões, só que não aparece nos meus exames. Já fiz até ressonância magnética, mas não apareceu nada, já fiz várias tomografias e nada consta. Tomo 3 tipos de medicações [...]. Eu até trabalhava mas devido as convulsões eles tiveram que me mandar embora [...]. Maria Elizabeth, estou te pedindo ajuda, porque os médicos não conseguem me ajudar, mas eu tenho fé que você pode.

Santinha Maria Elizabeth: estou escrevendo para lhe pedir ajuda pois realmente estou precisando, enquanto escrevo estou com dor de cabeça, acabei de ter febre e vou lhe dizer o motivo de tudo, tenho artrite reumatóide na articulação dos joelhos desde que nasci e agora estou com febre reumática no sangue e tenho que fazer um tratamento fortíssimo que vai prejudica ro resto do meu organismo [...].

Maria Elizabeth, interceda por mim ao nosso senhor Jesus Cristo, que eu possa alcançar a graça e ver o milagre na cura da minha filha que ela possa andar.

Querida Maria Elizabeth: estou doente estou com depressão. Não permita que eu por impulso deixe de viver mais tempo com o meu marido meus filhos, meus pais, meus irmãos, meus amigos. Não permita jamais que eu magoa qualquer uma dessas pessoas[...]. Me guie me ilumine faça com que minha alegria de viver volte para que todos possamos viver mais felizes, por favor atenda meus pedidos.

Querida Maria Elizabeth: hoje tive notícia da Janete e agradeço a ti porque sei quês estás do lado dela porque ela está viva e só graças a um milagre, a um verdadeiro milagre pois os médicos deram ela desenganada por 2 vezes e a força da mãe e do pai é de tamanha grandeza e de tanta esperança que é só quem acredita em algo após a morte para ver e entender como as coisas desta vida acontece. A leucemia dela está zerada. Mais ela precisa continuar fazendo as quimioterapias é difícil pois é um remédio muito forte principalmente para a idade dela. Mas eu te peço continue do lado dela, interceda junto a Deus pela sua cura, para que o transplante de medula se realize e que corra tudo bem. [...]

O poderosíssima Maria Elizabeth por meio dessa carta que eu voz imploro que atenda o meu pedido. Sei que com sua graça eu vou conseguir. Estou com um cisto no ovário e não consigo engravidar os médicos me mandaram tomar os comprimidos para que desapareça mas estou com medo que isso não aconteça. Por isso o poderosíssima estou lhe suplicando que me consiga essa graça que eu não tenha mais esse cisto e que eu engravide pois meu namorado é louco por criança e eu queria dar um filho para ele ajuda-me o poderosíssima a conseguir essa graça [...].

Nossa Senhora Aparecida e Santa Maria Elizabete. Venho através desse, pedir que meu bebê venha com saúde, e se isso acontecer, irei pagar a promessa de ir até o cemitério de Maria Elizabeth levar rosas vermelhas e se for menina levará o nome de Maria Elizabete e se for atendida ficarei eternamente grata.

A nossa senhora Maria Elizabete que conceda-me a graça para que eu volte a encher com os meus olhos e que me façam a cirurgia para clarear e eu poder encher novamente.

Maria Elizabeth peço eu você de há graça junto a meu Deus e Senhor Jesus Cristo que meu pai consiga fazer o transplante de rins e corra tudo bem com ele [...].

É realmente difícil avaliar o grau de sofrimento e mesmo de gravidade em tantos e tão variados problemas que levaram aquelas pessoas a procurar recursos no sobrenatural. Mas é exatamente aqui, nesse campo sem fronteiras da dor e da incerteza que começa-se a apreender o conceito e o sentido do milagre, presente como a última esperança em diversas situações aflitivas.

A documentação acima pode ser analisada sob diversos ângulos e aspectos. Mas a seleção acima permite refletir sobre a relação da demanda do milagre e os recursos oferecidos pela medicina. Não só nesses, mas em nenhum outro tipo de relato sobre problemas de saúde foram encontrados qualquer sinal de condenação oferecidos pela medicina. O que todos deixam transparecer é que tais recursos e os sobrenaturais não se excluem, mas se complementam enquanto alternativas disponíveis.

Na seqüência aos pedidos ligados à saúde, encontram-se os que relacionam-se a questões afetivas, familiares, somando um total de vinte pedidos.

Maria Elizabeth eu pesso que a senhora me ajude eu e a minha família que nós conseguimos ir pra frente. E eu Amália pesso que você me ajude com Mário por que para mim esse homem é tudo na minha vida. Quero que a senhora abra o coração e a cabeça dele e me ajude com ele só tenha olhos para mim.

No pedido acima citado o que pode-se constatar é a busca da harmonia conjugal. Esse é, sem dúvida um dos pedidos mais realizados pelos devotos no que se refere a questões afetivas. A busca da harmonia familiar e conjugal, ou então, a busca de um amor.

Maria Elizabeth eu te agradeço por vossa intercessão, mas quero lhe pedir fazei que o meu casamento nunca se acabe que eu e meu marido cumpramos o que foi jurado perante o altar, te suplico Maria Elizabeth, leve meus pedidos e súplicas até o Pai, para que hoje eu encontre o verdadeiro marido que ele me deste [...].

Já esta carta faz menção não há busca do amor eterno, mas sim há manutenção desse amor. Busca-se manter aquilo que foi jurado perante Deus, no altar, “até que a morte nos separe”.

Querida Maria Elizabeth, hoje estou muito triste pois novamente estou sozinha, claro, agradeço pela minha família, meu filho amado, e pela bênção que recebemos de meu irmão ter melhorado. Só tenho a agradecer a você também que meu lar seja sempre abençoado de paz, carinho, amor, união entre nós e muita prosperidade e saúde, mas eu estou triste, estou cansada de sempre estar sozinha [...]. Queria muito ter a minha família, ter um marido, minha casa ter alguém ao meu lado para amar, respeitar e formar uma família com meu filho. [...].

Aqui, mais uma vez busca-se o ideal da formação da família, da união, da busca do amor.

Em suma, os três pedidos expostos, referentes a questões afetivas dão uma noção geral das cartas classificadas nessa temática. O que se pretende é resolver questões familiares, amorosas, de desavenças familiares. O que se pôde perceber é que os devotos

colocam em primeiro lugar a busca da felicidade familiar e conjugal. Vê-se o medo, a angústia da possibilidade de as pessoas ficarem ou se sentirem sozinhas, sem a família ou cônjuges.

Em quarto lugar na classificação das cartas, aparecem os agradecimentos, contabilizando um total de quinze. Esses agradecimentos são importante pois acabam por afirmar a santidade de Maria Elizabeth. Isso se dá, pois, nos agradecimentos os devotos estão agradecendo por graças e milagres alcançados. Isso é uma ferramenta poderosa na afirmação de Maria Elizabeth como santa. Algumas cartas que serão transcritas a seguir dão conta de elucidar o que foi dito:

Maria Elizabeth agradeço pelas graças alcançadas. Pela saúde da minha família. Pela minha aposentadoria. Pelos meus serviços. Pelos caminhos abertos para negócios materiais e peço que sempre me ilumine.

Maria Elizabeth te dou este buquê de flor para te agradecer a uma graça alcançada. Da casa que você me ajudou a vender o meu muito obrigado.

Eu quero aqui agradecer as graças que eu recebi por intermédio de Maria Elizabeth. Meu marido deixou de beber. Eu tinha uma hérnia e desapareceu e muitos outros pedidos que fiz e hoje vim para agradecer. Meu muito obrigado.

Maria Elizabeth eu te agradeço por ajudar meu filho para se libertar das drogas e bebidas de álcool. Peço que sempre ilumine ele para não cair. Só você e senhor Jesus podem nos ajudar.

Enfim, esses quatro agradecimentos representam os mais diversos pedidos realizados e atendidos. São os agradecimentos que possibilitam averiguar em certa medida a “especialidade do santo”. No entanto, no caso de Maria Elizabeth percebe-se que isso não ocorre. Os agradecimentos são de toda ordem de pedidos, desde questões materiais, de saúde, até afetivas. Talvez isso sustente a popularidade de Maria Elizabeth, pois, é uma santa que resolve problemas de toda ordem.

O quinto lugar no rol dos pedidos está a temática que se refere a passar em concursos, vestibulares, passar de ano, somando um total de dez pedidos. Essa temática é bastante interessante pois, os pedidos referentes a essas questões aparecem sempre nas vésperas dos concursos, nas vésperas dos vestibulares ou então em fins do ano letivo. Em relação ao teor desses pedidos, na maioria são claros e objetivos, são escritos pelos próprios candidatos ou por familiares, como fica claro a seguir:

Maria Elizabety eu preciso alcançar essas graças: o meu filho Roberto passar no vestibular na UPF.

Eu peço para a senhora me ajudar. Eu peço por favor que a senhora me ajude. Que a senhora me ajude que eu passe de ano por que eu não posso mais rodar, fica feio uma moça de 21 anos rodar e ficar no 2º ano.

Maria Elizabeth te pesso graça de conseguir passar no vestibular da URI e conseguir entrar na faculdade.

Beti querida” Ajude fazendo com que a Ana passe para Farmácia na URI e UPF.

Para Maria passar no concurso do INSS.

O que chama a atenção nesse tipo de pedido é que parece contraditório pensar em fazer um pedido para passar em um vestibular, que se quer adentrar no mundo acadêmico ou científico, onde se afirma a razão em oposição ao irracional, e a fé, crença, santidade, estão nesse campo, através, justamente, da ajuda sobrenatural. No entanto, como foi dito quando se analisava os pedidos referentes à saúde, nem sempre o mundo científico e religioso se excluem, e isso parece ocorrer também aqui. O objetivo é passar, não importa os meios.

Já o sexto lugar, com seis pedidos, tem-se a temática emprego. Aqui está em jogo a conquista de um emprego ou simplesmente a manutenção do mesmo. As cartas dessa temática são simples e objetivas.

Maria Elizabeth me ajude a conseguir a convocação de 20 horas na EEEF Armando Peterlongo. Para isso preciso que na escola tenha mais de 100 alunos nos próximos anos. Faça com que ninguém com más intenções consiga me prejudicar.

Maria Elizabeth, por interseção de Jesus, Deus nosso Pai e Nossa Senhora. De coração aberto e desesperada, abra um caminho para mim e meu marido. Ele perdeu o emprego, ajude a conquistar o patrão dele para voltar a este emprego e que meu marido possa vender o caminhão com urgência.

Maria Elizabeth: escrevo nesta humilde folha meu pedido. Gostaria muito de ter sucesso em meu emprego, que eu possa passar para noite logo.

Eu peço a você Maria Elizabete me ajude eu arrumar um emprego, para eu ser feliz na minha profissão.

Esses foram alguns exemplos de cartas referentes a emprego. O emprego, como é sabido, é um problema social que afeta boa parcela do Brasil. As soluções para esse problema são poucas e insignificantes, sendo assim, busca-se, novamente no sobrenatural o auxílio para a vida material.

Por fim, tem-se o último tema selecionado, com quatro pedidos e se refere ao abandono de vícios. Essa temática poderia estar inclusa à temática saúde, mas optou-se por separar em virtude do considerável número de pedidos desse gênero. Além disso, a intenção era chamar a atenção para essa questão que tem aparecido em grande escala na sociedade brasileira. O vício que se configura nos pedidos refere-se à bebida, jogo, drogas. Como isso foge ao controle do viciado ou dos familiares, a solução ou é a busca do auxílio médico, familiar, religioso ou os três componentes juntos. Mas aqui, optou-se pela superação do mal através da santinha Maria Elizabeth de Oliveira.

Santa Maria Elizabete: peço a graça de meu filho deixar da dependência química.

Maria Elizabete: te agradeço pela graça recebida. Pela saúde de meus pais. Te peço ajuda por meu esposo que ele agarre nojo da bebida. Também te peço pelo meu irmão que deixe da bebida [...].

Para o Romeu largar das drogas.

De tudo isso que foi exposto, o que se pode concluir é que os meios utilizados pelos devotos para obtenção de graças e milagres não são efetivamente práticas católicas. Esses mecanismos são reveladores do traço místico, profundamente arraigado na crença religiosa, que impele indivíduos a manter contato e relacionar-se com o mágico e com o sobrenatural de forma direta e pessoal. Este misticismo pode estar também impregnado de fórmulas advindas do sincretismo religioso que condensou crenças indígenas, africanas e católicas que vão sendo adaptadas, geração após geração, às contingências do dia-a-dia de uma sociedade que se moderniza.

As cartas dos devotos, em si mesmas, não permitem detectar esse ambiente de intensa difusão de crenças religiosas e suas conseqüências para o comportamento e relacionamento dos diferentes grupos que passaram a se diferenciar, também, em suas práticas religiosas. O milagre, tema tão tradicional da cultura religiosa cristã, foi e é o sustentáculo da devoção em torno de Maria Elizabeth de Oliveira e merece, portanto, um destaque.

Se com o cristianismo moderno o sentido mais amplo da palavra milagre passou a significar a suspensão das leis da natureza, qualquer fato que contrariasse o curso “normal” dos acontecimentos, não podemos deixar de lembrar que a origem do milagre é bem mais remota. [...] O milagre destaca-se, portanto, como fenômeno de grande apelo popular, ao mesmo tempo que se tornou também objeto de complexas discussões teológicas ao longo de toda história da Igreja Católica.¹⁹⁰

Se a Igreja nunca rejeitou a existência de milagres, ela se preocupou arduamente em criar mecanismos para controlar esse tipo de fenômeno que escapa à compreensão humana. Embora pareça paradoxal, para a Igreja Católica os milagres podem ser perfeitamente comprovados. Somente a Igreja Católica Romana possui um processo formal, contínuo e altamente racionalizado para verificar a autenticidade de milagres, cuja efetivação constitui um dos requisitos fundamentais para o sucesso de um processo de canonização.

No entanto, o que tem ocorrido é que essa tradição religiosa vem sendo deixada de lado. A sacralização, institucionalização, formalização religiosa tem sido abandonada dando lugar a práticas de caráter mais popular. O milagre permanece, mas agora é acessível em todos os tempos e lugares.

Enfim, sustentáculos da devoção, os devotos de Maria Elizabeth tiveram e têm a possibilidade de vivenciar a experiência do milagre e de preencher uma necessidade – a de manter uma relação íntima e cotidiana com a santinha - .

É, dessa forma, que se formam longas filas para a visitação do túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, que se tornou lugar de culto, à revelia das autoridades eclesiais. o jazigo da menina transformou-se no lugar de manutenção de sua memória e é lá que se encontram, atualmente, indivíduos de todas as crenças religiosas que unanimemente concordam em que a excepcionalidade de Maria Elizabeth de Oliveira é real.

4.2. E os devotos, quem são?

¹⁹⁰ SCHNEIDER, op. cit., p.84-85

Pensar nos devotos é algo indispensável para compor o imaginário em torno de Maria Elizabeth de Oliveira, afinal, são os próprios devotos os responsáveis pela perpetuação do fenômeno. Embora, como foi exposto anteriormente, esse imaginário contou e ainda conta com outros alicerces, como por exemplo, a obra de Barbosa, a imprensa, o comércio religioso. Enfim, é um conjunto que faz com que o fenômeno se mantenha como eficaz no meio devocional.

Para que fosse possível quantificar e classificar os devotos foi necessário criar um mecanismo de coleta de dados junto ao corpo de devotos. Assim é que se pensou em deixar junto ao túmulo de Maria Elizabeth um Livro de Visitas onde os devotos tinham a possibilidade de assiná-lo deixando algumas informações.

O Livro de Visitas foi deixado junto ao túmulo durante o período compreendido entre 30 de junho de 2004 e 30 de dezembro de 2004, contabilizando um total de nove Livros de Visitas. As informações obtidas através desse tipo de registro foram: data da visita, nome do visitante, idade, local de procedência, profissão, tipo de pedido ou agradecimento.

Através desses dados foi possível coletar informações valiosas sobre o conjunto de devotos de Maria Elizabeth. No entanto, algumas ressalvas devem ser feitas. Em primeiro lugar, o número de assinantes não representa o número exato de visitantes do túmulo, visto que, boa parte não assinou o referido livro. Além disso, outra fragilidade diz respeito aos próprios dados. Muitos apenas colocavam algumas informações, deixando outros campos vazios. Mais uma questão a ser levada em consideração é que a letra dificultou em alguns casos a identificação dos devotos. Afora isso, pode-se dizer que o Livro de Visitas tornou-se uma importante ferramenta no trabalho de identificar os visitantes do túmulo da santinha.

O resultado completo do levantamento acerca dos Livros de Visitas está ao final dessa dissertação como anexo. Lá, pode-se visualizar com detalhes os dados obtidos. Aqui, tentar-se-á apurar os principais dados, buscando perceber a sua significação.

No que concerne ao gênero dos devotos, o que se viu é que em todos os meses apurados, o número de mulheres que visitam o túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira é expressivamente superior ao dos homens. Para se ter uma noção mais aproximada pode-se perceber através dos números levantados.

Classificação dos visitantes por gênero e quantidade¹⁹¹			
Período	Homens	Mulheres	Total
30.06.2004 a 04.08.2004	380	716	1096
04.08.2004 a 30.08.2004	316	700	1016
01.09.2004 a 27.09.2004	244	517	761
27.09.2004 a 31.10.2004	366	788	1154
01.11.2004 a 30.11.2004	507	1078	1585
01.12.2004 a 31.12.2004	428	814	1242

Bem, com ficou explícito o número de mulheres supera o dos homens. Mas o que isso representa? Talvez isso aponte que a fé, a crenças, a religiosidade, enfim, se apresenta com mais força, fervor entre as mulheres dos que entre os homens. Além disso, a mulher se mostra mais sensível, mais emotiva e menos racional e isso se reflete nas questões religiosas. Outro fato que pode ser levantado é que se trata de uma santidade expressa na figura de uma menina, sendo assim, as mulheres sentem-se mais à vontade em se dirigir a uma santa do mesmo sexo.

Outra questão que pode ser apurada a partir da tabela acima é o total de visitantes ao mês. Vê-se que outubro apresentou o maior número de visitantes. A justificativa para isso pode ser em virtude de estar perto do Dia de Finados, ou também ao dia do falecimento de ME. Talvez, por ser final de ano, onde há uma grande incidência de pedidos referentes à passar de ano e em vestibulares.

Em relação à procedência dos fiéis há uma gama de lugares de origem dos mesmos como pode ser verificado na tabela abaixo:

Lugar de procedência dos visitantes e quantidade¹⁹²				
Período	Passo Fundo	Região – RS	Outros Estados	Outros Países
30.06.2004 a 04.08.2004	416	528	49	1
04.08.2004 a 30.08.2004	299	527	36	3
01.09.2004 a 27.09.2004	215	334	24	-
27.09.2004 a 31.10.2004	347	531	22	-
01.11.2004 a 30.11.2004	368	836	41	15
01.12.2004 a 31.12.2004	318	732	54	-

¹⁹¹ Os nomes os quais não foi possível identificar o gênero foram desconsiderados.

¹⁹² Os nomes os quais não foi possível identificar o gênero foram desconsiderados.

Vê-se que a maioria dos visitantes são de Passo Fundo. No entanto, há uma grande visitação de pessoas de outras cidades do Rio Grande do Sul. Para ilustrar é interessante fazer uma tabela mostrando quais as cidades que apresentam o maior número de visitantes.

Cidades que mais visitam o túmulo de Maria Elizabeth	
Período	Nome da cidade e número de visitantes
30.06.2004 a 04.08.2004	Caxias do Sul: 43 Carazinho: 35 Marau: 29 Vacaria: 26 Tapejara: 20
04.08.2004 a 30.08.2004	Vacaria:55 Caxias do Sul:41 Tapejara:33 Bento Gonçalves:30 Frederico Westfalen: 21
01.09.2004 a 27.09.2004	Caxias do Sul:26 Farroupilha:18 Bento Gonçalves:16 Soledade:13 Tapejara:13
27.09.2004 a 31.10.2004	Vacaria: 46 Caxias do Sul: 45 Fagundes Varela: 45 Bento Gonçalves: 24 Soledade: 24
01.11.2004 a 30.11.2004	Caxias do Sul: 82 Rosário do Sul: 63 Vacaria: 44 Livramento: 39 Farroupilha: 34
01.12.2004 a 31.12.2004	Caxias do Sul: 69 Vacaria: 49 São Gabriel: 37 Nova Prata: 33 Marau: 30

O que essa tabela demonstra é que a fora Passo Fundo, o local de origem das pessoas que visitam o túmulo de Maria Elizabeth se apresenta como uma constante. Os devotos são, na sua grande maioria, de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Vacaria, Marau. A justificativa para isso não é precisa, talvez pelo fato de serem regiões fortemente colonizadas por italianos e alemães, os quais apresentam-se como católicos fervorosos,

Outro fator pode ser pelo fato dessas regiões serem “carentes” de santos populares, saindo daí a justificativa para o “sucesso” de Maria Elizabeth nessas cidades.

Em relação aos visitantes de outros estados do Brasil, a grande maioria vem de Santa Catarina e Paraná. Quanto a outros países, a sua totalidade é de origem uruguaia.

Já no que concerne à idade dos devotos não uma concordância como no item acima exposto. Fato que pode ser verificado na tabela abaixo:

Classificação da faixa etária que mais visita o túmulo de Maria Elizabeth	
Período	Faixas etárias que mais visitam e quantidade
30.06.2004 a 04.08.2004	21-25: 127 41-45: 124 46-50: 107 36-40: 96 15-20: 95
04.08.2004 a 30.08.2004	36-40: 105 41-45: 100 46-50: 86 31-35: 79 21-25: 76
01.09.2004 a 27.09.2004	21-25: 69 31-35: 63 41-45: 59 36-40: 52 15-20: 51
27.09.2004 a 31.10.2004	41-45: 104 15-20: 103 46-50: 97 21-25: 89 36-40: 86
01.11.2004 a 30.11.2004	41-45: 147 21-25: 135 15-20: 128 26-30: 111 46-50: 111
01.12.2004 a 31.12.2004	41-45: 141 36-40: 127 46-50: 112 21-25: 99 31-35: 99

Nesse caso conclui-se que são os adultos entre 35 e 45 anos os maiores visitantes do túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira. Isso aponta para o fato de que não são jovens, adolescentes ou idosos os principais devotos da santinha. Talvez isso ocorra pelo fato de

que as pessoas que estão na faixa etária entre 35 e 45 anos terem acompanhado a construção do processo em torno de ME, com isso foram desenvolvendo e consolidado a crença na santinha. Outra possibilidade pode ser em virtude de que nessa faixa etária se encontrem as maiores dificuldades e provações na vida do homem moderno. Isso faz com que as pessoas recorram ao sobrenatural como forma de buscar uma iluminação, um auxílio, enfim, algo que mostre o caminho a ser trilhado. Há que se considerar também que existe um grande número de visitantes entre 21 e 25 anos. Mas qual o motivo? Talvez por se tratar de uma época de decisões. É a consolidação da carreira, profissão, vida amorosa, enfim, é um momento de dúvidas e que requer ajuda, nesse caso, da santinha passo-fundense.

Quanto às profissões, vê uma grande diversidade:

Pessoas com qual profissão mais visitam o túmulo de Maria Elizabeth	
Período	Profissões e quantidade
30.06.2004 a 04.08.2004	Estudante:125 Do Lar:83 Professor(a):51 Aposentado(a):39 Comerciante:29
04.08.2004 a 30.08.2004	Estudante:88 Do Lar:85 Professor(a):46 Agricultor:37 Motorista:29
01.09.2004 a 27.09.2004	Do lar:54 Estudante:51 Agricultor (a):33 Professor(a):24 Aposentado(a):16
27.09.2004 a 31.10.2004	Do Lar: 87 Estudante: 81 Professor (a): 41 Agricultor (a): 36 Vendedor (a): 21
01.11.2004 a 30.11.2004	Estudante: 104 Do Lar: 93 Professor (a): 58 Aposentado (a): 32 Comerciante: 28
01.12.2004 a 31.12.2004	Estudante: 128 Do Lar: 63 Professor (a): 45

	Agricultor (a): 30 Doméstica: 26
--	-------------------------------------

E o que dizer dos estudantes que são os principais devotos de ME? Será que ela pode ser considerada a santinha dos estudantes? E os professores? Não está havendo nesses dois casos um fenômeno aparentemente contraditório? Estudantes e professores fazem parte do mundo chamado acadêmico ou científico e, sabe-se que, o mundo acadêmico refuta fortemente as questões religiosas, então, como explicar isso? Talvez a linha que separe mundo acadêmico da práxis social esteja cada vez mais tênue. O mundo acadêmico está cada vez mais cedendo espaço e ganhando influência do cotidiano. Além disso, a religião na sociedade pós-moderna está ganhando grande espaço. Assim, fé, crença, religião, superstição são tônicas do dia-a-dia de todo e qualquer homem.

Mas voltando à problemática dos estudantes e professores, será que ambos não conseguem mais resolver racionalmente seus conflitos? A religiosidade tornou-se a única forma de solucionar as angústias? Enfim, é bastante interessante pensar nesse fato.

Por outro lado tem-se os agricultores, com um número bastante expressivo. O mundo rural, bem mais que o urbano, mantém a religiosidade bastante forte. É no mundo rural que estão presentes de forma bem mais contundentes as práticas de religiosidade popular. Nele se confundem crenças, ritos, mitos para dar significado à própria existência. Tudo o que acontece tem uma explicação sobrenatural. Para garantir uma boa colheita são feitas promessas, romarias, manda-se rezar missas. No caso de doenças o procedimento é o mesmo. Para os agricultores Maria Elizabeth é a santa para toda hora, ela vem a calhar com os objetivos dos que vivem no mundo rural.

Em relação à doméstica e a do lar pode-se pensar que são as grandes devotas de Maria Elizabeth. São essas duas categorias que formam o grande corpo devocional em torno da santinha. Cruzando com as informações da tabela referente ao gênero dos visitantes é possível associar que a maioria das mulheres que visitam ME são do lar ou domésticas. Mas por quê? Aí retoma-se a questão da fragilidade feminina, sensibilidade, emotividade, associado também à falta de instrução, ou seja, domésticas e donas de casa, na sua maioria, não possuem um grau de instrução muito elevado, facilitando ainda mais a tendência a desenvolver uma vida recheada de religiosidade.

Por fim, tem-se os pedidos e/ou agradecimentos que os fiéis mais fazem junto ao túmulo da Maria Elizabeth:

Principais pedidos e/ou agradecimentos que os devotos fazem à Maria Elizabeth	
Período	Principais pedidos e/ou agradecimentos e quantidade
30.06.2004 a 04.08.2004	Saúde:165 Pela família e saúde:111 Pela família:59 Pedido de trabalho:46 Saúde, paz, felicidade:32
04.08.2004 a 30.08.2004	Saúde:135 Saúde para a família:121 Saúde e paz:40 Trabalho/emprego:34 Pela família:32
01.09.2004 a 27.09.2004	Saúde na família:121 Pela família:60 Saúde:59 Emprego/trabalho:22 Benção:22
27.09.2004 a 31.10.2004	Saúde: 110 Pela saúde da família: 92 Pela família: 68 Trabalho/emprego/serviço: 51 Paz/amor/felicidade/finanças/trabalho: 42
01.11.2004 a 30.11.2004	Saúde: 162 Saúde, paz, prosperidade., amor, proteção., trabalho., união: 105 Saúde para a família: 99 Pela família: 65 Emprego: 60
01.12.2004 a 31.12.2004	Saúde p/ família: 138 Saúde/paz/felicidade/harmonia/trabalho/sucesso: 137 Saúde: 92 Pela família: 66 Emprego: 43

Assim como nas cartas analisadas no item 4.1 desse capítulo, os principais pedidos dizem respeito a questões ligadas à saúde, à família, à busca de empregos. Isso aponta para a conclusão que foi estabelecida ao analisar as correspondências. Em primeiro lugar, a busca da cura através da fé, da crença, embora não se descarte a ajuda da medicina. Ao contrário, ambas, crença e medicina andam juntas, ao menos para os devotos. Em segundo lugar há que se levantar a problemática da família, das questões afetivas, das relações familiares, amorosas, na busca da felicidade, do bem-estar. Enfim, é uma constante nos

devotos de Maria Elizabeth a busca da felicidade familiar e pessoal. Em terceiro lugar, tem-se a questão da busca por emprego, uma problema social que não é resolvido e que as pessoas apelam ao sobrenatural na expectativa de alcançar um emprego.

Concluindo, os devotos de Maria Elizabeth de Oliveira são, em sua grande maioria, mulheres. A faixa etária predominante gira em torno do 35 e 45 anos. O local de procedência dos devotos é bastante variado, sendo que a grande maioria é de Passo Fundo, pondo em cheque o ditado que diz “santo de casa não faz milagre”. Além de Passo Fundo, Bento Gonçalves, Vacaria, Marau, Carazinho, Tapejara, Caxias do Sul são os principais pontos de origem dos fiéis. Isso mostra a amplitude do fenômeno Maria Elizabeth de Oliveira. Não parando por aí, o caso extrapola as fronteiras do Rio Grande do Sul, chegando a estados como Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais entre outros, e também extrapola as fronteiras do Brasil, chegando ao Uruguai entre outros. Já em relação a profissão, tem-se estudantes, professores, domésticas, agricultores, aposentados, donas de casa, para dizer os de maior quantidade.

Maria Elizabeth é um fenômeno grandioso. Atinge como foi mostrado, homens e mulheres de todas as idades, profissões, lugares. Não importa o motivo da visita, sabe-se que a fé, a crença, a santidade estão estabelecidas além fronteiras, alimentadas por grupos sociais, étnicos e identitários diversos, mas que se unem em torno de um único vetor – Maria Elizabeth de Oliveira, formando assim, uma nova coletividade, uma nova identidade, uma nova memória, uma nova realidade – a que se construiu, divulgou e consolidou em torno da santinha passo-fundense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o que se pode concluir de tudo isso? Em primeiro lugar, dá para se dizer que chegar à verdade histórica é uma tarefa bastante difícil. Esse trabalho apontou para isso. Para exemplificar poder-se-ia questionar: o que, de tudo que foi exposto contribuiu para a construção da santidade de Maria Elizabeth? Será a obra de Barbosa? Ou aquilo que a imprensa veiculou? Ou então, a própria devoção em torno de ME? O que se pode afirmar é que são todos esses elementos que fazem parte do processo. No entanto, não é a validade ou não da santidade que está em jogo, verdade ou não, construção, charlatanice, devocionismo, isso tudo são hipóteses, o que de fato se pode afirmar é que o fenômeno existe e está presente. O imaginário ou os imaginários, a memória ou as memórias em torno de Maria Elizabeth estão constituídas, e isso deve ser levado em consideração.

Pois bem, a intenção do trabalho foi a de analisar o processo de construção de um imaginário popular-religioso em torno de Maria Elizabeth de Oliveira, desde sua morte até 2005. Ou seja, o que se buscou foi compreender quais os fatores, que elementos possibilitaram a construção da santidade em torno de ME. Para tanto, utilizou-se de três grandes hipóteses para tentar responder ao problema posto. Em primeiro lugar analisou-se a obra de Barbosa, em segundo a imprensa escrita e televisiva, em terceiro o corpo de devotos. O que se pôde perceber a partir disso ficou explicitado em quatro capítulos.

O capítulo 1 – *A gênese da estrela no céu: a biografia como texto fundador da memória* – possibilitou que se levantassem várias questões em torno do processo de construção da memória em torno de Maria Elizabeth. O que se tentou foi trabalhar com a possibilidade de ver a obra de Barbosa como o texto fundador de uma das memórias em torno do fenômeno. Isso se mostrou frutífero na medida que foi possível perceber inúmeros

elementos nessa obra que se ligam diretamente à devoção em torno da santinha. Sem sombra de dúvidas, enquanto discurso, narrativa, representação, a obra serviu como alicerce para a construção dessa memória.

No entanto, outras possibilidades poderiam ter sido exploradas ao longo desse mesmo capítulo, como por exemplo, a intenção de Barbosa com seu texto. Ou então, explorar a construção do mesmo, questionar o próprio conteúdo da obra. Enfim, vários outros elementos poderiam ser questionados. Entretanto, optou-se por fazer um estudo sobre o próprio discurso, a construção do mesmo, a relação que ele pode ter com o leitor, em outras palavras, o que o texto produz, que tipo de representação, de imaginário e de memória, que sentido ele cria nos leitores.

Barbosa conseguiu “criar” uma santidade para Maria Elizabeth. A partir disso, seu texto passou a ser um “guia” para os fiéis da santinha. A partir desse, tem-se a possibilidade de criar uma nova realidade, a do grupo dos devotos.

Em síntese, Barbosa conseguiu, ao mesmo tempo construir e alicerçar um fenômeno que estava se processando. A devoção já existia no momento em que o autor publica seu livro, como a própria imprensa já sugeria, mas é Barbosa quem se aproveita da situação e através da sua narrativa cria um sentido, um sentimento de identidade, permitindo a manutenção do próprio grupo de devotos. Assim, pode-se dizer que a obra é um dos valores materiais em torno de Maria Elizabeth.

Em relação ao capítulo 2 – *A publicização e a legitimação da memória através da imprensa* – a intenção foi a de analisar como a imprensa escrita e televisiva se colocou frente à figura de Maria Elizabeth de Oliveira. Num primeiro momento fez-se a exposição dos jornais passo-fundenses *Diário da Manhã* e *O Nacional* com a finalidade de perceber a postura de ambos frente o caso.

O que se viu foi que tanto um quanto o outro tiveram um papel primordial, assim como Barbosa, na construção de um imaginário em torno de Maria Elizabeth. No entanto, a imprensa foi além, pois, além de auxiliar na construção do fenômeno, a partir de notícias que tinham por objetivo santificar Maria Elizabeth, ela possibilitou a divulgação e publicização do da santinha, procurando sempre divulgar notícias a seu respeito em datas específicas, como por exemplo, Dia de Finados, aniversários de nascimento e falecimento de ME. No entanto, fazer essa incursão pela imprensa apontou alguns fatos que devem ser levados em consideração.

O primeiro deles se refere ao fato de existir uma lacuna em relação às notícias relacionadas a Maria Elizabeth. Tal lacuna localiza-se em ambos os jornais. Entre 1970 e

1998 não existe a ocorrência de nenhuma reportagem sobre a santinha. Isso gerou uma certa inquietação, possibilitando o levantamento de algumas hipóteses a esse respeito. Entretanto, não passaram de hipóteses. Talvez, essa lacuna aponte para a possibilidade de que no período em questão não era necessário ver a imagem de Maria Elizabeth na imprensa. É possível que a memória em torno dela se mantivesse por outros mecanismos que não a imprensa, como por exemplo, a oralidade, a visitação ao túmulo ou mesmo a obra de Barbosa. Outra justificativa para esse silenciamento pode estar ligado a um “acordo” entre imprensa e Igreja Católica no intuito de tentar “frear” a devoção em torno da santinha. Mas essas são apenas suposições. Talvez, com uma pesquisa de maior amplitude se possa chegar a conclusões mais precisas, através de contatos com os editores dos jornais na época, ou então com os próprios integrantes da Igreja Católica. Todavia, isso não quer dizer que não se possa manter essas hipóteses, a construção do conhecimento é provisório e se dá a partir de dúvidas e não de certezas.

Um segundo fato que chamou a atenção ao se analisar a imprensa foi que ela pode ser percebida a partir de dois momentos. O primeiro desde a morte de Maria Elizabeth, em 1965, até 1969. O segundo, quando há o retorno das notícias a respeito da santinha, em 1999 até 2004.

No primeiro deles, a grande preocupação era com a construção e divulgação da imagem de Maria Elizabeth. É o momento de testar a santidade. São várias as reportagens que apontam Maria Elizabeth como santa, que tratam da devoção, do cada vez maior número de fiéis. A imprensa se utiliza até mesmo do discurso de integrantes da própria Igreja Católica para atestar a eficácia e a veracidade do fenômeno que estava se iniciando.

Já no segundo, não está mais em jogo a santidade. A imagem de Maria Elizabeth como santa já está consolidada. Restam agora apenas a divulgação e publicização. Além disso, boa parte das notícias dessa fase dizem respeito ao turismo que pode ser gerado em torno de Maria Elizabeth. A imprensa tenta criar uma necessidade de um turismo e comércio religioso em torno do fenômeno, entrando aí, o interesse da família da santinha, bem como do poder público e do comércio local. É uma nova fase da devoção. Porém, há que se questionar isso, pois, o fenômeno se manteve e se mantém sem a necessidade desse apelo ao turismo e ao comércio religioso. Será que a partir disso não haveria uma banalização, uma mercantilização ainda maior em torno do fenômeno? Mas isso são apenas especulações.

Além desses dois órgãos de comunicação, um terceiro, agora da imprensa televisiva foi analisado nesse capítulo. Trata-se do episódio – *Uma carta para Maria Elizabeth* – da

séria Histórias Extraordinárias, exibido em abril de 2004. Esse foi, em síntese, mais um momento de divulgação, publicização do fenômeno.

Concluindo, esse capítulo mostrou a eficácia da imprensa ao produzir um ordenamento, um certo tipo de postura frente à Maria Elizabeth, pois, é sabido que a imprensa tem um grande alcance, tem um poder bastante expressivo, ela induz o leitor a pensar o mundo a partir de seus próprios interesses.

Em relação ao capítulo 3 – *A “mais-valia” religiosa: a religiosidade popular e o comércio religioso em torno de Maria Elizabeth de Oliveira* – o que se buscou discutir foi a questão da religiosidade popular, o catolicismo popular, além do comércio religioso que se processam em torno de Maria Elizabeth de Oliveira.

O que se processa em torno da santinha está ligado com as práticas da religiosidade e do catolicismo popular, práticas bastante desenvolvidas no Brasil. Maria Elizabeth se apresenta como um fenômeno da religiosidade popular na medida em que é fruto de práticas sincréticas. Além disso, por se distanciar do discurso oficial da Igreja Católica. O que se forma nesse processo é um catolicismo extra-oficial, de caráter pragmático, popular. Nesse tipo de prática, o que está em jogo são os problemas cotidianos, a figura dos santos aparecem como agentes centrais para fazer a “ponte” entre o mundo natural e o sobrenatural. Some-se a isso, Maria Elizabeth se apresentam como um ser “sagrado”, exemplar e significativo, capaz de produzir uma “história verdadeira”.

Outra dimensão desse processo é a questão das imagens e símbolos associados à figura de Maria Elizabeth. Esses desempenham um importante papel no processo, pois têm a função de materializar a devoção. Além disso, procuram permear o cotidiano do devoto com elementos sagrados, tornando-os, muitas vezes, profanos. Essas imagens e símbolos são meios de a fé cristã se revelar.

É nesse contexto que se processa o comércio religioso em torno de Maria Elizabeth. São inúmeros materiais que são comercializados, formando um verdadeiro mercado da fé. São produtos sagrados e profanos que, ao mesmo tempo em que alimentam o comércio, alimentam também a fé dos devotos.

Assim, todos esses elementos que fazem parte do mundo devocional em torno de Maria Elizabeth são, na verdade, uma necessidade para que o próprio fenômeno se mantenha “vivo”.

Por fim, o capítulo 4 – *Testando a santidade: a experiência do milagre* – nesse, a proposta foi a de tentar adentrar no imaginário dos devotos de Maria Elizabeth de Oliveira. O intuito era entender o que os fiéis buscam, suas necessidades, angústias, objetivos,

anseios. Além disso, identificar esses devotos. Saber quem são, de onde vêm, a que faixa etária pertencem, qual a profissão, o que buscam.

Tudo isso foi possível através da análise de 120 cartas que os devotos depositaram junto ao túmulo de Maria Elizabeth e através do levantamento de dados dos Livros de Visitas também disponíveis no túmulo da santinha.

Essa documentação mostrou que os devotos buscam soluções para problemas cotidianos, como por exemplo, melhora da saúde, busca de emprego, melhora no relacionamento familiar, busca da pessoa amada, passar em concursos, de ano, em vestibulares. Enfim, busca-se no sagrado a soluções para o mundo profano.

Em relação ao devotos, na sua grande maioria é composto por mulheres. A faixa etária predominante está entre os 35 e 45 anos. A profissão predominante são os estudantes, professores, agricultores, donas de casa, domésticas. O local de procedência desses devotos é diverso, predominando os passo-fundenses, seguidos dos devotos de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Vacaria, Marau.

Isso tudo mostra a diversidade do conjunto dos devotos. Eles são de diversas idades, localidades, profissões, no entanto, todos têm algo em comum – a devoção pela santinha Maria Elizabeth de Oliveira.

Apesar de tudo isso, do esforço despendido, da pesquisa realizada, das angústias sentidas, das imprecisões, das dúvidas, a conclusão a que se chega não é propriamente uma conclusão. O que se processa, na verdade, é o aparecimento de novas dúvidas. Novas possibilidades de pesquisa. De forma alguma essa pesquisa se esgota aqui. Esse foi o primeiro esforço de tentar analisar a construção de um imaginário em torno de Maria Elizabeth de Oliveira. Esse trabalho ficou no campo do discurso, da representação, do imaginário, da construção de sentidos.

Todavia, um leque de possibilidades se abre a partir disso. Apenas para exemplificar, pode-se estender essa pesquisa tentando perceber a postura da Igreja Católica frente ao caso. Como ela se posicionou frente ao início da devoção e qual a sua postura na atualidade, visto que o fenômeno já fugiu do controle do catolicismo oficial.

Outra possibilidade poderia ser sobre Fidélis Dalcin Barbosa, juntamente com a família de Maria Elizabeth de Oliveira para compreender a própria justificativa para a construção da santidade em torno de Maria Elizabeth. Ou ainda, através da história oral tentar re-construir a biografia de Maria Elizabeth a partir das pessoas que conviveram com ela.

Mais uma questão a ser debatida poderia ser uma análise, também através da história oral, com os próprios devotos. Ou ainda, analisar de forma mais detalhada as próprias cartas dos fiéis.

Enfim, ficam lacunas a serem preenchidas, hipóteses a serem levantadas outras a serem refutadas. Afinal, o que é o trabalho de construção de conhecimento senão a localização de dúvidas, o levantamento de hipóteses, a comprovação ou não, e também a própria refutação.

Assim, o que se quis não foi apresentar uma verdade, um trabalho pronto e acabado. Ao contrário, foi a primeira tentativa, e espera-se que não a única, de pensar com um certo rigor científico o fenômeno Maria Elizabeth de Oliveira, em cujo processo de construção desse fenômeno estão imbricados todos os elementos defendidos nesse trabalho e, talvez, outros tantos a serem ainda analisados.

Fontes

Fontes Impressas:

- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrêla no céu*. Caxias do Sul: São Miguel, 1969.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. 29.ed. Passo Fundo: Berthier, 2000.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. 30.ed. Passo Fundo: Berthier, 2001.

Jornal *Diário da Manhã*

- FATAL acidente de trânsito na Av. Pres. Vargas: menina de 14 anos perde a vida em plena calçada, sob as rodas de uma Kombi-lotação – motorista estaria embriagado – a cidade ficou chocada com o triste acontecimento. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 30 nov. 1965.
- AINDA sôbre o fatal acidente na Presidente Vargas: Ferlin: “Meu carro estava estacionado – o motorista da Kombi estava completamente embriagado”. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 1º dez. 1965.
- ACIDENTE ocorrido na Presidente Vargas ainda repercute: Nair Dallagnol: “não previ o acidente – lembro-me apenas de ter sido puxada pelo braço ao ser apanhada pela kombi”. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 02 dez. 1965.
- AGRADECIMENTO e convite para missa. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 02 dez. 1965.
- LUCCA, Umberto. Adeus à Maria Elizabeth. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 05 dez. 1965.

- SCHNORR, José. Dia 6 de fevereiro: festa de 15 anos no céu! *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 06 fev. 1966.
- CENTENAS de Graças. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 1966.
- AGRADECIMENTO: J. M. da Silva, agradece à Maria Elizabeth, por uma graça alcançada. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 14 jan. 1969.
- MARIA Elizabeth de Oliveira. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 07 fev. 1967.
- HOJE: terceiro aniversário de morte de Maria E. de Oliveira. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 1968.
- MARIA Elizabeth. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 02 e 03 nov. 1999.
- MARIA Elizabeth: 37 anos conquistando devotos no mundo inteiro. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 28 nov. 2002.

Jornal *O Nacional*

- AMANHÃ: 15 anos de Betinha: umas das últimas fotos de Maria Elizabeth M. de Oliveira. *O Nacional*, Passo Fundo, 05 fev. 1966.
- SCHNORR, José B. Menina-moça Maria Elizabeth de Oliveira: uma data de saudade e um dia de lágrimas: 6 de fevereiro. *O Nacional*, Passo Fundo, 07 fev. 1966.
- JUNTO ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, muitos fazem promessas. *O Nacional*, 23 fev. 1970.
- A SANTA. *O Nacional*, Passo Fundo, 03 nov. 1999.
- DUARTE, Meirelles. Trinta e quatro anos da morte de Maria Elizabeth de Oliveira: coube-me a 1ª reportagem da tragédia: esperada meia centena de ônibus no domingo. *O Nacional*, Passo Fundo, 27 e 28 nov. 1999.
- MARIA Elizabeth: a Santa de casa que faz milagres. *O Nacional*, Passo Fundo, 1º nov. 2000.
- A SANTA. *O Nacional*, Passo Fundo, 03 nov. 2000.
- TÚMULO de Maria Elizabeth é o mais visitado. *O Nacional*, Passo Fundo, 03 e 04 nov. 2001.
- PEDIDOS e agradecimentos. *O Nacional*, Passo Fundo, 04 nov. 2002.
- MAIS visitado: jazigo de Maria Elizabeth de Oliveira, onde estão também seus avós e seus pais, Alcides e Leda Oliveira. *O Nacional*, Passo Fundo, 02 nov. 2003.

- A FÉ que nasceu da dor: flores, uma menina comum, um acidente, flores...*O Nacional*, Passo Fundo, 24 e 25 jan. 2004.
- DUARTE, Meirelles. Devotos de Maria Elizabeth de Oliveira também pedem socorro. *O Nacional*, Passo Fundo, 02 fev. 2004.
- MARIA Elizabeth completaria 53 anos hoje. *O Nacional*, Passo Fundo, 06 fev. 2004.
- PROJETO de ampliação do túmulo de Maria Elizabeth ainda está parado. *O Nacional*, 14 set. 2004.

Fontes Audiovisuais:

- UMA Carta para Maria Elizabeth. Produzido pela RBS-TV do Rio Grande do Sul, para a série *Histórias Extraordinárias*. Direção de Eduardo Wannmacher, aproximadamente 20'. 2004.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. v.5. p. 296-332.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. Caxias do Sul: São Miguel, 1969.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. 29.ed. Passo Fundo: Berthier, 2000.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu*. 30. ed. Passo Fundo: Berthier, 2001.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BENINCÁ, Elli (Coord). *Cultura e religiosidade popular*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1991.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BURKE, Peter. *A fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luiz XIV*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 211-238.
- DÍAZ, Raul. Personaje e Identidad Narrativa: uma aproximación. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, [s.v.], n. 12, p. 37-58, 1999.

- DIEHL, Astor Antônio. Cultura Historiográfica e Inserção Hermenêutica: narrativa e controle da tragicidade na história. *História: debates e tendências*, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 33-52, dez. 2001.
- DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.
- DÜRKHEIN, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (Orgs.). *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. (Coleção Leituras Filosóficas).
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- HALAMI, Sergue. *Os Novos Cães de Guarda*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HARTOG, François. A Arte da Narrativa Histórica. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Orgs.). *Passados Recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ:FGV, 1998. p. 193-202.
- OLIVEIRA, Margarete Morandi de. *Maria Elizabeth de Oliveira: eternamente uma rosa*. Passo Fundo: Pe. Berthier, [1998].
- PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 291-317.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.
- SCHNEIDER, Marília. *Memória e História: (Antoninho da Rocha Marmo): misticismo, santidade e milagre em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SOUSA, Eudoro de. *Mitologias II: história e mito*. 2.ed. Brasília: Unb, 1995.

SÜSS, Günter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.

TEDESCO, João Carlos. *Memória e cultura: o coletivo, o indivíduo, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos*. Porto Alegre: EST, 2001.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidades, experiência e narração*. Caxias do Sul: EDUCS; Passo Fundo: UPF, 2004.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ANEXOS

LIVRO 1 (Livro deixado junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, localizado no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz – Passo Fundo)

PEQUISA REALIZADA ENTRE OS DIAS 30 DE JUNHO DE 2004 E 4 DE AGOSTO DE 2004

1. TOTAL DE ASSINATURAS: 1294

2. HOMENS: 380

3. MULHERES: 716

4. NÃO IDENTIFICADO EM VIRTUDE DA LETRA OU POR COLOCAREM APENAS AS INICIAIS DO NOME: 198

5. DE ONDE VÊM OS FIÉIS?

- PASSO FUNDO: 416
- LUGARES NÃO IDENTIFICADOS: 10
- REGIÃO: 528
- OUTROS ESTADOS: 49
 - SANTA CATARINA: 29
 - PARANÁ: 9
 - SÃO PAULO: 3
 - ALAGOAS: 2
 - RIO DE JANEIRO: 2
 - MINAS GERAIS: 1
 - DISTRITO FEDERAL: 1
 - MATO GROSSO: 1
 - TOCANTINS: 1

TOTAL DE PESSOAS QUE COLOCARAM O LUGAR: 1004

PESSOAS QUE NÃO COLOCARAM: 290

RELAÇÃO DOS VISITANTES DE CADA MUNICÍPIO DO RS, BEM COMO O NÚMERO DE

VISITANTES

Caxias do Sul: 43	Gravataí: 5	Santa Rosa: 2	São Bento: 1
Carazinho: 35	Fontoura Xavier: 5	Santa Margarida do Sul: 2	Santo Cristo: 1
Marau: 29	Cruz Alta: 5	Santa Bárbara do Sul: 2	Santo Antonio do Planalto: 1
Vacaria: 26	Casca: 5	Saldanha Marinho: 2	Ronda Alta: 1
Tapejara: 20	Vanini: 4	Quarai: 2	Rodeio Bonito: 1
Bento Gonçalves: 16	Sertão: 4	Nova Prata: 2	Portão: 1
Erechim: 15	Pelotas: 4	Mato Castelhano: 2	Pontão: 1
Veranópolis: 14	Nova Prata: 4	Liberato Salzano: 2	Planalto: 1
São Marcos: 13	Espumoso: 4	Ipiranga: 2	Parobé: 1
Frederico Westfalem: 13	Viamão: 3	Guaíba: 2	Palmeira: 1
Porto Alegre: 11	Tucunduva: 3	Estação: 2	Nova Prata: 2
Guaporé: 10	São Gabriel: 3	Encantado: 2	Nova Alvorada: 1
Soledade: 9	Santa Maria: 3	Chapada: 2	Muliterno: 1
Santana do Livramento: 9	Palmeira das Missões: 3	Catupe: 2	Jari: 1
Tapera: 8	Muçum: 3	Benjamin Constant: 2	Jacutinga: 1
Nova Bassano: 8	Ijuí: 3	Antônio Prado: 2	Itaquera: 1
Santa Cruz do Sul: 7	Ibirubá: 3	André da Rocha: 2	Irai: 2
Cacique Doble: 7	Ibiaçá: 3	Tupanci do Sul: 1	Ibirapuitã: 1
Bagé: 7	Guarani das Missões: 3	Torres: 1	Ibirataras: 1
Uruguaiana: 6	Guaporé: 3	Terras de Areia: 1	Giruá: 1
Lagoa Vermelha: 6	Canoas: 3	Tenente Muller: 1	Gentil: 1
Getúlio Vargas: 6	Barão do Cotegipe: 3	Taquara: 1	Erval Seco: 1
Farroupilha: 6	Vítor Graeff: 2	Taquara do Sul: 1	Coxilha: 1
Campos Borges: 6	Tupanciretã: 2	Sapucaia do Sul: 1	Coqueiros do Sul: 1
Viadutos: 5	Três Passos: 2	Sapiranga: 1	Ciríaco: 1
São Vendelino: 5	Tramandai: 2	São Sebastião do Cai: 1	Cerro Largo: 1
Sananduva: 5	Sarandi: 2	São Pedro do Sul: 1	Bom Princípio: 1
Pará: 5	São Leopoldo: 2	São Luiz Gonzaga: 1	Barracão: 1
Não-Me-Toque: 5	Santo Ângelo: 2	São Gabriel: 1	Barão do Cotegipe: 1

Arvorezinha: 1

Alto Alegre: 1

Alpestre: 1

Almirante Tamandaré: 1

LUGARES QUE DEVEM SER VERIFICADOS ONDE FICA:

Campinas do Sul: 2
Coronel Freitas: 2
D.C.: 1
J. das Missões: 2
S. Jacuí: 2
Quedas: 1

EXTERIOR:

Uruguai: 1

CIDADES DOS OUTROS ESTADOS:

Santa Catarina:
Chapecô: 13
Seara: 7
Lages: 2
Xanxarê: 2
Balneário Camboriú: 1
Florianópolis: 1
Pinhalzinho: 1
Joinville: 1

Paraná:
Cascavel: 4
Curitiba: 3
Maringá: 1

São Paulo: 3
Rio de Janeiro: 1

Alagoas:
Maceió: 2

Minas Gerais: 1
Brasília: 1

Mato Grosso:
Sorriso: 1

Tocantins: 1

6. PROFISSÕES:

696 pessoas registraram a profissão

598 não registraram

Estudante:125	Professor(a) Aposentado (a):5	Nutricionista:2	Engenheiro Agrônomo:1
Do Lar:83	Auxiliar de Farmácia:4	Padeiro:2	Engenheiro:1
Professor(a):51	Auxiliar Escritório:4	T.S.T.:2	Farmacêutica:1
Aposentado(a):39	Empresário:4	A.C.S.:1	Frentista:1
Comerciante:29	Operador de Máquina:4	A.D.R.:1	Irmã da Pastoral:1
Vendedor(a):29	Recreacionista:4	Administrador:1	Logista:1
Doméstica:19	Serviços Gerais:4	Agente de Saúde:1	Marceneiro:1
Motorista:19	Auxiliar Administrativo:3	Agente Prisional:1	Massagista:1
Agricultor:18	Cabeleireira:3	Agente:1	Merendeira:1
Auxiliar de Enfermagem (Téc. Enfermagem, Enfermeiro):16	Eletricista:3	Agrônomo:1	Metalgírico:1
Comerciário(a):15	Psicóloga:3	Analista de Custos:1	Motoboy:1
Desempregado(a):15	Segurança:3	Artesão:1	Operador de caixa:1
Funcionário (a) Público:15	Veterinária:3	Atendente:1	Pedagoga:1
Autônomo:13	Advogado (a):2	Auxiliar de Cozinha:1	Pensionista:1
Vigilante:9	Auxiliar Geral:2	Auxiliar de Procuradoria:1	Porteira:1
Balconista:8	Contadora:2	Bancário:1	Projetista:1
Mecânico:8	Cozinheira:2	Carteiro:1	Promotora de Vendas:1
Pedreiro:7	Diarista:2	Comprador:1	Residência Médica:1
Auxiliar de Produção:6	Digitadora:2	Confeiteira:1	Técnico em Eletrônica:1
Auxiliar:6	Fiscal:2	Copeira:1	Telefonista:1
Costureira:6	Fisioterapeuta:2	CORSAN:1	Tratorista:1
Industriário:6	Garçom:2	Decoradora:1	Vendas:1
Representante Comercial:6	Gráfico:2	Dentista:1	Vereador:1
Militar:5	Joalheira:2	Desenhista:1	Zelador:1
	Médico:2	Educadora Social:1	
		Empreiteiro:1	

7. IDADES:

Total de assinantes que colocaram a idade: 942

Não colocaram a idade: 352

Ordem Numérica	Por Quantidade
5-9: 25	21-25: 127
10-14: 54	41-45: 124
15-20: 95	46-50: 107
21-25: 127	36-40: 96
26-30: 77	15-20: 95
31-35: 72	26-30: 77
36-40: 96	31-35: 72
41-45: 124	51-55: 61
46-50: 107	10-14: 54
51-55: 61	56-60: 45
56-60: 45	61-65: 33
61-65: 33	5-9: 25
66-70: 12	66-70: 12
71-75: 10	71-75: 10
76-80: 2	76-80: 2
81-85: 2	81-85: 2

8. OBJETIVOS (Pedidos e Agradecimentos)

Pedidos: 595

Agradecimentos: 196

Pedidos e Agradecimentos juntos: 23

Total: 814

Não Manifestaram: 480

Tipo de Pedidos:

Saúde:165	Ajuda nos negócios e agradecimento:2	Filho saia da prisão:1
Pela família e saúde:111	Aposentadoria:2	Força:1
Pela família:59	Deixar de fumar:2	Iluminar o caminho:1
Pedido de trabalho:46	Felicidade:2	Para ganhar a eleição p/ vereador:1
Pedidos:32	Passar no teste de volante:2	Paz, saúde e um amor:1
Saúde, paz, felicidade:32	Passar no vestibular:2	Pedido para o filho abandonar as drogas:1
Família, emprego e saúde:24	Saúde, paz, justiça e trabalho:2	Pedido para resolver problemas financeiros:1
Paz e amor na família:13	Um bom casamento:2	Pedido para voltar para casa:1
Ajuda nos negócios:11	Aprender a dirigir:1	Pela vida:1
Passar de ano:6	Aprovação no vestibular, pela vida, trabalho e família:1	Pelo futuro:1
Saúde e pedido de emprego:6	Aumento de salário e um filho:1	Prosperidade pessoal e profissional:1
Família e trabalho:5	Benção para ir bem em concurso:1	Reconciliação com marido:1
Ajuda em provas:4	Construir casa:1	Saúde e estudo:1
Benção:4	Deixar de beber e usar drogas:1	Saúde para a humanidade:1
Paz:4	Emprego e benção para o lar:1	Solução de problemas:1
Saúde, paz e amor:4	Emprego e estudo:1	Sucesso no trabalho:1
Sucesso no trabalho e proteção:4	Emprego e saúde:1	Ter uma vida feliz e sossegada:1
Vida melhor:4	Emprego, saúde e sorte nos estudos:1	Trabalho e lugar para morar:1
Abandonar o álcool:3	Estudo e trabalho:1	Trabalho, moradia e dívidas pagas:1
Gravidez saudável:3	Estudo, vendas, amor e concurso público:1	Vender a casa:1
Negócios e Saúde:3	Família e estudos:1	Voltar morar em Passo Fundo:1
Saúde no parto:3		
Trabalho e saúde:3		

LIVRO 2 (Livro deixado junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, localizado no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz – Passo Fundo)

PEQUISA REALIZADA ENTRE OS DIAS 04 DE AGOSTO DE 2004 E 30 DE AGOSTO DE 2004

1. TOTAL DE ASSINATURAS: 1062

2. HOMENS: 316

3. MULHERES: 700

4. NÃO IDENTIFICADO EM VIRTUDE DA LETRA OU POR COLOCAREM APENAS AS INICIAIS DO NOME: 46

5. DE ONDE VÊM OS FIÉIS?

- PASSO FUNDO: 299
- LUGARES NÃO IDENTIFICADOS: 03
- REGIÃO: 527
- OUTROS ESTADOS: 36
 - SANTA CATARINA: 26
 - SÃO PAULO: 07
 - PARANÁ: 02

TOTAL DE PESSOAS QUE COLOCARAM O LUGAR: 867

PESSOAS QUE NÃO COLOCARAM: 194

RELAÇÃO DOS VISITANTES DE CADA MUNICÍPIO DO RS, BEM COMO O NÚMERO DE VISITANTES

Vacaria:55	Porto Alegre:6	Barão do Cotegipe:2	Caiçara:1
Caxias do Sul:41	Santa Rosa:6	Barra Funda:2	Campos Borges:1
Tapejara:33	Colorado:5	Campo Bom:2	Canoas:1
Bento Gonçalves:30	Flores da Cunha:5	Caseiros:2	Cerro Grande:1
Frederico Westfalem: 21	Ibiaçá:5	Catuípe:2	Cruz Alta:1
Carazinho:18	Palmeira das Missões:5	Charrua:2	Cruzaltense:1
Soledade:18	Barros Cassal:4	Constantina:2	Ernestina:1
Ibiraiaras:15	Fagundes Varela:4	Horizontalina:2	Garibaldi:1
Casca:14	Farroupilha:4	Ipê:2	Gravataí:1
Marau:14	Ipiranga do Sul:4	Não-Me-Toque:2	Guabiju:1
Erechim:12	Planalto:4	Pinhal da Serra:2	Ibirapuitã:1
Ijuí:11	Rondinha:4	Porto Mauá:2	Lagoa Vermelha:1
Sannaduva:11	Selbach:4	São Gabriel:2	Nova Araçá:1
Nova Bassano:9	Tupanciretã:4	Sapucaia do Sul:2	Nova Prata:1
Sarandi:9	Água Santa:3	Sertão:2	Panambi:1
Veranópolis:9	Almirante Tamandaré:3	Tamandaré do Sul:2	Pontão:1
Getúlio Vargas:8	Arvorezinha:3	Taquara do Sul:2	Protásio Alves:1
Santa Maria:8	Dadid Canabarro:3	Três de Maio:2	Santa Bárbara do Sul:1
Tucunduva:8	Livramento:3	Tupanci do Sul:2	São Domingos:1
Bom Jesus:7	Mato Castelhano:3	Alegrete:1	São Gabriel:1
Mormaço:7	Ronda Alta:3	Antonio Prado:1	Tio Hugo:1
Espumoso:6	Salto do Jacuí:3	Cachoeirinha:1	Torres:1
Fontoura Xavier:6	São Leopoldo:3	Cacique Doble:1	Uruguaiana:1

LUGARES QUE DEVEM SER VERIFICADOS ONDE FICA:

São Salvador “Giruaá”: 1

Faxinalzinho: 1

Pedrópolis:1

EXTERIOR:

Uruguai:

Rivera: 3

CIDADES DOS OUTROS ESTADOS:

Santa Catarina: 3

Concórdia: 5

São José do Cedro: 3

Florianópolis: 3

Quilombo: 3

Faxinal dos Guedes: 3

Correia Pinto: 2

Lages: 2

Balneário Camboriú: 1

Videira: 1

Xaxim: 1

Paraná:

Palmas: 2

São Paulo: 7

6. PROFISSÕES:

535 pessoas registraram a profissão
527 não registraram

Estudante:88	Auxiliar de Produção:3	Merendeira:2	Fotógrafa:1
Do Lar:85	Bancário(a):3	Militar:2	Gerente Comercial:1
Professor(a):46	Cabeleireira:3	Montador:2	Jornalista:1
Agricultor:37	Cozinheira:3	Representante Comercial:2	Médica:1
Motorista:29	Eletricista:3	Agente Penitenciário:1	Metalúrgico:1
Comerciante:22	Empresário(a):3	Atendente:1	Monitora:1
Vendedor(a):18	Industriário(a):3	Auxiliar Administrativo:1	Músico:1
Funcionário(a) Público: 16	Pintor:3	Auxiliar de Confeitaria:1	Operador de Máquina:1
Aposentado(a):15	Porteiro:3	Auxiliar de Limpeza:1	Orientadora:1
Doméstica:15	Recepcionista:3	Borracheiro:1	Preenseiro:1
Téc.(a) em Enfermagem	Recreacionista:3	Caixa:1	Programador:1
/Enfermeiro(a):15	Secretária:3	Camareira:1	Projetista:1
Mecânico:8	Servente:3	Caseiro:1	Psicóloga:1
Desempregado(a):7	Advogado(a):2	Cobrador:1	Redatora:1
Comerciário(a):6	Auxiliar de Escritório:2	Construtor:1	Segurança:1
Autônomo:5	Auxiliar de Laboratório:2	Contabilista:1	Sindicalista:1
Costureira:5	Auxiliar de Serviços:2	Contador:1	Técnico em Contabilidade:1
Administrador(a):4	Chapeador:2	Credenciada:1	Torneiro Mecânico:1
Balconista:4	Corretor(a) de Imóveis:2	Delegado:1	Viajante:1
Padeiro:4	Ferreiro:2	Extensionista Rural:1	Vigia:1
Pedreiro:4	Frentista:2	Farmacêutica:1	Zelador(A):1
Serviços Gerais:4	Funileiro:2	Faxineira:1	

7. IDADES:

Total de assinantes que colocaram a idade: 822

Não colocaram a idade: 240

Ordem Numérica	Por Quantidade
5-9: 32	36-40: 105
10-14: 41	41-45: 100
15-20: 74	46-50: 86
21-25: 76	31-35: 79
26-30: 54	21-25: 76
31-35: 79	15-20: 74
36-40: 105	51-55: 72
41-45: 100	26-30: 54
46-50: 86	10-14: 41
51-55: 72	56-60: 41
56-60: 41	5-9: 32
61-65: 30	61-65: 30
66-70: 20	66-70: 20
71-75: 7	71-75: 7
76-80: 2	81-85: 3
81-85: 3	76-80: 2

8. OBJETIVOS (Pedidos e Agradecimentos)

Pedidos: 551

Agradecimentos: 147

Pedidos e Agradecimentos juntos: 21

Total: 719

Não Manifestaram: 343

Tipo de Pedidos:

Saúde:135	Negócios:7	Pagar o carro:1
Saúde para a família:121	Proteção contra todos os males:4	Mais inteligência:1
Pedidos:46	Saúde e estudos:3	Filho abandonar o álcool:1
Saúde e paz:40	Paz, harmonia na família:3	Filho abandonar as drogas:1
Trabalho/emprego:34	Encontrar um amor:3	Felicidade:1
Pela família:32	Dinheiro:3	Comprar casa própria:1
Trabalho/emprego e saúde para a família:24	Tirar carteira de motorista:2	Bênção:1
Saúde, felicidade, paz:20	Conseguir aposentadoria:2	Bênção para a filha nas eleições:1
Trabalho/emprego, saúde e negócios:18	Vida melhor:1	Abandonar o alcoolismo:1
Passar nos estudos, provas, concursos:12	Vender a casa:1	Abandonar as drogas e conseguir emprego:1
Sorte no trabalho:9	Ter mais calma:1	Pai parar de beber:1
Paz, amor, saúde, emprego:8	Superar dificuldades e vencer na vida:1	
Estudos:8	Perdão:1	
	Paz:1	

LIVRO 3 (Livro deixado junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, localizado no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz – Passo Fundo)

PEQUISA REALIZADA ENTRE OS DIAS 01 DE SETEMBRO DE 2004 E 27 DE SETEMBRO DE 2004

1. TOTAL DE ASSINATURAS: 776

2. HOMENS: 244

3. MULHERES: 517

4. NÃO IDENTIFICADO EM VIRTUDE DA LETRA OU POR COLOCAREM APENAS AS INICIAIS DO NOME: 14

5. DE ONDE VÊM OS FIÉIS?

- PASSO FUNDO: 215
- LUGARES NÃO IDENTIFICADOS: 10
- REGIÃO: 334
- OUTROS ESTADOS: 24
 - SANTA CATARINA: 10
 - PARANÁ: 10
 - MATO GROSSO: 02
 - MINAS GERAIS: 01
 - SÃO PAULO: 01

TOTAL DE PESSOAS QUE COLOCARAM O LUGAR: 583

PESSOAS QUE NÃO COLOCARAM: 193

RELAÇÃO DOS VISITANTES DE CADA MUNICÍPIO DO RS, BEM COMO O NÚMERO DE VISITANTES

Caxias do Sul:26	Campo do Meio:4	Santo Cristo:2	Espumoso:1
Fairoupillha:18	Crissiumal:4	São José do Cedro:2	Fontoura Xavier:1
Bento Gonçalves:16	Frederico Westfalem:4	São Paulo das Missões:2	Gramado:1
Soledade:13	Pinhal da Serra:4	São Sepé:2	Humaitá:1
Tapejara:13	Casca:3	Sete de Setembro:2	Ibiaçá:1
Garibaldi:12	Ervai Sêco:3	Tapera:2	Marcelino Ramos:1
Carazinho:11	Flores da Cunha:3	Tramandaí:2	Mato Castelhano:1
Sertão:11	Getúlio Vargas:3	Vicente Dutra:2	Mormaço:1
Lagoa Vermelha:10	Santa Maria:3	Vitor Graeff:2	Não-Me-Toque:1
Erechim:9	Santa Rosa:3	Bela Vista:1	Nova Roma:1
Nova Bassano:9	Tucunduva:3	Cachoeira do Sul:1	Novo Hamburgo:1
Restinga Sêca:8	Antonio Prado:2	Camaquã:1	Parai:1
Sananduva:7	Arvorezinha:2	Canela:1	Pontão:1
Aratiba:6	Butiá:2	Cêro Largo:1	Rosário do Sul:1
Canoas:6	Candelária:2	Ciríaco:1	São Francisco de Assis:1
Marau:6	Estação:2	Clemente Argolo:1	São Miguel:1
Vacaria:6	Ibirubá:2	Colorado:1	Sarandi:1
Carlos Barbosa:5	Ijuí:2	Condor:1	Serafina Correia:1
Ibiraitaras:5	Nova Prata:2	Coxilha:1	Severiano de Almeida:1
Taquaruçu do Sul:5	Novo Barreiro:2	Dois Lagedos:1	Veranópolis:1
André da Rocha:4	Porto Alegre:2	Ernestina:1	
Cacique Doble:4	Rondinha:2	Esmeralda:1	

LUGARES QUE DEVEM SER VERIFICADOS ONDE FICA:

M. Capões:2
Sede Dourado:2
Derrubadas:2
Redentora:1
Monte A. Campos:3

CIDADES DOS OUTROS ESTADOS:

Santa Catarina:1
Concórdia:7
Chapecó:2
Paraná:3
Curitiba:4
Paranaguá:1
Foz do Iguaçu:1
Gaurama:1

São Paulo:
Jacareí:1

Minas Gerais:1

Mato Grosso:
Guiabá:1
Sinop:1

6. PROFISSÕES:

352 pessoas registraram a profissão

424 não registraram

Do lar:54	Costureira:5	Soldador:1	Empresário:1
Estudante:51	Militar:4	Serviços Gerais:1	Diarista:1
Agricultor (a):33	Operador(a) de caixa:3	Professor Aposentado:1	Degustadora:1
Professor(a):24	Balconista:3	Pensionista:1	Copeira:1
Aposentado(a):16	Auxiliar Administrativo:3	Papeleira:1	Contabilista:1
Desempregado(a):11	Telefonista:2	Operador:1	Chapeador:1
Téc. Enfer./Enfermeiro(a):10	Servente:2	Operador de Máquina:1	Carteiro:1
Doméstica:10	Pintor:2	Moveleiro:1	Cantora:1
Vendedor(a):9	Pedreiro:2	Moto Boy:1	Camareira:1
Funcionário(a) Público:9	Merendeira:2	Metalúrgico:1	Bibliotecária:1
Comerciário(a):9	Farmacêutico(a):2	Médica Veterinária:1	Auxiliar Financeiro:1
Comerciante:8	Cabeleireira:2	Marceneiro:1	Auxiliar de Indústria:1
Auxiliar de Produção:?8	Bancário(a):2	Laboratorista:1	Auxiliar de Dentista:1
Padeiro:7	Atendente:2	Industrialista:1	Açougueiro:1
Motorista:6	Artista Plástico:2	Hoteleiro:1	
Autônomo:6	Vigilante:1	Gráfico:1	
Secretária:5	Vigia:1	Engenheiro Agrônomo:1	

7. IDADES:

Total de assinantes que colocaram a idade: 539

Não colocaram a idade: 237

Ordem Numérica	Por Quantidade
5-9: 18	21-25: 69
10-14: 30	31-35: 63
15-20: 51	41-45: 59
21-25: 69	36-40: 52
26-30: 46	15-20: 51
31-35: 63	26-30: 46
36-40: 52	46-50: 46
41-45: 59	51-55: 42
46-50: 46	10-14: 30
51-55: 42	61-65: 22
56-60: 12	5-9: 18
61-65: 22	66-70: 13
66-70: 13	56-60: 12
71-75: 6	71-75: 6
76-80: 5	76-80: 5
81-85: 3	81-85: 3
86-90: 2	86-90: 2

8. OBJETIVOS (Pedidos e Agradecimentos)

Pedidos: 394

Agradecimentos: 114

Pedidos e Agradecimentos juntos: 19

Total: 527

Não Manifestaram: 249

Tipo de Pedidos:

Saúde na família:121
Pela família:60
Saúde:59
Pedidos:28
Emprego/trabalho:22
Benção:22
Saúde, trabalho/emprego:12
União familiar:6
Saúde, harmonia e prosperidade:6
Saúde, negócios:5
Proteção:4
Passar de ano:4
Depressão:4
Saúde e paz:3
Paz na terra:3
Paz, união familiar e 1 namorado:1
Negócios:2
Deixar de beber:2
Comprar casa:2
Tirar carteira de motorista:1
Tios saírem da cadeia:1
Sucesso na viça:1
Ser feliz com namorado:1
Saúde, harmonia no lar e promoção:1
Saúde, estudos:1
Saúde e proteção:1

Saúde e paz para a humanidade:1
Reconstruir casamento:1
Reconciliação:1
Reconciliação com marido:1
Promoção:1
Pela vida:1
Paz no lar:1
Paz na família:1
Paz conjugal:1
Passar teste de volante:1
Passar no vestibular:1
Para o filho não ir “servir”:1
Pai parar de beber:1
Novo emprego e novo amor:1
Gravidez tranquila:1
Ganhar celular, computador e som:1
Engravidar:1
Deixar de usar drogas:1
Comprar casa e carro:1
Casar novamente:1
Benção para o casamento:1
Atender bem os alunos:1
Vitória do pai Crespim A. Rizzi para prefeito de Mato Castelhano:1
Ganhar eleição (vereador 15.100 e prefeito 15 p/ Restinga Sêca):1
Se formar e casar em 2004:1

LIVROS 4 E 5 (Livros deixados junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, localizado no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz – Passo Fundo)

PEQUISA REALIZADA ENTRE OS DIAS 27 DE SETEMBRO DE 2004 E 31 DE OUTUBRO DE 2004

1. TOTAL DE ASSINATURAS: 1169

2. HOMENS: 366

3. MULHERES: 788

4. NÃO IDENTIFICADO EM VIRTUDE DA LETRA OU POR COLOCAREM APENAS AS INICIAIS DO NOME: 15

5. DE ONDE VÊM OS FIÉIS?

- PASSO FUNDO: 347
- LUGARES NÃO IDENTIFICADOS: 02
- REGIÃO: 531
- OUTROS ESTADOS: 22
 - SANTA CATARINA: 15
 - PARANÁ: 03
 - MATO GROSSO: 01
 - SÃO PAULO: 02
 - RONDÔNIA: 01

TOTAL DE PESSOAS QUE COLOCARAM O LUGAR: 893

PESSOAS QUE NÃO COLOCARAM: 276

RELAÇÃO DOS VISITANTES DE CADA MUNICÍPIO DO RS, BEM COMO O NÚMERO DE VISITANTES

Vacaria: 46	Itapuca: 4	Alegrete: 1	Santo Antonio do Palma: 1
Caxias do Sul: 45	Nãp-Me-Toque: 4	Almirante Tamandaré do Sul: 1	São Luiz Gonzaga: 1
Fagundes Varela: 45	Sananduva: 4	Araçá Alto: 1	Sertão: 1
Bento Gonçalves: 24	São Gabriel: 4	Barros Cassal: 1	Taquaruçu do Sul: 1
Soledade: 24	São Marcos: 4	Cachoeirinha: 1	
Carazinho: 19	Serafina Corrêa: 4	Campos Borges: 1	
Erechim: 12	Vila Lângaro: 4	Dez de Abril: 1	
Frederico Westphalen: 12	David Canabarro: 3	Dois Lajeados: 1	
Nova Prata: 12	Estação: 3	Ernestina: 1	
Flores da Cunha: 11	Getúlio Vargas: 3	Formosa do Sul: 1	
Marau: 11	Iraí: 3	Frei Caneca: 1	
Ibirapuitã: 10	Novo Hamburgo: 3	Garibaldi: 1	
Barra Funda: 9	Osório: 3	Giruá: 1	
Espumoso: 9	Sarandi: 3	Guarani das Missões: 1	
Farrroupilha: 9	Sete de Setembro: 3	Humaitá: 1	
Lagoa Vermelha: 9	Veranópolis: 3	Ibiaçá: 1	
Tio Hugo: 8	Vila Flores: 3	Itaqui: 1	
Coxilha: 7	Bagé: 2	Lagoa Bonita: 1	
São José do Ouro: 7	Esteio: 2	Lajeado do Bugre: 1	
Tucunduva: 7	Guaporé: 2	Marcelino Ramos: 1	
Uruguaiana: 7	Ibiraiaras: 2	Monte Alegre dos Campos: 1	
Gravataí: 6	Ibirubá: 2	Nonoai: 1	
Porto Alegre: 6	Ipiranga do Sul: 2	Nova Pádua: 1	
Segredo: 6	Liberato Salzano: 2	Nova Petrópolis: 1	
Tapejara: 6	Mato Castelhano: 2	Putinga: 1	
Arvorezinha: 5	Pontão: 2	Salto do Jacuí: 1	
Ciriaco: 5	Rondinha: 2	Santa Rosa: 1	
Muliterno: 5	Santa Bárbara do Sul: 2	Santo Antonio das Missões: 1	
Santa Maria: 5	Santo Expedito: 2		
Campinas do Sul: 4	Tapera: 2		
Ijuí: 4	Água Santa: 1		

LUGARES QUE DEVEM SER VERIFICADOS ONDE FICA:

P. do Vale: 2

CIDADES DOS OUTROS ESTADOS:

Santa Catarina:

Chapecó: 4

Lages: 2

Blumenau: 2

Sombrio: 2

São Joaquim: 2

Camboriú: 2

Celso Ramos: 1

Paraná:

Curitiba: 1

Medianeira: 1

Assis Chateaubriant: 1

São Paulo:

São Paulo: 1

Campos do Jordão: 1

Mato Grosso:

Sorriso: 1

Rondônia:

Porto Velho: 1

6. PROFISSÕES:

470 pessoas registraram a profissão

699 não registraram

Do Lar: 87	Empresário (a): 4	Assistente Social: 1	Massoterapeuta: 1
Estudante: 81	Advogado (a): 3	Atendente: 1	Merendeira: 1
Professor (a): 41	Autônomo: 3	Auxiliar de Laboratório: 1	Operário: 1
Agricultor (a): 36	Auxiliar de Produção: 3	Auxiliar de Portaria: 1	Padre: 1
Vendedor (a): 21	Costureira: 3	Auxiliar de Serviços: 1	Pedrista: 1
Aposentado (a): 19	Industriário (a): 3	Auxiliar Elétrico: 1	Pintor: 1
Téc. Enferm./Enfer. (a): 18	Mecânico: 3	Babá: 1	Soldador: 1
Doméstica: 17	Metalúrgico: 3	Cobrador: 1	Taxista: 1
Funcionário (a) Público: 13	Militar: 3	Consultor de Negócios: 1	Téc. Em Alimentos: 1
Comerciário (a): 12	Promotora de Vendas: 3	Contador: 1	Tecelã: 1
Motorista: 10	Aux. Escritório: 2	Dentista: 1	Telefonista: 1
Comerciante: 7	Balconista: 2	Empacotadora: 1	Topógrafo: 1
Representante Comercial: 7	Caixa: 2	Ferreiro: 1	Viajante: 1
Padeiro: 6	Moto Boy: 2	Fisioterapeuta: 1	Vigilante: 1
Desempregado (a): 5	Pedreiro: 2	Instrutor: 1	
Secretária: 5	Servente: 2	Manicure: 1	
Cozinheira: 4	Artesã: 1	Massagista: 1	

7. IDADES:

Total de assinantes que colocaram a idade: 876

Não colocaram a idade: 293

Ordem Numérica	Por Quantidade
5-9: 22	41-45: 104
10-14: 66	15-20: 103
15-20: 103	46-50: 97
21-25: 89	21-25: 89
26-30: 74	36-40: 86
31-35: 62	26-30: 74
36-40: 86	51-55: 69
41-45: 104	10-14: 66
46-50: 97	31-35: 62
51-55: 69	56-60: 38
56-60: 38	61-65: 24
61-65: 24	5-9: 22
66-70: 21	66-70: 21
71-75: 10	71-75: 10
76-80: 4	81-85: 5
81-85: 5	76-80: 4
86-90: 1	86-90: 1
91-95: 1	91-95: 1

8. OBJETIVOS (Pedidos e Agradecimentos)

Pedidos: 598

Agradecimentos: 169

Pedidos e Agradecimentos juntos: 17

Total: 784

Não Manifestaram: 385

Tipo de Pedidos:

Saúde: 110	Abençoar o lar: 1	Paz no casamento: 1
Pela saúde da família: 92	Agradecer por ter trazido o marido de volta: 1	Pela vida da filha: 1
Pela família: 68	Ajuda no casamento: 1	Permanecer no emprego: 1
Trabalho/emprego/serviço: 51	Ajuda nos estudos: 1	Poder ser mãe: 1
Paz/amor/felicidade/finanças/trabalho: 42	Ajuda p/ superar a perda da mãe: 1	Proteção na estrada: 1
Passar de ano: 24	Benção no trabalho: 1	Proteção no emprego: 1
Saúde, paz, amor, felicidade: 22	Conseguir bolsa ou crédito educativo: 1	Que o filho pare de beber: 1
Saúde, financeiro, trabalho, estudos: 9	Conseguir carteira de motorista: 1	Que o irmão pare de beber: 1
Cura de doença grave – SIDA: 7	Conseguir cursar a faculdade: 1	Que o namorado não esteja com outra: 1
Pagar dívidas: 6	Deixar de fumar: 1	Que o pai pare de beber: 1
Conseguir aposentadoria: 3	DIPP vença as eleições: 1	Resolver problemas amorosos: 1
Conseguir casa própria: 3	Entendimento com a mãe: 1	Sair das drogas: 1
Passar de ano sem recuperação: 3	Filho largue as drogas: 1	Saúde a afastar os vícios do filho: 1
Resolver problemas: 3	Ganhar eleições: 1	Ser feliz com o namorado: 1
Agradecer pelo emprego: 2	Iluminar o caminho: 1	Ser feliz no casamento: 1
Ajuda nos negócios: 2	Ir bem nos estudos: 1	Ser feliz: 1
Passar na prova: 2	Isonção nos impostos: 1	Sucesso na vida: 1
Passar no teste de baliza: 2	Luz e paciência na educação da filha e alunos: 1	Superar perda do pai: 1
Pela volta do companheiro: 2	Não perder o emprego: 1	Ter confiança no marido: 1
Pelos negócios: 2	Pai e mãe pararem de brigar: 1	Trabalho/deixar vício/cons. esposa: 1
Que o marido volte para casa: 2	Parar de beber: 1	Vencer na vida: 1
Realização no amor: 2	Passar no concurso público: 1	
União na família: 2		
Vender casa e terreno: 1		

LIVROS 5, 6 e 7 (Livros deixados junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, localizado no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz – Passo Fundo)

PEQUISA REALIZADA ENTRE OS DIAS 01 DE NOVEMBRO DE 2004 E 30 DE NOVEMBRO DE 2004

1. TOTAL DE ASSINATURAS: 1606

2. HOMENS: 507

3. MULHERES: 1078

4. NÃO IDENTIFICADO EM VIRTUDE DA LETRA OU POR COLOCAREM APENAS AS INICIAIS DO NOME: 21

5. DE ONDE VÊM OS FIÉIS?

- PASSO FUNDO: 368
- LUGARES NÃO IDENTIFICADOS: 10
- REGIÃO: 836
- OUTROS ESTADOS: 41
 - SANTA CATARINA: 39
 - PARANÁ: 01
 - MATO GROSSO: 01

- OUTROS PAÍSES:

- URUGUAI: 15

TOTAL DE PESSOAS QUE COLOCARAM O LUGAR: 1270

PESSOAS QUE NÃO COLOCARAM: 336

RELAÇÃO DOS VISITANTES DE CADA MUNICÍPIO DO RS, BEM COMO O NÚMERO DE VISITANTES

Caxias do Sul: 82	Água Santa: 7	Nonoai: 3	Faxinal do Soturno: 1
Rosário do Sul: 63	Espumoso: 7	Pontão: 3	Flores da Cunha: 1
Vacaria: 44	Lagoa Vermelha: 7	Sananduva: 3	Giuruá: 1
Livramento: 39	Serafina Corrêa: 7	Santo Ângelo: 3	Gramado: 1
Farrópolis: 34	Quarai: 6	André da Rocha: 2	Ipiranga do Sul: 1
Carazinho: 30	Santa Rosa: 6	Bagé: 2	Irai: 1
Garibaldi: 28	Tapejara: 6	Campinas do Sul: 2	Itapuca: 1
Não-Me-Toque: 20	Casca: 5	Canoas: 2	Liberato Salzano: 1
São Gabriel: 20	Ciríaco: 5	Charua: 2	Manoel Portela: 1
Ipê: 19	Frederico Westphalen: 5	Guarani das Missões: 2	Nova Araçá: 1
Bento Gonçalves: 18	Ibirubá: 5	Ivorá: 2	Nova Bassano: 1
Carlos Barbosa: 18	Tucunduva: 5	Osório: 2	Nova Roma do Sul: 1
Pedro Osório: 18	Caiçara: 4	Parai: 2	Palmitos: 1
Marau: 17	Campo Bom: 4	Ronda Alta: 2	Pejuçara: 1
Porto Alegre: 15	Capinzal: 4	Santa Margarida do Sul: 2	Protásio Alves: 1
Santa Maria: 15	Constantina: 4	Santo Cristo: 2	Rio Pardo: 1
Cachoeira do Sul: 13	Dom Pedrito: 4	São José do Cerrito: 2	Santa Bárbara do Sul: 1
Erechim: 12	Gentil: 4	São José do Ouro: 2	São Borja: 1
Antonio Prado: 11	Ibiraíaras: 4	Sapucaia do Sul: 2	Tapera: 1
Ijuí: 11	Pelotas: 4	Segredo: 2	Tio Hugo: 1
Palmeira das Missões: 11	São Leopoldo: 4	Sobradinho: 2	Toropi: 1
Soledade: 11	Viadutos: 4	Torres: 2	Tramandaí: 1
Nova Prata: 10	Camargo: 3	Tuparendi: 2	Vale Veneto: 1
Sertão: 10	Esmeralda: 3	Alto Alegre: 1	Vanini: 1
Veranópolis: 10	Estação: 3	Coqueiros do Sul: 1	Viamão: 1
Vila Flores: 9	Getúlio Vargas: 3	Dois Irmãos: 1	Victor Graeff: 1
São Marcos: 8	Ibirapuitã: 3	Encruzilhada Muller: 1	
Uruguaiana: 8	Itaqui: 3	Ernestina: 1	

LUGARES QUE DEVEM SER VERIFICADOS ONDE FICA:

Presidente Costa e Silva: 10

CIDADES DOS OUTROS ESTADOS:

Santa Catarina: 5

Lages: 12

Concórdia: 7

Chapecó: 5

Ipumirim: 4

Camboriú: 2

Pinhalzinho: 2

Sombrio: 1

Piratuba: 1

Paraná:

Francisco Beltrão: 1

Mato Grosso:

Rondonópolis: 1

CIDADES DOS OUTROS PAÍSES:

Uruguai:

Artigas: 8

Rivera: 7

6. PROFISSÕES:

614 pessoas registraram a profissão

992 não registraram

Estudante: 104	Empresário (a): 4	Soldador: 2	Garçone: 1
Do Lar: 93	Padeiro: 4	Zeladora: 2	Letrista: 1
Professor (a): 58	Vigilante: 4	Administrador (a): 1	Logista: 1
Aposentado (a): 32	Auxiliar de Produção: 3	Almoxarife: 1	Manicure: 1
Comerciante: 28	Bancário (a): 3	Arquiteta: 1	Manipuladora: 1
Enferm. (a)/Tec. Enferm.: 23	Contador (a): 3	Artêsão: 1	Marceneiro: 1
Agricultor (a): 21	Metalúrgico: 3	Auxiliar Administrativo: 1	Modista: 1
Doméstica: 19	Militar: 3	Auxiliar de Farmácia: 1	Pedagoga: 1
Funcionário (a) Público: 17	Operador (a) de caixa: 3	Auxiliar de Laboratório: 1	Pintor: 1
Desempregado (a): 16	Recreacionista: 3	Cabeleireira: 1	Porteiro: 1
Vendedor (a): 16	Agente de Saúde: 2	Caseiro: 1	Promotora de Vendas: 1
Representante Comercial: 14	Babá: 2	Chapeador: 1	Psicóloga: 1
Comerciário (a): 10	Cobrador (a): 2	Confeiteira: 1	Publicitária: 1
Serviços Gerais: 10	Cozinheira: 2	Consultor: 1	Recepcionista: 1
Autônomo: 9	Embaladora: 2	Contabilista: 1	Repórter: 1
Motorista: 9	Ferroviário: 2	Copeira: 1	Representante de Vendas: 1
Auxiliar de Escritório: 7	Médico (a): 2	Desenhista: 1	Serrador: 1
Secretária: 7	Merendeira: 2	Digitadora: 1	Serralheiro: 1
Costureira: 6	Monitor (a): 2	Eletricista: 1	Servente de Pedreiro: 1
Servente: 6	Pedreiro: 2	Engenheiro: 1	Tomeiro Mecânico: 1
Agente Penitenciário: 5	Pencionista: 2	Escriturário: 1	Veterinária: 1
Balconista: 4	Projetista: 2	Frentista: 1	

7. IDADES:

Total de assinantes que colocaram a idade: 876

Não colocaram a idade: 293

Ordem Numérica	Por Quantidade
5-9: 45	41-45: 147
10-14: 60	21-25: 135
15-20: 128	15-20: 128
21-25: 135	26-30: 111
26-30: 111	46-50: 111
31-35: 99	36-40: 107
36-40: 107	51-55: 100
41-45: 147	31-35: 99
46-50: 111	10-14: 60
51-55: 100	56-60: 57
56-60: 57	5-9: 45
61-65: 35	61-65: 35
66-70: 18	71-75: 25
71-75: 25	66-70: 18
76-80: 13	76-80: 13
81-85: 2	81-85: 2
86-90: 1	86-90: 1

8. OBJETIVOS (Pedidos e Agradecimentos)

Pedidos: 691

Agradecimentos: 235

Pedidos e Agradecimentos juntos: 48

Total: 974

Não Manifestaram: 632

Tipo de Pedidos:

Saúde: 162	Pela aposentadoria: 2	Luz e orientação: 1
Saúde, paz, prosp., amor, prot., trab., união: 105	Proteção e orientação nos estudos: 2	Arrumar pessoa de confiança: 1
Saúde para a família: 99	Passar no concurso: 2	Ganhar pensão: 1
Pela família: 65	Ver o pai: 2	Paz interior e harmonia: 1
Emprego: 60	Construir casa própria: 2	Uma vaga no doutorado da UFF: 1
Cura de doença grave – Sida: 9	Reconciliação no casamento: 2	Marido saía do presídio: 1
Paz na família: 9	Absolvição: 2	Superar perda do namorado falecido: 1
Pelos estudos: 7	Perdão para a família: 1	Marido volte para casa: 1
Ir bem nos estudos: 6	Ser feliz: 1	Não viver mais sozinha: 1
Proteção divina: 6	Proteção no trabalho: 1	Parto tranquilo: 1
União da família: 5	Passar no mestrado em PoA: 1	Aprovação no concurso da UFRGS: 1
Comprar casa: 5	Evitar acidentes na família: 1	Venda de uma lavagem: 1
Parar de fumar: 4	Sorte: 1	Parar de beber: 1
Benção para a família: 3	Benção na gravidez: 1	Acabar problemas financeiros: 1
Ajuda no trabalho: 3	Para o filho se aposentar por invalidez: 1	Mudar de profissão: 1
Passar de ano: 3	Que o filho passe no concurso: 1	Aprovação no vestibular: 1
Ajuda nos negócios: 3	Passar no vestibular: 1	Filho passar na prova: 1
Proteção: 2	Uma vida em paz e com abundância: 1	Engravidar: 1
Força para a família: 2	Iluminar o caminho: 1	Transferência de cidade: 1
Benção a todos: 2	Venda de terreno: 1	Neta seja aprovada no vestibular: 1
Paz: 2	Pagar conta de água: 1	Conseguir trabalho de vigilante: 1
Proteção para a família: 2	Pela manutenção do emprego: 1	
	Afilhado e sobrinho largarem as drogas: 1	

LIVROS 7, 8 e 9 (Livros deixados junto ao túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, localizado no Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz – Passo Fundo)

PEQUISA REALIZADA ENTRE OS DIAS 01 DE DEZEMBRO DE 2004 E 31 DE DEZEMBRO DE 2004

1. TOTAL DE ASSINATURAS: 1253

2. HOMENS: 428

3. MULHERES: 814

4. NÃO IDENTIFICADO EM VIRTUDE DA LETRA OU POR COLOCAREM APENAS AS INICIAIS DO NOME: 11

5. DE ONDE VÊM OS FIÉIS?

- PASSO FUNDO: 318
- REGIÃO: 732
- OUTROS ESTADOS: 54
 - SANTA CATARINA: 35
 - PARANÁ: 13
 - SÃO PAULO: 04
 - MATO GROSSO: 02

TOTAL DE PESSOAS QUE COLOCARAM O LUGAR: 1104

PESSOAS QUE NÃO COLOCARAM: 149

RELAÇÃO DOS VISITANTES DE CADA MUNICÍPIO DO RS, BEM COMO O NÚMERO DE VISITANTES

Caxias do Sul: 69	Sarandi: 6	Ibiraíaras: 3	Barão do Coteipe: 1
Vacaria: 49	Tapejara: 6	Ijuí: 3	Chapada: 1
São Gabriel: 37	Uruguaiana: 6	Salto do Jacuí: 3	Çlberato Salzano: 1
Nova Prata: 33	Ciríaco: 5	Santa Maria: 3	Ernestina: 1
Marau: 30	Cruz Alta: 5	Santo Antonio do Planalto: 3	Fagundes do Reis: 1
Porto Alegre: 25	Ibirubá: 5	São Marcos: 3	Ipê: 1
Bento Gonçalves: 24	Sananduva: 5	Alvorada: 2	Itapeva: 1
Carazinho: 24	Santa Rosa: 5	Bagé: 2	Lagoão: 1
Vila Lângaro: 24	Tucunduva: 5	Butiá: 2	Marcelino Ramos: 1
Fairroupilha: 20	Campo Bom: 4	Carlos Barbosa: 2	Mato Castelhano: 1
Segredo: 20	David Canabarro: 4	Caseiros: 2	Muliterno: 1
Espumoso: 15	Esmeralda: 4	Cerro Grande: 2	Planalto: 1
Soledade: 15	Garibaldi: 4	Getúlio Vargas: 2	Porto Xavier: 1
Erechim: 14	Ipiranga do Sul: 4	Itaqui: 2	Pulador: 1
Frederico Westphalen: 14	Jaquirana: 4	Nonoai: 2	Santo Antonio do Palma: 1
Veranópolis: 12	Lagoa Vermelha: 4	Osório: 2	Santo Expedito do Sul: 1
Sobradinho: 11	Portão: 4	Pantano Grande: 2	São Jorge: 1
Tupanciretã: 11	Rio Grande: 4	Parai: 2	São Luiz Gonzaga: 1
Nova Bassano: 10	Salvador do Sul: 4	Pelotas: 2	Sete de Setembro: 1
Palmeira das Missões: 10	Santiago: 4	Quatro Irmãos: 2	Tamandaré do Sul: 1
Guaporé: 8	Sertão: 4	Ronda Alta: 2	Taquara do Sul: 1
Vila Flores: 7	Tapera: 4	Santo Ângelo: 2	Tenente Portela: 1
Bom Jesus: 6	Cachoeira do Sul: 3	São Leopoldo: 2	Três Cachoeiras: 1
Estação: 6	Cacique Doble: 3	Sapiranga: 2	Três de Maio: 1
Flores da Cunha: 6	Canoas: 3	Serafina Corrêa: 2	Viadutos: 1
Jacuzinho: 6	Capão da Canoa: 3	Taquara: 2	Vista Alegre: 1
Não-Me-Toque: 6	Charrua: 3	Tio Hugo: 2	
Palmitinho: 6	Cotiporã: 3	Alpestre: 1	
Santana do Livramento: 6	Ibiaçá: 3	Arroio do Tigre: 1	

CIDADES DOS OUTROS ESTADOS:

Santa Catarina:

Curitibanos: 6
São José: 6
Anita Garibaldi: 3
Chapecó: 3
São José do Cedro: 2
Lages: 2
Criciúma: 2

Ipumirim: 2
Correia Pinto: 1
Indaial: 1
São Joaquim: 1
Xaxim: 1
Ponte Serrada: 1
Piratuba: 1
Videira: 1
Pinheiro Preto: 1
Balneário Camboriú: 1

Paraná:

Curitiba: 5
Cascavel: 3
Palmas: 3
Pato Branco: 2

Mato Grosso:

Marcelândia: 1
Primavera do Leste: 1

São Paulo:

São Paulo: 4

6. PROFISSÕES:

617 pessoas registraram a profissão

636 não registraram

Estudante: 128	Cabeleireira: 4	Agente Educacional: 1	Juíza: 1
Do Lar: 63	Empresário (a): 4	Agropecuaria: 1	Lavrador: 1
Professor (a): 45	Auxiliar Administrativo: 3	Artesã: 1	Lubrificador: 1
Agricultor (a): 30	Auxiliar de Produção: 3	Atleta: 1	Manicure: 1
Doméstica: 26	Diarista: 3	Auxiliar de Impressor: 1	Massoterapeuta: 1
Aposentado (a): 24	Padeiro: 3	Auxiliar Elétrico: 1	Médico Veterinário: 1
Vendedor (a): 23	Soldador: 3	Auxiliar Operador: 1	Merendeira: 1
Funcionário (a) Público: 20	Administrador de Empresa: 2	Babá: 1	Nutricionista: 1
Motorista: 20	Auxiliar de Escritório: 2	Bancária: 1	Operador de Máquina: 1
Aux./ Téc. Enfermagem: 18	Auxiliar de Indústria: 2	Caminhoneiro: 1	Pedagoga: 1
Comerciante: 16	Camareira: 2	Carpinteiro: 1	Pensionista: 1
Comerciário (a): 13	Contabilista: 2	Cobrador: 1	Radialista: 1
Militar: 13	Eletricista: 2	Confeiteira: 1	Recepcionista: 1
Costureira: 8	Estofador: 2	Cozinheira: 1	Repositora: 1
Desempregado (a): 8	Frente de Caixa: 2	Desenhista: 1	RGE: 1
Representante Comercial: 8	Gerente: 2	Digitadora: 1	Serrador: 1
Secretária: 7	Industriário: 2	Economista: 1	Supervisor de Vendas: 1
Advogado (a): 6	Moveleiro: 2	Empacotadora: 1	Taxista: 1
Auxiliar: 6	Operário: 2	Escreveinte: 1	Tecelão: 1
Agente de Saúde: 5	Pintor: 2	Fisioterapeuta: 1	Técnico Contábil: 1
Mecânico: 5	Segurança: 2	Florista: 1	Vendedor Ambulante: 1
Metalúrgico: 5	Servente: 2	Frentista: 1	Viajante: 1
Pedreiro: 5	Técnico Agrícola: 2	Garçom: 1	
Serviços Gerais: 5	Torneiro Mecânico: 2	Gráfico: 1	
Vigilante: 5	Administradora: 1	Instrutor: 1	

7. IDADES:

Total de assinantes que colocaram a idade: 1086

Não colocaram a idade: 167

Ordem Numérica	Por Quantidade
5-9: 46	41-45: 141
10-14: 94	36-40: 127
15-20: 94	46-50: 112
21-25: 99	21-25: 99
26-30: 82	31-35: 99
31-35: 99	10-14: 94
36-40: 127	15-20: 94
41-45: 141	26-30: 82
46-50: 112	51-55: 64
51-55: 64	56-60: 52
56-60: 52	5-9: 46
61-65: 25	61-65: 25
66-70: 17	66-70: 17
71-75: 16	71-75: 16
76-80: 10	76-80: 10
81-85: 8	81-85: 8

8. OBJETIVOS (Pedidos e Agradecimentos)

Pedidos: 661

Agradecimentos: 186

Pedidos e Agradecimentos juntos: 48

Total: 895

Não Manifestaram: 358

Tipo de Pedidos:

Saúde p/ família: 138
Saúde/paz/felicidade/harmonia/trabalho/sucesso: 137
Saúde: 92
Pela família: 66
Emprego: 43
Passar de ano: 29
Ajuda: 16
2005 bom/feliz: 9
Benção pela vida: 7
Conseguir aposentadoria: 7
Cura de doença grave – SIDA: 6
Passar no vestibular: 6
Ajuda nos estudos: 4
Dinheiro: 4
Marido deixe de beber: 4
Que a namorada volte: 3
Que os filhos passem no vestibular: 3
Saldar dívidas: 3
Conseguir ser mãe: 2
Deixar de beber: 2
Passar em todas as matérias da faculdade: 2
Passar na prova da OAB: 2
Proteção: 2
Ser pai pela 1ª vez: 1
Achar o filho: 1
Ajuda para terminar a faculdade: 1
Benção para o lar: 1
Comprar casa própria: 1
Conseguir bolsa de estudos: 1
Conseguir pensão integral: 1
Conseguir um amor: 1
Marido sair da cadeia: 1
Marido volte para casa: 1

Melhora financeira: 1
P/ os filhos passarem de ano: 1
P/ voltar a viver com esposa e filha: 1
Passar concurso INSS: 1
Passar no teste da auto escola: 1
Passar no vestibular da PUC: 1
Passar no vestibular para medicina: 1
Passar para fisioterapia na UPF, UNICRUZ, UNIJUÍ e UNIFRA: 1
Paz na partida da mãe: 1
Proteção no amor: 1
Proteção nos estudos: 1
Que a filha perdoe o pai: 1
Que o filho abandone as drogas: 1
Que o filho volte: 1
Que o marido volte: 1
Que o mundo possa ser bom: 1
Que o parto seja tranqüilo: 1
Que os pais se entendam: 1
Sogro sair da cadeia: 1
Sucesso profissional: 1
Trocar de setor: 1
União das famílias: 1